

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e
Aprendizagem

Renata Balieiro Diniz Teixeira

**FAMÍLIAS COM GÊMEOS: um estudo sobre o relacionamento fraterno e a dinâmica
das relações familiares**

**BAURU-SP
2014**

Renata Balieiro Diniz Teixeira

FAMÍLIAS COM GÊMEOS: um estudo sobre o relacionamento fraterno e a dinâmica das
relações familiares

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, sob a orientação da Profª Drª Tânia Gracy Martins do Valle.

BAURU-SP
2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de RENATA BALIEIRO DINIZ TEIXEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

Aos 22 dias do mês de agosto do ano de 2014, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-graduação/FC, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. TANIA GRACY MARTINS DO VALLE do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. ADRIANA LEÓNIDAS DE OLIVEIRA do(a) Departamento de Psicologia / Universidade de Taubaté, Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de RENATA BALIEIRO DINIZ TEIXEIRA, intitulada "FAMÍLIAS COM GÊMEOS: UM ESTUDO SOBRE O RELACIONAMENTO FRATERNAL E A DINÂMICA DAS RELAÇÕES FAMILIARES". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

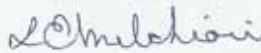
Profa. Dra. TANIA GRACY MARTINS DO VALLE



Prof. Dr. ADRIANA LEÓNIDAS DE OLIVEIRA



Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI



*A todas as famílias que
cultivam a vida.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha eterna gratidão por, mais uma vez, agir em minha vida! Permita-me estar sempre aberta aos seus planos e ajudar-te a concretizá-los.

Durante os últimos dois anos e meio, nos quais estive absorvida em intermináveis pesquisas, estudos, reflexões e muitas dúvidas, contei com parceiros incansáveis que permaneceram comigo. Fosse ao meu lado de mãos dadas, à minha frente puxando-me ou, por vezes, estiveram atrás amparando-me.

Em especial, agradeço aos meus pais pelo constante suporte e grande estímulo nos estudos e pelos exemplos constantes de ética e comprometimento:

- ❖ Minha mãe, Márcia, maior incentivadora. De maneira muito sábia, lá atrás já previa meus passos que levariam ao mestrado e sempre os acompanhou de perto. Aliás, sempre, na vida, acompanhou, protegeu, respeitou e motivou! Minha primeira, grande e eterna amiga!
- ❖ Meu pai, Edmundo Júnior, presença constante, amor transbordante! Temos, entre tantas outras, uma característica fundamental em comum: a paixão pelas nossas escolhas de “profissões-vida”. Você é meu maior exemplo de dedicação, perseverança e conquista.

Agradeço, também, ao meu marido, Leandro. Meu amor, grande amigo e companheiro de vida. Deus nos escolheu para caminhar juntos e foi tão bom sentir você comigo durante mais esta viagem, sempre apostando em mim e fazendo-me acreditar que seria possível!

Gostaria de dizer muito obrigada a tantos anjos que de maneira direta ou indireta contribuíram para a realização deste sonho, mas destaco:

- ❖ Minha irmã, Laís, com quem aprendi o amor fraternal, com quem construo, diariamente, um relacionamento como nenhum outro na vida.
- ❖ Meus avós, sempre tão animados e orgulhosos a cada conquista. Sinto que cada vez tenho mais de vocês em mim. E isso me faz melhor!
- ❖ Os participantes da pesquisa, por tanta generosidade em compartilhar comigo suas histórias.
- ❖ Minha querida professora do Ensino Médio, Lúcia Maria, que fez a revisão gramatical deste trabalho, enriquecendo-o com seus conhecimentos e envolvendo-me com um carinho que somente pessoas especiais como ela podem fazer.
- ❖ E, sem dúvidas, os meus amigos. Aqueles de sempre e para sempre, muito obrigada por existirem na minha vida! E também os companheiros que fiz nesta jornada acadêmica. E que jornada! Vocês foram fundamentais para me lembrar de que mesmo em meio a um trabalho, que em grande parte é solitário, é possível a realização de surpreendentes trocas. Reitero a maravilha que foi conhecer vocês, amigos que levo para vida!

À minha Banca Examinadora, sou grata pelas grandes contribuições:

- ❖ Prof^a. Dr^a. Tânia do Valle, minha orientadora, obrigada pela confiança e pela liberdade concedida ao longo de todo o trabalho.
- ❖ Prof^a. Dr^a. Adriana de Oliveira, minha professora desde o primeiro ano da faculdade, constituiu-se figura imprescindível em minha formação como pesquisadora. Tomo-a como referência, com grande admiração. Não tenho palavras para expressar o quanto foi importante ter sua presença e seus ensinamentos em minha banca.
- ❖ Prof^a. Dr^a. Lígia Ebner, com quem tive o prazer de ter aula no mestrado e que tanto me ensinou sobre as famílias, agradeço pelo incentivo desde o início do projeto e por ter aceitado fazer parte da banca, enriquecendo-a.

Irmãos viajando no trem da vida

“Os irmãos começam essa viagem quando são colocados no mesmo trem, mais especificamente, no mesmo vagão.

[...]

No início dessa viagem, os irmãos estarão sempre juntos, e irão compartilhá-la com muita intensidade. Irão compartilhar espaços e momentos.

[...]

E assim seguem viagem... A certa altura esses companheiros acabam tornando-se pessoas muito diferentes, e essas diferenças fazem com que sintam que um vagão tornou-se pequeno para ser dividido, e passam a desejar, muitas vezes, um vagão somente para eles.

[...]

Embora continuem no mesmo trem, à medida que cada irmão ocupa seu próprio vagão, novos desafios podem ser encarados. Talvez o maior deles seja que todos, mesmo tendo seus próprios vagões, não se esqueçam do vagão original, e continuem preservando-o, não permitindo que ele se descarrile.

[...]

Ao longo dessa viagem haverá a possibilidade de encontros e reencontros, de experienciar movimentos de idas e vindas de um vagão para o outro, e a viagem poderá ser reavaliada a qualquer momento. Seu trajeto, assim como a forma de percorrê-lo, poderá ser redefinido caso assim desejem. E o mais importante: ter compartilhado essa viagem com pessoas que se tornaram especiais, permite aos viajantes dividir a memória de cada momento vivido ao longo dessa jornada compartilhada. Revisitar essa memória poderá trazer uma sensação de identidade e de integridade aos viajantes, pois define e configura, em muitos sentidos, suas próprias vidas”.

Adriana Leônidas de Oliveira

(Dissertação de Mestrado - 2000, p.281-284)

TEIXEIRA, Renata Balieiro Diniz. FAMÍLIAS COM GÊMEOS: um estudo sobre o relacionamento fraterno e a dinâmica das relações familiares. 2014. 206 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista, Bauru.

RESUMO

O fenômeno da gemelaridade é permeado por peculiaridades que despertam a curiosidade e diversos questionamentos. Tais questões são, normalmente, respondidas por meio de estereótipos amplamente divulgados tanto na sociedade como dentro das próprias famílias. Constata-se, entretanto que estudos científicos sobre a temática podem contribuir para romper com pressupostos que afetam negativamente o desenvolvimento de crianças gêmeas e suas famílias, dando lugar à construção de um conhecimento que retrate a realidade vivenciada por esses indivíduos e amplie as possibilidades de desenvolvimento saudável e bem-estar individual e familiar. Assim, adotando a Teoria Familiar Sistêmica, buscou-se como objetivos do estudo a caracterização de famílias com crianças gêmeas e a análise da percepção das próprias crianças sobre sua vivência familiar e relacional. Participaram da pesquisa 11 famílias com configurações diversas, mas que tinham como filhos mais novos um par de gêmeos, monozigóticos ou dizigóticos de ambos os gêneros, com idades entre seis e 12 anos. Por meio de um questionário preenchido pelas mães, um inventário respondido, separadamente, pelos irmãos gêmeos e um desenho da família também executado por cada um dos gêmeos, alcançou-se características estruturais e dinâmicas das 11 famílias participantes, além de escolher cinco famílias para realizar estudos de caso. Foram investigadas as configurações familiares e o modo de vida, as redes de relação estabelecidas

entre os subsistemas de cada família e a percepção das crianças sobre o seu funcionamento familiar, enfatizando as relações fraternas gemelares. Como principais achados, são apontados: indícios de que a dinâmica familiar dos participantes desta pesquisa ainda permanece seguindo modelos tradicionais que reforçam a pouca participação dos homens nas rotinas domésticas e sobrecarregam as mulheres (avós, mães e filhas mais velhas); que o relacionamento dos participantes com seu cogêmeo é baseado na ambiguidade, principalmente entre o companheirismo e os conflitos e, portanto alerta-se para os prejuízos que uma relação fraterna apoiada nas premissas de modelo e antimodelo familiar podem causar no desenvolvimento; e que, por outro lado, a relação fraterna gemelar, na maioria dos casos é a melhor relação familiar e assim, pode ser considerada importante ferramenta para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e resiliência. Propõe-se ainda que a relação com um irmão gêmeo pode permitir um ambiente privilegiado de desenvolvimento da autonomia e individuação, fazendo com que a criança construa-se como indivíduo a partir e não apesar de a relação fraterna gemelar. Assim, pretendeu-se ampliar o debate acerca do tema, acreditando que mais estudos sobre sistemas familiares com filhos gêmeos precisam ser estimulados para que se possa compreender melhor a dinâmica das relações familiares na sua diversidade.

Palavras chave: Gêmeos; Relação entre Irmãos; Características Familiares; Teoria Familiar Sistêmica.

TEIXEIRA, Renata Balieiro Diniz. FAMILIES WITH TWINS: a review about the fraternal relationship and the dynamics of family relationships. 2014. 206 p. Dissertation. (Master`s Degree in Development and Learning Psychology) – Paulista State University, Bauru.

ABSTRACT

The phenomenon of twinning is permeated by peculiarities that arouse the curiosity as well as it arouses many questions. Such questions are usually answered through stereotypes which are largely spread not only in the society but also inside the families. However, it is noted that scientific studies about the topic may contribute to break up the assumptions that negatively affect the development of twin children and their families, leading to the construction of knowledge that portrays the reality experienced by those individuals, and enlarges the possibilities of a healthy development and welfare. Therefore, embracing the Family Systems Theory, we aimed at the characterization of families with twin children and the analysis of the perception of the own children concerning their family life and relation. 11 families with various configurations participated in the survey, however, they had twins as their youngest children, monozygotic or dizygotic of both genres, ages ranging from 6 to 12 years old. Through a questionnaire filled in by the mothers, an inventory answered separately by the twins, and a drawing of the family also done by each one of the twins, we achieved structural characteristics and dynamics of the 11 families that participated, besides choosing 5 families, so that studies of cases were performed. Family configurations and lifestyle, the relationship nets established between the sub-systems of each family, and the perception of the children about their family operation were investigated emphasizing the twins' relationship. As the most important discoveries, we point: evidences that the family dynamics of the participants

of the survey still follows the traditional patterns that reinforce the little participation of men in the domestic routine, and overcharge women (grandmothers, mothers and older sisters); that the relationship of the participants with his co-twin is based on ambiguity, specially between the fellowship and the conflicts, and, therefore, we alert to the losses that a sibling relation supported by the premises of family model and anti-model can cause in the development; and that, on the other hand, the twin fraternal relationship, in most of the cases is the best family relationship, and therefore, it can be considered an important tool to the development of strategies coping and resilience. It is also proposed that a relationship with a twin brother may allow a privileged environment of development of autonomy and individuation, causing the child to build himself as an individual from and not despite the twin relationship. Therefore, we intend on enlarging the debate about the topic, considering that more studies about family systems with twin children need to be stimulated so as to better understand the dynamics of family relationships in its diversity.

Key words: Twins; Siblings Relation; Family Characteristics; Family Systems Theory.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 A FAMÍLIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA E DO CICLO VITAL	14
1.2 O PENSAMENTO SISTÊMICO	24
1.3 CONCEPÇÃO SISTÊMICA DA FAMÍLIA.....	30
1.4 O SUBSISTEMA FRATERNAL E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	40
1.5 O AUMENTO DA GEMELARIDADE COMO UM FENÔMENO CONTEMPORÂNEO	52
1.6 PESQUISAS COM GÊMEOS: PARTICULARIDADES E NECESSIDADES	58
2 OBJETIVOS	77
2.1 OBJETIVO GERAL	77
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	77
3 MÉTODO	78
3.1 TIPO DA PESQUISA	78
3.2 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	80
3.3 LOCAIS DE PESQUISA	85
3.4 INSTRUMENTOS	85
3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	87
3.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	89
4 RESULTADOS	93
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SISTEMAS FAMILIARES	93
4.2 RELAÇÕES FAMILIARES	98
4.3 ESTUDOS DE CASO	99
4.3.1 Família Abraão – Victor e Leonardo.....	100
4.3.2 Família Borges - Carolina e Amanda.....	109
4.3.3 Família Correia – João e Roberto.....	120
4.3.4 Família Dantas – Catarina e Catarine	128
4.3.5 Família Esteves – Daniela e Douglas.....	139
5 DISCUSSÃO	147
5.1 DISCUTINDO AS CARACTERÍSTICAS FAMILIARES	147
5.2 DISCUTINDO AS RELAÇÕES FAMILIARES.....	152
5.3 DISCUTINDO A PERCEPÇÃO INFANTIL SOBRE A DINÂMICA FAMILIAR.....	155
5.3.1 Família Abraão	155
5.3.2 Família Borges.....	158
5.3.3 Família Correia.....	160
5.3.4 Família Dantas.....	163
5.3.5 Família Esteves	166
5.4 DISCUTINDO ASPECTOS CENTRAIS DA PESQUISA	168
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS	176
ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR – QCSF	187
ANEXO B - INVENTÁRIO DE REDE DE RELAÇÕES – IRR	194
ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	198
ANEXO D - QUADRO REFERENCIAL PARA ANÁLISE DO TDF	200
APENDICE A - CARTA DE SOLICITAÇÃO	205
APENDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	206

APRESENTAÇÃO

Em minha Graduação em Psicologia pela Universidade de Taubaté, no ano de 2011, realizei o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Habilidades Sociais na Infância: um estudo sobre o relacionamento fraterno e as práticas educativas parentais”. Nessa pesquisa, sob a perspectiva teórica da Análise do Comportamento, realizei estudos de casos sobre o desempenho social de crianças pré-escolares (de três a seis anos) no contexto do relacionamento entre irmãos e também as habilidades sociais educativas parentais. Os resultados apontaram direções de análises que corroboram com o conhecimento já consolidado, mas algumas questões que não foram abordadas no trabalho continuaram a me intrigar e o relacionamento fraterno, especificamente, o fenômeno da gemelaridade, despertou-me grande interesse, já que dentre os seis casos estudados, dois eram formados por gêmeos e um por trigêmeos.

No presente trabalho continuo investigando a família e a relação fraterna, entretanto tomei outros direcionamentos: focalizo em famílias com gêmeos em idade escolar (de seis a 12 anos) e busco a compreensão dos fenômenos sob a luz da Teoria Familiar Sistêmica.

Considero que o sistema familiar constitua um importante tema de investigação científica, já que o desenvolvimento familiar apresenta questões de inúmeras naturezas e há variados aspectos que o compõe. Estudos sobre as diferentes formas de família, as relações nela estabelecidas e suas repercussões para o desenvolvimento humano em todas as suas etapas, mostram-se como importantes objetos de pesquisa e configuram uma área de grande interesse para a aplicação em Psicologia e suas interfaces.

Atualmente, há vasta literatura que evidencia aspectos referentes à dinâmica familiar entre pais e filhos e entre o casal, assim como sobre os impactos das relações parentais e conjugais sobre o desenvolvimento infantil, contudo no que se refere ao relacionamento

fraterno pouco ainda se sabe. Apesar de estar ganhando um importante espaço na literatura científica, o interesse da Psicologia pela temática das relações fraternas iniciou-se mais enfaticamente somente a partir do século XXI e ainda há muito que se investigar.

Especificamente sobre as relações fraternas envolvendo o fenômeno da gemelaridade, acredito que essas trazem inúmeras possibilidades e peculiaridades, assim como curiosidades e questionamentos da sociedade como um todo. Essa temática está presente em mitos, em passagens bíblicas, é frequentemente abordada na mídia e também em pesquisas acadêmicas. No entanto, a maior parte dos estudos busca a comparação das determinações ambientais e genéticas através de gêmeos monozigóticos. Apesar de reconhecer a importância desse tipo de estudo proponho-me, na presente pesquisa no âmbito da Psicologia, a investigar a gemelaridade sob o ponto de vista sistêmico, analisando alguns aspectos que podem influenciar o desenvolvimento infantil e familiar, devido à complexidade e diversidade existentes nessas famílias, tanto em sua estrutura quanto nas dinâmicas relacionais.

Considerando o aumento dos nascimentos múltiplos nos últimos anos e também que a literatura brasileira sobre o tema (principalmente estudos psicológicos) ainda é escassa, reafirmo a relevância de se investigar os fatores que atuam sobre o desenvolvimento dessas crianças, assim como conhecer as famílias e as relações que se estabelecem.

Diante desse panorama, acredito que caracterizar famílias com crianças gêmeas e analisar a percepção das próprias crianças sobre sua vivência familiar e relacional, através de uma perspectiva ainda pouco investigada, possa contribuir para a construção do conhecimento acadêmico, além também de subsidiar futuras contribuições sociais, por exemplo, para pais e professores de crianças múltiplas e outros profissionais que lidam com famílias e indivíduos gêmeos, assim como para os próprios sujeitos que vivenciam a gemelaridade.

Face ao exposto, são propostos os seguintes problemas de pesquisa: Quais são as

características de sistemas familiares com gêmeos? Como são constituídas as redes de relações familiares desses irmãos? Como as crianças gêmeas percebem sua estrutura e dinâmica familiares?

A pesquisa está organizada em seis seções, além das Referências, Anexos e Apêndices. Na primeira, Introdução, realizo uma fundamentação teórica analisando fontes bibliográficas que são sistematizadas em seis subseções: A Família e suas Transformações ao longo da História e do Ciclo Vital; O Pensamento Sistêmico; Concepção Sistêmica da Família; O Subsistema Fraternal e seu Papel no Desenvolvimento Infantil; O Aumento da Gemelaridade como um Fenômeno Contemporâneo; Pesquisas com Gêmeos: particularidades e necessidades. A seguir, apresento os Objetivos divididos em Objetivo Geral e Objetivos Específicos. A parte seguinte é o Método, composta por: Tipo da Pesquisa; Participantes; Local; Instrumentos; Procedimentos de Coleta de Dados e Procedimentos de Análise dos Dados. Os Resultados são apresentados na próxima seção, seguidos da Discussão e, finalizando, apresento as Considerações Finais desta dissertação.

1 INTRODUÇÃO

Propõe-se a aplicação do enfoque sistêmico à investigação de grupos familiares com gêmeos. Para tanto, faz-se relevante relembrar as transformações pelas quais a instituição familiar vem passando ao longo da história, destacando as realidades vivenciadas nos dias atuais no contexto brasileiro e nesse sentido, considera-se a maior incidência de nascimentos múltiplos. Considera-se também as transformações exigidas do sistema durante as etapas do ciclo de vida familiar. Repassa-se, brevemente, a trajetória do Pensamento Sistêmico e aborda-se, ainda, a compreensão da família como sistema vivo. Visando à apreensão do subsistema fraterno e seu papel no desenvolvimento infantil, dedica-se um espaço a essa temática que conduz ao último aspecto trabalhado nas duas últimas subseções da introdução: a gemelaridade. Compreende-se o aumento da gemelaridade como um fenômeno contemporâneo que necessita de investigações científicas mais amplas que considerem as particularidades e a complexidade desse sistema familiar.

1.1 A Família e suas Transformações ao longo da História e do Ciclo

Vital

A família, um dos primeiros contextos do desenvolvimento e socialização humanos e uma das protagonistas no ciclo vital, tem sua importância reconhecida e consolidada na Psicologia. Costa (2010), apontando contribuições de autores da área da terapia familiar, destaca que o interesse sobre o papel da família, principalmente em conflitos e no sofrimento decorrente desses está presente desde o início dos estudos psicológicos. Em consonância com essa afirmação, Dessen e Silva Neto (2000) relembram que o reconhecimento da importância do contexto familiar para o desenvolvimento individual já é consolidado desde muito tempo, mas apontam também que pesquisas psicológicas empíricas com essa temática datam somente

a partir da década de 1970 com os estudos de Urie Bronfenbrenner. Já Rooke e Pereira-Silva (2012) indicam 1950 como o ano de surgimento dos primeiros estudos sobre a família na perspectiva do desenvolvimento humano, mas afirmam que os maiores avanços vêm ocorrendo a menos de 20 anos e, por isso, a área de pesquisa pode ser considerada recente. Neder (2000) complementa essas informações ao referir-se a estudos históricos das famílias brasileiras; a autora afirma que até recentemente pouco se estudava no Brasil sobre a história cultural das famílias, ou seja, as possibilidades de organização familiar existentes na sociedade, e que por isso, os dados ainda são recentes e fragmentados.

Tais afirmações ratificam a relevância de investigações científicas em Psicologia da Família que, pela complexidade de tendências e questões, devem buscar realidades familiares possíveis e existentes e não um modelo único de realidade familiar. E essas realidades devem ser compreendidas em suas singularidades, levando em conta a diversidade de tipos de famílias nas sociedades contemporâneas (DESSEN; SILVA NETO, 2000). Diversos autores (MACEDO, 1994; DESSEN; LEWIS, 1998, DALLOS; DRAPER, 2010, NASCIMENTO, 2006, GOETZ; VIEIRA, 2008) apontam que na pós-modernidade observam-se grandes mudanças na estrutura e na dinâmica da vida familiar, assim como na percepção do desenvolvimento da família.

Resgatando a história da família na Europa, Ariès (1981) evidencia, em uma descrição minuciosa sobre a criança e a vida familiar, as mudanças vividas pela família entre a Idade Média e a Moderna, apontando que era a prática comum no Ocidente medieval em qualquer classe social a família conservar seus filhos em casa até sete ou nove anos e depois disso enviá-los para casas de outras pessoas para se ocuparem da criação de crianças alheias. Meninos e meninas tornavam-se “aprendizes” até seus 14 ou 18 anos nessas outras casas, quando aí seguiam suas vidas e nem sempre voltavam à família de origem. Portanto, nessa

época, não era possível nutrir um sentimento familiar profundo, já que a família confundia-se com a sociedade e era mais proveniente de uma necessidade de assegurar a continuidade do nome e dos bens do que de um elo sentimental. Durante o período de “aprendizes”, as crianças e jovens eram responsáveis pelas tarefas domésticas que eram concebidas como forma de educação; aprendiam não só uma profissão, mas também valores diversos, já que não havia limites entre a vida profissional e privada. A criança aprendia pela prática, pela transmissão direta de conhecimentos através do contato diário e misturado à vida adulta e nesse contexto a escola era exceção (ARIÈS, 1981).

O autor afirma que os sentimentos e a realidade da família passaram por uma profunda e lenta transformação a partir do século XV. Um fato apontado como essencial na Idade Moderna foi o aumento da participação da escola na vida das crianças, que deixou de ser exclusiva para clérigos e passou a instrumento de iniciação social reconhecido. Apesar de inicialmente ter sido apenas para uma pequena parte da população, somente para os meninos e esses serem levados a escolas distantes e ainda permanecerem longe do seio familiar, já era uma evolução. Essa nova forma de educação expressa uma mudança no sentimento em relação à infância e, conseqüentemente, no sentimento de família. Assim, no século XVII, a criança já era vista como elemento indispensável na família, não ainda como o pivô do sistema, mas havia conquistado seu lugar junto aos seus pais o que não era possível quando era criada com estranhos. A partir daí a família passou a tomar a forma que caracterizou a família moderna: separou-se da sociedade, que antes se confundia com a família, e direcionou a energia do grupo para o desenvolvimento moral e ocupacional dos filhos, em uma época em que o pai fazia as regras e possuía controle e plenos poderes sobre aqueles. Intimidade, discrição e isolamento caracterizam a família nessa época. No entanto, esse tipo de família se limitava aos mais favorecidos e, por isso, no século XIX grande parte da população, os mais

pobres, ainda vivia como as famílias medievais (ARIÈS, 1981).

Chaves (2011) revela que o modelo de família no Brasil a partir do início do século XVI era patriarcal, seguindo o modelo europeu trazido pela colonização portuguesa. O autor afirma que na transição do século XVIII e XIX o movimento higienista provocou mudanças ideológicas e estruturais, principalmente nas famílias de elite brasileiras da época, quanto aos hábitos e costumes, assim como nos relacionamentos e na função parental. No entanto, o modelo patriarcal foi conservado intacto até o século XX, quando as famílias ocidentais sofreram maiores transformações com o movimento feminista, métodos anticoncepcionais e a entrada das mulheres no mercado de trabalho.

As sociedades industrializadas, a partir de meados do século XX, vivenciaram alterações na estrutura e na dinâmica das relações familiares, o que contribuiu efetivamente para a concepção da família pós-moderna (DESSEN; BRAZ, 2005). Wagner et al. (2005) complementa, afirmando que importantes movimentos e fenômenos sociais contribuíram para a configuração de um novo perfil de família na qual os papéis parentais também se modificaram.

A família do século XXI vivencia intensos avanços da globalização, informatização, tecnologia, na comunicação, nas questões de gênero, da espiritualidade, biotecnia, aumento populacional (CHAVES, 2011, CERVENY, 2011), além de outros fatores destacados por Negreiros e Féres-Carneiro (2004) que, em conjunto, podem ter contribuído para a expansão de um modelo novo de família na classe média brasileira nas últimas décadas:

o crescimento da economia, possibilitando uma mobilidade social ascendente dos setores médios; a inserção da mulher no mercado de trabalho, modificando o cotidiano familiar; o poder do homem, baseado na relação econômica, como único provedor, caindo em contradição; a escolaridade crescente da mulher, ampliando o seu nível de compreensão; os avanços da medicina, permitindo um controle efetivo da função reprodutora; a rapidez da transmissão de informações através da informatização e dos meios de comunicação de massa, permitindo uma constante exposição aos novos acontecimentos; mudanças jurídicas, garantindo direitos à mulher; progressos científicos e tecnológicos, abrindo espaços diversos (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004, p.40).

Diante desse panorama, Dessen e Braz (2005), assim como Mello et al. (2005) afirmam que a concepção de família passou por transformações na pós-modernidade quanto a sua constituição e valor diante da sociedade, o que suscita questionamentos sobre seu conceito e sua definição e sobre as ideias de normalidade relacionadas a ela.

Georgas (2006) aponta que, por décadas, aceitou-se a definição de família como um grupo social que mora junto e é formado por um casal e seus filhos, valorizando as funções familiares como econômicas, sexuais, reprodutivas e educacionais. Nesse sentido, Macedo (1994) afirmava haver uma concordância no senso comum sobre o conceito de família que implicava a ideia de “uma entidade composta de certos membros – pai, mãe e filhos – com determinadas responsabilidades – procriar e cuidar da prole” (p.63). No entanto, desde então o conceito de família sofreu transformações significativas e Petzold (1996) já afirmava que critérios antes aceitos como determinantes para caracterizar uma família eram restritos e estavam sendo ultrapassados. Outros autores acrescentam que o modelo patriarcal que valoriza a consanguinidade, a hierarquia familiar, sendo os filhos submissos aos pais, não mais é vigente no Brasil (MELLO et al., 2005). Cervený (2011) também evidencia que conceitos como dividir o mesmo espaço físico, ser do mesmo sangue ou a configuração de pais e filhos já não são capazes de abranger o que hoje se considera família.

Indica-se que atualmente a questão da definição de família é controversa, já que há inúmeras variações dos tipos de família nos milhares de sociedades e culturas ao redor do mundo. Qualquer definição, inclusive a definição de família, exige critérios minuciosos de categorização sobre o que constitui uma família, para que permita uma compreensão universalmente apropriada que corresponda à realidade em todas as culturas e nos mais variados tipos de estruturas e funções familiares. Assim, defende-se ser útil uma definição para fins descritivos, destacando uma definição ampla e aceitável de família com a qual

grande parte dos cientistas sociais e comportamentais concordam: uma instituição universal e necessária para a sobrevivência das sociedades humanas. Entretanto afirma-se que apenas um conceito de família não comporta uma instituição tão complexa e multifuncional, com tamanha variedade de tipos e diferentes significados e princípios culturais. E nesse sentido, talvez seja melhor falar sobre famílias ao invés de tentar uma definição levando em conta aquele núcleo familiar irredutível. (GEORGAS, 2006).

Complementando tal afirmação, Cano e Moré (2008) destacam que, concebida historicamente como um suporte social essencial ao desenvolvimento humano, a família é em muitos momentos “desafiada” quanto à sua configuração, organização e dinâmica. Dallos e Draper (2010) revelam que, em qualquer que seja o momento histórico, conceitos de família e vida familiar são influenciados pelas ideologias e discursos inerentes àquela sociedade. Lembra-se ainda que a família é uma construção cultural ao longo dos séculos de história e não um fato natural e que cada sistema elabora e transmite sua “cultura familiar” (BUCHER, 1999). Assim, não há um “conteúdo universal” que caracterize os papéis de gênero, já que são construídos histórica, social e culturalmente (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004).

Dessa maneira, apesar de ainda existirem famílias que seguem o modelo tradicional nuclear, no qual o homem é o provedor material do lar e a mulher cuida dos filhos e da casa, esse modelo que segue a divisão de papéis familiares pelo gênero e foi estabelecido com base no patriarcalismo amplamente difundido no Brasil desde o século XVI, está em transição e convive com diferentes representações de família. A família contemporânea lida com a inserção cada vez mais igualitária da mulher no mercado de trabalho e nas diferentes esferas sociais, e os homens já não são mais esperados para serem o único ou o principal provedor, havendo assim uma flexibilização das relações e redefinição dos projetos individuais e grupais assim como dos papéis e das tarefas familiares, o que constrói um modelo novo de

família (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004, DESSEN; BRAZ, 2005, WAGNET et al., 2005, GOETZ; VIEIRA, 2008, DALLOS; DRAPER, 2010, CHAVES, 2011, FIORIN; PATIAS; DIAS, 2011).

Dallos e Drapper (2010) em uma análise social e cultural sugerem que ideologias dominantes ou discursos sobre o que é “a vida familiar” produzem efeito direto no interior do contexto das famílias. No entanto, os autores também destacam que há uma diversidade de maneiras que as pessoas escolhem para viver juntas e que nem sempre seguem um padrão socialmente esperado, deixando claro que as pessoas são capazes de construir sua própria variedade de “vida familiar”. Acima de tudo, essas decisões sugerem a possibilidade de que as famílias não simplesmente absorvem ideologias e discursos, mas os traduzem dentro de sua própria "cultura familiar", articulando as tradições sociais às dinâmicas atuais de suas próprias famílias. Entre a sociedade e o indivíduo há um sistema de crenças da própria família. Os autores utilizam-se de uma metáfora sobre um baralho que oferece uma gama de opções de escolhas particulares que podem ser feitas. Essas opções são derivadas principalmente de experiências pessoais, tradições familiares e discursos sociais. Continuando a metáfora, eles afirmam que cada família tem seu próprio conjunto de cartas, que permite compreender suas opções e realizar escolhas.

Nascimento (2006) ressalta que nas últimas décadas a população brasileira em geral e, em especial a família, têm passado por diversas transformações decorrentes de acontecimentos históricos, econômicos, sociais e demográficos e aponta que houve modificações no aspecto reprodutivo que evidenciam diminuição das taxas de fecundidade, maior esperança de vida ao nascer, além de melhores condições de vida e saúde, acompanhadas da redução da mortalidade e de mudanças nas relações familiares e nos papéis de gênero dentro e fora de casa.

Os últimos resultados do Censo Demográfico (IBGE, 2010) também indicam mudanças, apontando para uma diversidade maior em relação aos tipos familiares. Afirma-se que, pensando na economia doméstica, muitos casais optam por se consolidar profissionalmente antes de ter filhos, e esse adiamento gera modificações nos padrões de organização familiar. Em meio a essa diversidade que afeta a vida familiar também são incluídas a “produção independente, bebê de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite” (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004, p.39). Stratton (2003) ainda enfatiza que alguns desses formatos sempre existiram, mas ganharam apenas recentemente uma denominação, e outros, como os filhos concebidos por inseminação artificial, são de fato novas possibilidades.

Todos esses aspectos, tais como maior esperança de vida ao nascer, opção por ter filhos mais tarde e maior popularização das técnicas de reprodução assistida, relacionam-se diretamente ao aumento de casos de gestação gemelar, população estudada no presente trabalho (BEIGUELMAN, 2008, MOORE; PERSAUD, 2008).

Diante das várias formas de vida familiar e considerando que “a família é uma unidade social que enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento” (MINUCHIN, 1982, p.25), afirma-se não ser possível tratar de todos os tipos de família em um único projeto, mas é fundamental definir a unidade social a ser estudada, objetivando uma maior sistematização do conhecimento produzido (DESSEN; LEWIS, 1998). Cerveny (2011) alerta que os recortes nos estudos com famílias retratam aquela realidade pesquisada num dado contexto que foi investigado em um momento histórico específico, não se devendo rotular ou exprimir verdades absolutas.

Assim, caracterizar o momento do ciclo vital em que as famílias pesquisadas se encontram é fundamental, pois em função dos estágios e fases de transição, as famílias

diferem muito entre si (BÖING; CREPALDI; MORÉ, 2008).

Minuchin (1982) afirma que a evolução e a mudança são inerentes à família e despertam a necessidade de reorganização. Dessen e Braz (2005) relembram as transições no desenvolvimento familiar ao longo do ciclo de vida da família, ou o que na Teoria Familiar Sistêmica denominam-se crises normativas. Assim, em cada estágio, há tarefas do desenvolvimento que são principais.

Segundo Hoffman (2008), a descoberta do ciclo de vida familiar se deu por um caminho indireto: investigações sobre o estresse e sobre os estágios de vida individuais apontaram para descobertas de que as crises estavam associadas às chegadas e partidas no sistema familiar - “crise de acréscimo” e “crise de desmembramento”. Com isso, muitas pesquisas passaram a investigar os estágios de vida familiar e alguns autores apontam a existência de 24 estágios, outros apontam apenas sete ou oito.

Carter e McGoldrick (2008), em um estudo com a classe média americana, destacam que as questões centrais a serem discutidas e negociadas no sistema familiar são a expansão, a contração e o realinhamento dos subsistemas para que suportem as entradas e saídas, assim como permitam o desenvolvimento dos membros familiares de maneira funcional. Essas autoras descrevem seis estágios do ciclo de vida familiar, quais sejam 1º) saindo de casa: jovens solteiros; 2º) a união de famílias no casamento: o novo casal; 3º) famílias com filhos pequenos; 4º) famílias com adolescentes; 5º) lançando os filhos e seguindo em frente e 6º) famílias no estágio tardio da vida (CARTER; MCGOLDRICK, 2008).

Cervený e Berthoud (1997) ao perceberem a necessidade de caracterizar o ciclo vital familiar no Brasil, que apresenta questões diferentes das apresentadas na literatura estrangeira, realizaram um estudo que buscou a caracterização do ciclo vital na família paulista de classe média e consideraram quatro fases do ciclo de vida familiar: 1º) fase de aquisição, que inclui a

união do casal, nascimento dos filhos e a vida com filhos pequenos; 2º) fase adolescente, que retrata a transição da infância para adolescência até a entrada dos filhos na jovem maturidade; 3º) fase madura, quando os filhos estão ganhando autonomia, saindo de casa e novos membros (nora, genro, neto) chegam ao sistema; 4º) fase última se caracteriza pelo fechamento do ciclo, com avós idosos.

Minuchin e Fishman (2003) apresentam o modelo do desenvolvimento familiar em quatro momentos: 1) formação do casal; 2) famílias com crianças pequenas; 3) famílias com filhos em idade escolar ou adolescentes e 4) famílias com filhos adultos.

Considerando que a divisão é apenas didática, já que etapas diferentes podem ocorrer concomitantemente em uma mesma família, considera-se na presente pesquisa o terceiro e o quarto estágios de Carter e McGoldrick (2008) e a primeira e a segunda fases de Cerveny e Berthoud (1997). Afirma-se que algumas famílias pesquisadas encontram-se ainda em fase de aquisição, enquanto outras vivenciam uma fase de transição entre a infância e a adolescência dos filhos e, ainda algumas famílias que apesar de os filhos gêmeos serem crianças, já possuem outros filhos mais velhos na adolescência ou até mesmo já saindo dela configurando diferentes vivências e desafios dentro do sistema.

Contudo, o terceiro momento do desenvolvimento familiar apresentado por Minuchin e Fishman (2003) é o que melhor caracteriza as famílias pesquisadas, já que discutem desde a entrada da criança na escola até a vivência da adolescência dos filhos, destacando como característica da fase a ocorrência de momentos de desequilíbrios que requerem adaptações. Os autores apontam como início dessa fase a entrada das crianças na escola e as mudanças no sistema para se adaptar às novas demandas do relacionamento com o sistema escolar. Na medida em que as crianças crescem, novos elementos precisam ser considerados pelo sistema, com renegociação de regras e ajustes das fronteiras, assim como discussões sobre autonomia e

controle. Destaca-se ainda que não somente os filhos crescem e mudam, como também todo o sistema familiar é afetado.

Todas as exigências de mudança com as quais a família se depara, sejam elas sociais, históricas, econômicas, culturais, individuais ou relacionadas às etapas do ciclo vital familiar, requerem uma reacomodação do sistema e afetam tanto a estrutura quanto a dinâmica das relações familiares (MINUCHIN, 1982). O mesmo autor, baseado no Pensamento Sistêmico, já afirmava que a família é a melhor unidade humana e que ela sempre se transformará, mas permanecerá existindo e que se tornará cada vez mais significativa como matriz do desenvolvimento psicossocial, ao passo que seus membros se tornam mais flexíveis e adaptáveis.

Nesse sentido, considera-se a aplicação do enfoque sistêmico para a compreensão de famílias com crianças gêmeas. Para tanto, a seguir descreve-se, de maneira concisa, o caminho científico traçado a fim de alcançar-se o Pensamento Sistêmico e, em seguida, buscase reforçar a compreensão sistêmica da família.

1.2 O Pensamento Sistêmico

Desde o “salto do mito para o logos”, na Grécia Antiga, entre os séculos VIII a.C. e VI a.C., quando houve o reconhecimento de que a razão poderia ser instrumento para conhecer o mundo, muito foi desenvolvido do chamado pensamento científico. Os pressupostos científicos do século XVII d.C. influenciaram sobremaneira a cultura ocidental, aplicando um padrão de racionalidade centrado na matematização da experiência, criando uma noção de mundo que prevalece vigorosa até os dias atuais (VASCONCELLOS, 2005).

Vasconcellos (2005) destaca que Bacon, Galileu, Descartes, Newton e Comte, dentre outros nomes, influenciaram o paradigma tradicional de ciência e relembra que a ciência

tradicional também chamada de ciência clássica ou de ciência moderna (já que se desenvolveu a partir do século XVII) possui como paradigmas os pressupostos da simplicidade, estabilidade e objetividade. A simplicidade é a crença de que para se compreender o mundo complexo, basta separá-lo em partes ou reduzi-lo para unificar o que é diverso, e a partir da operação disjuntiva ou da operação de redução alcançam-se elementos simples de serem entendidos e daí advém uma atitude de análise linear de relações causais; o pressuposto da estabilidade propõe que o mundo já é determinado e que é possível prever os fenômenos, controlá-los e, ainda, revertê-los; a objetividade é o pressuposto que acredita ser possível conhecer o mundo tal qual ele é, se for colocado entre parênteses a subjetividade do cientista, priorizando uma atitude de neutralidade como critério objetivo de cientificidade para se atingir uma versão única do conhecimento.

Enquanto o paradigma da ciência tradicional tem como pressupostos a simplicidade, a estabilidade e a objetividade, a “ciência novo-paradigmática emergente” do século XX abandona as leis deterministas dos fenômenos, a concepção de causalidade linear e a previsibilidade, pressupondo a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade na construção do conhecimento (VASCONCELLOS, 2005).

O pressuposto da complexidade defende a contextualização e a causalidade circular recursiva, ou seja, vai contra a redução e a disjunção e a favor de operações lógicas de distinção e conjunção onde distingue o objeto sem isolá-lo ou dissociá-lo de seu contexto e coloca o foco nas relações para estabelecer articulações e inter-relações. Esse pensamento integrador não concorda com uma simplicidade atomizada, visando a uma complexidade organizada. A recursividade revisa as noções de produtor e produto onde ambos são, ao mesmo tempo, coparticipantes ativos e necessários em um processo que os gera – “o produto é produtor do processo que o produz”. Nesse sentido, a recursão é um processo complexo bem

representado por um espiral dialético. A instabilidade defende a indeterminação, imprevisibilidade, irreversibilidade e incontrolabilidade do mundo e seus fenômenos, abandonando a previsão e trabalhando apenas com probabilidades. A intersubjetividade advém da constatação da impossibilidade de conhecer objetivamente o mundo. É impossível eliminar o observador ou colocá-lo externo ao seu objeto de estudo não só nas ciências humanas, mas até mesmo na física. Assim, aceita-se a ideia de que diferentes visões podem ser complementares, não havendo um ponto de vista unicamente responsável por dar conta da totalidade do real (VASCONCELLOS, 2005).

As influências mais marcantes na concepção sistêmica partem essencialmente da Teoria Geral dos Sistemas e da Cibernética (VASCONCELLOS, 2005, GRANDESSO, 2011, VOGEL, 2011).

O criador da Teoria Geral dos Sistemas, o biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy, desenvolveu na década de 1940 essa vertente teórica organicista que fundamenta o Pensamento Sistêmico. Compreendendo todo sistema como um organismo vivo, propôs-se a estudar as características e formular princípios aplicáveis a todas as classes de sistemas, criando um conjunto de suposições que pode ser utilizado em diversas áreas (VASCONCELLOS, 2005, GRANDESSO, 2011, VOGEL, 2011, DIAS; MELO, 2013).

Bertalanffy (1968) esclarece que um sistema pode ser aberto ou fechado. Sistemas fechados são aqueles que não estabelecem nenhuma troca com o ambiente enquanto que os abertos realizam trocas com o ambiente através de energia, matéria e/ou informação e também realizam processos internos. Nesse sentido, todo ser vivo é um sistema aberto, já que efetua relações de intercâmbio com o meio, recebendo influência dele e o influenciando.

Tão importante quanto e concomitantemente à Teoria Geral dos Sistemas, surge a Cibernética, vertente teórica mecanicista do Pensamento Sistêmico, fundada por Norbert

Wiener. Ocupando-se da teoria da comunicação e do controle na máquina e no animal, a Cibernética se propôs a investigar a entrada (*input*) e a saída (*output*) de informações de um sistema, ou seja, a troca de informações, como se dão as relações entre o sistema e o ambiente e dentro do próprio sistema, sem reduzir tais mecanismos de funcionamento de regulação a leis de causa e efeito (VASCONCELLOS, 2005, GRANDESSO, 2011, VOGEL, 2011).

Segundo Vasconcellos (2005) e Grandesso (2011), a Cibernética passou por etapas, evoluindo da chamada “Cibernética de Primeira Ordem”, que concebia o sistema como uma realidade independente do observador, até chegar à “Cibernética de Segunda Ordem” que traz a ideia de autorreferência, passando a incluir o cientista como parte ativa na construção da realidade que buscava conhecer.

A “Cibernética de Primeira Ordem” passou pela "Primeira Cibernética" e “Segunda Cibernética”. A "Primeira Cibernética" teve o foco na correção do erro para o restabelecimento da homeostase (retroalimentação negativa), ou seja, na autorregulação ou automanutenção, reconhecendo a complexidade, mas preservando princípios da estabilidade e da objetividade. Alcançando a "Segunda Cibernética", foram focalizados os processos de retroalimentação positiva, ou seja, a amplificação do desvio para o estabelecimento de novas possibilidades acreditando na capacidade de auto-organização. Nesse momento reconheceu-se, além da complexidade, a instabilidade, mas ainda havia a manutenção da objetividade. A "Cibernética de Segunda Ordem" se interessou pela indissociação do observador ao sistema observado, implicando no questionamento sobre a possibilidade da objetividade (VASCONCELLOS, 2005, GRANDESSO, 2011).

Com mais de 400 anos de história, a ciência tradicional ainda é bastante aceita, mas com um desenvolvimento progressivo, o Pensamento Sistêmico emergente do século XX que inicialmente revolucionou as ciências biológicas e exatas, influenciou profundamente também

as ciências sociais (MINUCHIN, 1985, DESSEN; BRAZ, 2005, VASCONCELLOS, 2005, VALLE, 2000).

Piszezman (2011) recorda que a Terapia Familiar Sistêmica se insere nesse contexto de mudança de paradigmas científicos, participando de grandiosos progressos na concepção de homem e na produção de conhecimento. Ponciano (1999) complementa que foi nos Estados Unidos, na década de 1950, que surgiu a terapia de família em um contexto de consolidação da expansão advinda da Segunda Guerra Mundial e transformações nas diversas áreas socioeconômicas.

Gregory Bateson, juntamente a Donald Jackson, Virginia Satir, Paul Watzlawick, Janet Beavin, John Weakland, Jay Haley e outros foram pioneiros na inclusão do Pensamento Sistêmico na área da Psicologia nas décadas de 1950 e 1960 através dos estudos, em Terapia Familiar, desenvolvidos no Mental Research Institute (MRI), em Palo Alto, na Califórnia (VASCONCELLOS, 2005, GRANDESSO, 2011).

Bateson, que veio a ser o grande mentor do que se tornou a Teoria Sistêmica na Terapia de Família, não somente foi responsável pela aproximação da Teoria Geral dos Sistemas e da Cibernética com a área “psi”, como também ele e outros teóricos, como Jackson, Watzlawick, Beavin, Speer, Minuchin, Keeney e Hoffman, além de serem referências para prática dos psicoterapeutas sistêmicos, ampliaram o entendimento dos fenômenos físicos enquanto relações para todos os fenômenos, levando a compreensão sistêmica do universo às demais áreas (MINUCHIN, 1985, VALLE, 2000, VOGEL, 2011).

Vasconcellos (2005) e Grandesso (2011) afirmam que a passagem para a “Cibernética de Segunda Ordem” deu início a um novo período nas práticas sistêmicas, representando uma mudança paradigmática nas ciências e caracterizando a terapia nos parâmetros da pós-modernidade, redefinindo o próprio conceito de terapia e reconhecendo o terapeuta como

indivíduo ativo na relação para a transformação do sistema familiar.

Conceitos trazidos por Bertalanffy e Wiener, tais como sistemas abertos e fechados, circularidade, globalidade, não-somatividade, equifinalidade, homeostase, autorregulação, retroalimentação positiva e negativa, hierarquia, adaptabilidade e intercâmbio com o meio foram absorvidos no trabalho terapêutico com famílias e permitiram o surgimento de novas formas de compreensão e atuação nesse contexto (VASCONCELLOS, 2005, GRANDESSO, 2011).

Dessen e Braz (2005) apontam, de maneira resumida, como os princípios básicos do sistema familiar e de todos os sistemas vivos: o sistema é um todo organizado e complexo, composto por subsistemas interdependentes; todo sistema vivo é aberto, ou seja, estabelece trocas com o ambiente, possui elementos homeostáticos e mecanismos de reequilíbrio que mantêm a estabilidade de seus padrões; tais padrões são circulares e não lineares, ou seja, há bidirecionalidade entre os componentes que se influenciam mutuamente. Assim, a família é um todo com uma estrutura, uma dinâmica e uma função, com relações que tendem ao equilíbrio e são reguladas pelos princípios de retroalimentação.

Os estudiosos da terapia de família que tinham uma base comum construída em conjunto, foram dando origem a diversos centros de estudo, e novas escolas se desenvolveram a partir do enfoque sistêmico, fazendo surgir variações de teorias e práticas. São exemplos de escolas sistêmicas a Escola Estratégica, a Escola Estrutural, a de Milão, a de Roma e, mais recente, a Escola Construtivista (FÉRES-CARNEIRO, 1996a, GRANDESSO, 2011, VOGEL, 2011).

Segundo Ponciano (1999), a terapia de família surge no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, nos anos 70 trazida por estudiosos com formação internacional e a mesma variedade de terapias sistêmicas de família existentes fora do Brasil, também pode ser

encontrada aqui.

Diante dessa variação, faz-se a opção no presente trabalho pela ênfase na abordagem estrutural cujo principal teórico é Salvador Minuchin (FÉRES-CARNEIRO, 1996a, PISZEZMAN, 2011), mas também citando outros autores que contribuem para fortalecer a visão sistêmica e elucidar alguns aspectos mais atuais da teoria e da realidade brasileira.

Desenvolvida na segunda metade do século vinte, a terapia estrutural da família parte do conceito de homem em seu contexto social, como parte de seu ambiente (MINUCHIN, 1982). Piszczman (2011, p. 151) refere-se a Minuchin e seus colaboradores como responsáveis por desenvolver “uma abordagem terapêutica fundada na realidade presente, orientada na solução de problemas e, sobretudo, contextual, tendo como referência o desenvolvimento social”, conforme discutido a seguir.

1.3 Concepção Sistêmica da Família

Compreendendo a família e o indivíduo simultaneamente, Cerveny (2011) afirma que o indivíduo, ao mesmo tempo, é uma parte e um todo de sistemas maiores (familiar, econômico, sociocultural e assim por diante). Assim, a família é entendida “como um sistema de relações que opera de acordo com certos princípios básicos e que evolui no seu desenvolvimento, de um modo particular e complexo determinado por inúmeros fatores” (CERVENY, 2011, p.17).

A Teoria Sistêmica, segundo Cano e Moré (2008, p. 255) entende a família “como uma rede de relações, em que aquilo que acontece a um membro repercute em toda a estrutura familiar, ou seja, estabelece uma relação de recursividade, sendo o membro familiar tanto influenciado como fator de influência do sistema”. Para Dessen e Braz (2005) a família constitui-se como um “sistema complexo, influenciado por múltiplos fatores e eventos

internos e externos, que sofre variações em função dos contextos cultural, social e histórico” (p.128). Nesse sentido, Carter e Mc Goldrick (2008) compreendem a família como um sistema emocional que se move através do tempo e consideram o movimento abrangendo três ou quatro gerações. Consideram a complexidade envolvida ao se pensar a família como um todo, principalmente por seu principal valor serem os relacionamentos que são insubstituíveis.

Os relacionamentos estabelecidos no contexto familiar podem buscar a preservação dos modelos e dos padrões de interação das famílias de origem, às vezes o sistema pode até seguir e tentar melhorá-los, mas outras vezes, esses modelos da família de origem são totalmente rejeitados e na tentativa de não repeti-los, adota-se um antimodelo. No entanto, a adoção do antimodelo permanece tendo o modelo como referência e os padrões de interação que ocorrem são tão rígidos e determinantes como o próprio modelo que acabam lembrando o que se queria anular. Nesse sentido, a adoção de um modelo ou de um antimodelo ultrapassa um comportamento de oposição e torna-se uma relação de complementariedade (CERVENY, 1994).

Dessen e Lewis (1998) já assinalavam que “tão importante quanto uma definição adequada de família é o uso de conceitos apropriados de interação e relação social que reflitam o processo interacional e não simplesmente o comportamento de indivíduos, separadamente” (p.107). Nesse sentido, Hinde (1997) aponta níveis de complexidade social, afirmando que as relações continuamente influenciam e são influenciadas pelas interações de seus componentes e que tais níveis devem ser vistos não como entidades estáticas, mas como processos de criação e alteração contínuos, que se relacionam e influenciam por meio de relações dialéticas. Essas influências envolvem fatores comportamentais, afetivos e cognitivos dos indivíduos em questão e são mediadas pelos significados atribuídos por cada um a eventos e situações.

Capra (2006) afirma que o mundo é visto em termos de relações e de integração, enfatizando os princípios de organização entre os elementos e não os elementos isolados. Assim, “os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores” (p.260).

A concepção sistêmica da família parte do princípio básico de que essa é um sistema social aberto em interação, assim como todo sistema vivo (BATESON, 1972/1979). E baseado em Minuchin (1982), pode-se afirmar que a família como sistema aberto que é, interrelaciona-se com o meio através de complexos circuitos circulares que se fecham, interconectados por *input* e *output*. Através das mútuas relações entre os membros e das relações da família com o meio extrafamiliar, cada integrante se constitui como membro individual dentro do sistema familiar ao qual pertence.

Nesse sentido, o autor compreende que as funções da família atendem a objetivos internos, como a proteção psicossocial dos membros, e objetivos externos de acomodação e transmissão da cultura e, ainda que na medida em que a sociedade se modifica, mudam também os conceitos das funções familiares. Acrescenta que apesar de apresentar diferenças culturais, há raízes que são universais e que em todas as culturas, a família é a matriz da identidade, que permite que seus membros desenvolvam a individualidade. A experiência de identidade individual do ser humano oferece aos membros dois elementos: o sentido de pertencimento e o sentido de separação ou individuação. O sentido de pertencer a uma família acontece pela apreensão e acomodação da criança aos padrões transacionais daquela estrutura familiar e o sentido de ser separado acontece pela participação da criança em diferentes subsistemas e contextos familiares, assim como em grupos extrafamiliares. Ainda complementa-se que o sentido de identidade individual somente é possível pelo sentimento de pertencimento aos diferentes grupos (MINUCHIN, 1982).

Ainda para Minuchin (1982), a criança e a família crescem juntas e a resposta da família às necessidades da criança vai delimitando áreas de autonomia e destacando um território psicológico e transacional específico para aquela criança. Dessa forma, conclui-se que a construção da identidade individual é influenciada pelo seu sentido de pertencimento e só acontece na relação com o outro.

Ao compreender o sistema familiar como um organismo complexo, Andolfi (1984) afirmou que tal sistema assegura o crescimento psicossocial e a diferenciação de seus membros através da constante transformação, ao mesmo tempo em que assegura a continuidade do sistema, permitindo o desenvolvimento da família como unidade.

Para Minuchin e Fishman (2003) a família é compreendida como um grupo que desenvolve padrões de interação através do tempo, e esses padrões constituem a estrutura familiar. Por sua vez, a estrutura familiar governa o funcionamento dos membros e dos subsistemas que compõe o sistema familiar, delineando os comportamentos e facilitando a interação. Segundo os autores, é a estrutura familiar que desempenha as fundamentais tarefas de dar apoio à individuação, ao mesmo tempo em que prove o sentido de pertencimento. Cada membro é uma unidade que compõe o todo familiar em constante interação, onde cada um influi sobre o comportamento do outro. No entanto, há fronteiras que determinam a participação de cada membro em cada subsistema familiar.

Dessa forma, parte-se da compreensão de que a estrutura familiar é um conjunto de exigências funcionais que é invisível e organiza as maneiras de interação dos membros familiares. Tal estrutura é formada pelos subsistemas que são unidades menores, por sua vez, formadas por indivíduos agrupados pela geração, sexo, interesse ou por função. Por exemplo, díades como esposos formam o subsistema conjugal, mãe e filho ou pai e filho formam o subsistema parental e irmãos formam o subsistema fraterno (MINUCHIN, 1982).

Os subsistemas são delimitados por fronteiras que compreendem os limites definidores de quem participa de cada subsistema e como participa cada um dos membros. Sua função é proteger e diferenciar as características e habilidades que se desenvolvem dentro de cada sistema (MINUCHIN, 1982). Bertalanffy (1968) também afirmou que as trocas, tanto extra quanto intrafamiliares, acontecem nos limites do sistema, ou seja, nas fronteiras.

Wood (1985) indica dois conceitos complementares: fronteira interpessoal e fronteira geracional. O primeiro conceito, fronteira interpessoal, que também pode ser denominada proximidade/coesão, refere-se ao grau de intimidade, proximidade emocional/afetiva e contato entre os membros familiares, incluindo relações de amizade, união e de pertencimento ao grupo. O segundo, fronteira geracional, também nomeada de hierarquia, constitui-se em uma estrutura de poder e diz respeito ao papel dos pais de controle e influência no grupo. Refere-se à decisão, à dominância e à autoridade, ou seja, a relação de poder entre os membros, subsistemas ou gerações.

A coesão e a hierarquia são destacadas como as duas dimensões básicas da estrutura de uma família e, segundo a Abordagem Estrutural Sistêmica, para identificar o grau de coesão dentro de uma família, é importante analisar o que Wood e Talmon (1983) chamaram de território preservado. Tal constructo evidencia o grau de permeabilidade das fronteiras interpessoais e os tipos de proximidade na família. As autoras citam seis tipos de territórios preservados: tempo de contato; espaço pessoal; espaço emocional; espaço de informação; espaço de conversação e espaço de decisão. O primeiro território, diz respeito a como os membros utilizam o tempo em que estão juntos; o segundo envolve o contato físico (toque, carícia, atos agressivos) estabelecido entre os membros; o terceiro se refere à expressão do afeto e constitui os vínculos familiares; o quarto território está relacionado a todo o conhecimento que os membros possuem uns sobre os outros; o quinto são as conversas que

ocorrem dentro de determinado subsistema e contribuem para a diferenciação dos papéis e estabelecimento de limites; o sexto e último território determina quem toma e como as decisões são tomadas em cada situação.

Sobre a hierarquia, destaca-se quatro domínios, quais sejam: criação; controle, alianças ou coalizões e pares (WOOD; TALMON, 1983). A criação envolve a educação, proteção e o bem-estar dos filhos providos pelos pais; o domínio controle relaciona-se às regras e limites impostos no sistema; as alianças ou coalizões são caracterizadas pela união de dois ou mais membros contra outro, em prol de um objetivo; o último domínio, pares, demonstra a relação de companheirismo entre os adultos (casal) e entre as crianças (irmãos).

Um funcionamento familiar saudável, segundo Wood e Talmon (1983), é desenvolvido através da proximidade afetiva entre os membros de cada subsistema e entre os subsistemas. Quanto à estruturação hierárquica, o bom funcionamento relaciona-se ao equilíbrio de poder entre o casal e os pais serem mais influentes e terem mais poder do que os filhos, mas com flexibilidade diante de reestruturações necessárias. Já a disfuncionalidade está ligada à formação de coalizões ou à inversão hierárquica, quando os filhos (crianças ou adolescentes) possuem maior poder do que os pais, seja pelo domínio da criação, seja pelo controle. Segundo Minuchin (1982), as alianças ou coalizões constituem relações de poder estruturantes do sistema familiar.

Assim, constata-se que a estrutura familiar possui uma dinâmica, ou seja, o funcionamento da família que se dá por meio das interações familiares. Valle (2000) resgata o conceito de homeostase para a compreensão do funcionamento da família como sendo o equilíbrio dinâmico interno do sistema e de seus subsistemas e complementa que, quando o sistema perde o equilíbrio, busca novamente a reestruturação e acomodação de suas relações, por meio da utilização dos padrões interacionais.

Destacando a evolução da noção de equilíbrio para a noção de estabilidade, Capra (2006) enfatiza que não se deve confundir a estabilidade com o equilíbrio, já que a estabilidade em sistemas auto-organizados é profundamente dinâmica. Adjetivos, tais como estável, fixo, permanente e inalterável não descrevem os fenômenos relacionados a organismos vivos.

As interações familiares baseiam-se nos padrões de relação estabelecidos no sistema e, considerando a importância das relações familiares e que a estrutura e a dinâmica da família podem funcionar como facilitadores ou dificultadores da promoção da saúde mental de seus membros, Féres-Carneiro (1996b) aponta 11 padrões interacionais ou dimensões transacionais: comunicação, regras familiares, papéis familiares, liderança, conflitos, manifestação de agressividade, afeição física, interação conjugal, individualização, integração e autoestima.

Os padrões de relação diferenciam a interação familiar saudável da enferma (FÉRES-CARNEIRO, 1996b), que podemos considerar também como funcional ou disfuncional utilizando os termos adotados por Minuchin (1982). Segundo esse autor, “transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar e esses padrões reforçam o sistema” (p.57) e ainda têm papel regulador do comportamento dos membros familiares e são mantidos por dois “sistemas de repressão” quais sejam: genérico e idiossincrático. O primeiro envolve regras universais para a organização do sistema familiar. O segundo sistema de repressão envolve as expectativas mútuas de cada membro da família.

Valle (2000) complementa afirmando que, quando há estabilidade no sistema familiar e as fronteiras estão delimitadas satisfatoriamente, haverá circularidade dos padrões interacionais, ou seja, as interações formam metaforicamente um espiral de feedbacks recursivos. Para Minuchin (1982), as fronteiras devem ser nítidas para um funcionamento

saudável da unidade familiar, suficientemente flexíveis para permitir trocas internas e externas necessárias. Caso as fronteiras sejam difusas, pode haver o emaranhamento familiar, ou seja, há renúncia de autonomia devido ao excesso de sentido de pertencimento e os comportamentos e estresses individuais afetam muito rápido e fortemente os outros membros, repercutindo através das fronteiras e ressoando em todos os subsistemas. Já no caso de famílias com fronteiras excessivamente rígidas, o desligamento pode ocorrer, já que esse sistema tolera uma gama de variações individuais dos membros sem perceber as necessidades que cada um vivencia, sendo que somente um nível muito alto de estresse individual pode ter força suficiente para ativar os sistemas de apoio familiar. Ambos os tipos de relação podem, em algum momento, causar disfuncionalidade familiar.

Assim, tem-se que a estabilidade dos padrões transacionais é mantida pelas características homeostáticas do sistema e através desses padrões, o sistema se mantém organizado, mas a família deve ser também capaz de se adaptar quando as circunstâncias mudam (MINUCHIN, 1982), por exemplo, com a chegada de um novo membro ou dois, no caso de gêmeos.

De acordo com Minuchin (1982), a família é sujeita a constantes pressões internas e externas. As pressões internas são provenientes de evoluções dos membros e dos subsistemas, enquanto que as pressões externas são decorrentes de exigências sociais. Tais exigências de acomodação a novas situações requerem constante transformação nas posições e nas relações entre os membros visando ao crescimento e gerando mudança em um sistema que também visa à manutenção da continuidade familiar. Esse processo de mudança e continuidade gera estresses que podem ser provenientes de quatro fontes, duas delas externas e as outras duas internas: 1) contato de um membro com forças extrafamiliares; 2) contato de toda a família com forças extrafamiliares; 3) pontos de transição na família; 4) em torno de problemas

idiossincrásicos.

Destaca-se o quarto item devido à idiossincrasia da família com gêmeos. Como exemplo de possíveis questões a serem solucionadas pela família gemelar tem-se a “linguagem secreta”, uma forma primitiva de linguagem que pode ser desenvolvida entre gêmeos, reduzindo a necessidade e atrasando o desenvolvimento da fala (BARBETTA; PANHOCA; ZANOLLI, 2009), assim como o “efeito de gêmeos” quando os próprios gêmeos se percebem e expressam-se verbalmente como equipe, chamando ao irmão pelo próprio nome ou usando expressões do tipo “eu e eu também” (MALMSTROM; POLAND, 2004, DIAS; MELO, 2013).

Segundo Carter e McGoldrick (2008), em um sistema familiar há estressores verticais e horizontais. Os verticais ou transgeracionais representam os padrões de relacionamento, os mitos, segredos e legados familiares transmitidos pelas gerações passadas. Os horizontais ou desenvolvimentais referem-se aos aspectos do desenvolvimento, que incluem transições previsíveis do ciclo vital individual e familiar e transições imprevisíveis, tais como efeitos de acidentes, morte prematura, doenças ou ainda, poderia acrescentar-se: uma gestação múltipla inesperada.

Nesse sentido, Cerveny (2011) afirma que a família é uma entidade dinâmica em constante processo de mudança, onde a autonomia e a individualidade estão em um processo contínuo de comunicação e integração. Entretanto, as regras, rotinas, rituais, segredos, crenças, premissas e inúmeros padrões de interação fazem parte do cotidiano familiar e, mesmo em meio a mudanças externas, protegem e garantem a continuidade do sistema entre as gerações.

Martins, Rabinovich e Silva (2008) ainda apontam que eventos estressantes podem levar à ativação de triângulos emocionais na família.

O conceito de triangulação se refere a um sistema inter-relacional entre três pessoas, envolvendo sempre uma díade e um terceiro, que será convocado a participar quando o nível de desconforto e de ansiedade aumentar entre as duas pessoas. Uma delas, então, buscará uma terceira para aliviar a tensão. Os triângulos aparecem no processo emocional interacional que se estabelece no sistema familiar e transgeracional (MARTINS; RABINOVICH; SILVA, 2008, p. 185).

Os autores afirmam que em situações menos tensas os triângulos podem ficar latentes e reaparecerem quando ressurgirem conflitos. Assim, as triangulações constituem um mecanismo de resposta dos processos relacionais diante de situações estressantes, relacionando-se ao nível de ansiedade e tensão na dinâmica interna da família (MARTINS; RABINOVICH; SILVA, 2008).

Ao considerar-se a família como um sistema social em constante transformação, acentua-se a natureza transicional dos processos pelos quais ela passa e que naturalmente exigem um período de reestruturação e acomodação. Assim, ao longo do desenvolvimento familiar o sistema passará por inúmeros momentos estressantes e o que caracterizará a patologia será a avaliação da situação e da flexibilidade familiar. Se a família responde ao estresse com um nível significativo de rigidez, podem surgir padrões transacionais disfuncionais (MINUCHIN, 1982).

Portanto, segundo Minuchin (1982), para compreender a família como sistema que opera dentro de contextos sociais específicos, deve-se fazer uma avaliação baseada em um esquema conceitual do funcionamento familiar que possui três facetas, referindo-se, respectivamente, à estrutura familiar, aos padrões transacionais e aos objetivos do sistema: 1) a estrutura familiar é um sistema sociocultural aberto que somente pode ser observada em movimento, já que se transforma com o tempo, adaptando-se e reestruturando-se, visando à continuidade de seu funcionamento; 2) o sistema possui padrões estabelecidos que costumeiramente respondem bem, mas ao longo do desenvolvimento familiar o sistema atravessa estágios que exigem reestruturação e o sistema deve estar preparado para mobilizar

padrões transacionais alternativos, ou seja, as fronteiras devem ser firmes, mas flexíveis para permitir redefinições quando as circunstâncias mudam; 3) a família se adapta a novas circunstâncias buscando, ao mesmo tempo, manter a continuidade familiar e intensificar o crescimento psicossocial de seus membros.

Posto isso, ao longo de todo o ciclo de vida familiar, o sistema e cada um dos subsistemas que o compõe, incluindo a fratria, possui funções específicas e é guiado por padrões de interação, mas também passa por mudanças e reestruturações, como apresenta-se no próximo tópico.

1.4 O Subsistema Fraternal e seu Papel no Desenvolvimento Infantil

Dentro do sistema familiar os irmãos fazem parte de um subsistema denominado de subsistema fraternal ou fratria que se constitui em uma das relações mais duradouras e importantes ao longo do ciclo vital, começando no momento do nascimento e permanecendo durante a vida (SILVEIRA, 2002, OLIVEIRA, 2000, 2005, BAUMANN; DYCHES; BRADDICK, 2005). Oliveira (2005) afirma que é um tipo de relação muito comum, já que apesar da diminuição do tamanho das famílias, ainda grande parte da população possui pelo menos um irmão, mesmo que seja meio irmão (só por parte do pai ou da mãe) ou co-irmão (filho da madrasta ou padrasto), já que aumentou o número de famílias recasadas. Em uma época em que muitas pessoas vivenciam o divórcio, optam por não se casar ou casam-se mais tarde, o laço fraternal pode proporcionar estabilidade e consistência, sendo formativo para crianças e instrumental ao longo da vida (BAUMANN; DYCHES; BRADDICK, 2005).

Para Cicirelli (1995), o relacionamento entre irmãos começa quando um torna-se consciente do outro e, assim nutrem sentimentos e podem dividir conhecimentos, percepções, atitudes e crenças. O relacionamento fraternal é constituído por aspectos subjetivos, cognitivos

e afetivos, assim como inclui ações e interações.

O vínculo fraterno representa, segundo Bank e Kahn (1997), a conexão de identidade entre duas pessoas que ocorre tanto em nível público como privado. Os autores ainda afirmam que no relacionamento fraterno o indivíduo desenvolve a percepção de ser uma pessoa única e também o senso de presença familiar. Em concordância com Bank e Kahn (1997), Minuchin e Fishman (2003) afirmam que todo processo que envolve constante dar e receber entre os irmãos, desenvolve o sentimento de pertencimento ao grupo e o sentimento de ser separado e poder fazer escolhas individuais e alternativas dentro de um sistema, tão fundamentais para o desenvolvimento da autonomia. Oliveira (2000, 2005) também concorda com Bank e Kahn (1997) que a relação fraterna é moldada no contexto familiar e, assim, os valores, os mitos, as crenças, as expectativas e as atitudes familiares influenciam a qualidade e a forma como cada um irá desenvolver seu papel como irmão.

Três condições são consideradas por Bank e Kahn (1997) as principais favorecedoras do desenvolvimento de fortes vínculos afetivos entre irmãos: 1) grau elevado de acesso entre os irmãos, ou seja, quanto mais a criança ou adolescente tiver contato com o irmão, mais essa relação terá influência na formação da personalidade; 2) a necessidade de uma identificação significativa que pode ocorrer quando um irmão usa o outro como pilar na busca pela identidade pessoal; e 3) a insuficiência de cuidado parental que pode aproximar os irmãos pela necessidade de apoio mútuo. Nesse sentido, os autores apontam que, quanto mais próximas as idades e quando os irmãos são do mesmo sexo, mais haverá eventos de vida compartilhados e, portanto mais acesso. Em contrapartida, irmãos na vida adulta que não têm muito acesso ao outro, ou seja, aparentam ter pouco impacto emocional sobre o outro, geralmente têm ou tiveram as seguintes características ao longo do desenvolvimento: não ter havido episódios onde um necessitasse do outro, grande diferença de idade e pouco tempo e

espaço compartilhados, incluindo não terem dividido o mesmo quarto ou terem estudado em escolas diferentes ou em épocas diferentes, o que não possibilita terem histórias compartilhadas (BANK; KAHN, 1997).

De acordo com Cicirelli (1995), os irmãos constroem ao longo da vida uma história de experiências e ambientes compartilhados e não-compartilhados, que vão contribuir para a similaridade e para a diferenciação, respectivamente. Entretanto, as semelhanças ou diferenças não podem ser atribuídas exclusivamente ao compartilhamento ou não de ambientes, já que o relacionamento fraterno está sujeito a inúmeras situações que corroboram para sua construção. Oliveira (2005) complementa afirmando que o acesso entre os irmãos propicia que, gradativamente, cada um vá percebendo o quanto se assemelha e o quanto se diferencia do outro, gerando comparações, identificações e personalização dos vínculos com cada irmão. A autora também defende que o relacionamento fraterno é rico, íntimo e único na vida dos indivíduos, desempenhando um papel fundamental, complexo e impactante na história de desenvolvimento emocional, cognitivo e social do ser humano, com poder emocional para modelar histórias.

A interação com um ou mais irmãos propicia mútua socialização, execução de tarefas, atribuição de inúmeros papéis e experiências comuns, além de envolver amor, carinho, apoio, admiração, cooperação, negociação e companheirismo, bem como atitudes de dominação, inveja, agressividade, conflitos e rivalidade que constituem o ser humano dentro e fora do núcleo familiar (SILVEIRA, 2002, OLIVEIRA, 2005, BAUMANN; DYCHES; BRADDICK, 2005, BUIST; DEKOVIĆ; PRINZIE, 2013).

Autores de diversas abordagens teóricas apresentam opiniões convergentes sobre o papel do relacionamento fraterno: a presença de um irmão no meio familiar propicia experiências de conhecimento e reconhecimento do mundo, de vivências sociais fundamentais

para o desenvolvimento das capacidades gerais desse indivíduo (GARCIA-SERPA, 2001); os irmãos atuam como interlocutores que vivenciam diferentes papéis, tais como os de conselheiro, cúmplice, amigo ou opositor, o que possibilita à criança experimentar diferentes relações e comportamentos (DEL PRETTE; DEL PRETTE; 2002); a rivalidade e a solidariedade são compreendidas como comportamentos antagônicos presentes na relação entre irmãos, e percebe-se a possibilidade de surgir dessa dicotomia diversos aspectos que se reproduzirão fora do contexto familiar, como na relação entre amigos, sócios, professores e alunos, médicos e pacientes, posteriormente, nos papéis parentais, entre tantos outros (OSORIO, 2002); os vínculos estabelecidos na infância entre irmãos e a qualidade desse relacionamento criam o cenário de futuros relacionamentos e na relação com outras crianças. Até mesmo brigas e reconciliações podem ser oportunidades de socialização. Embora a rivalidade exista, há também afeição, interesse, companheirismo e influência entre os irmãos (PAPALIA; FELDMAN; OLDS, 2009).

Para a Teoria Familiar Sistêmica, os irmãos compõem o primeiro grupo de companheiros da criança e assim, a relação com um irmão serve como o primeiro laboratório social, constituindo-se em um espaço privilegiado para que a criança possa experimentar as relações com outros iguais. No mundo dos irmãos, as crianças desenvolvem seus próprios padrões transacionais e aprendem umas com as outras a se apoiarem, a negociar, a cooperar e a competir, aprendem a fazer amigos e aliados, a assumir diferentes posições e papéis, divertem-se ou se atacam, têm prestígio ou vivenciam o isolamento, escolhem um bode expiatório, trapaceiam, mas também podem obter reconhecimento. Esses padrões serão significativos ao longo de toda a vida em diversos sistemas. No contato extrafamiliar com outros iguais, a criança opera de acordo com a forma de relação que possui com seus irmãos e vice-versa, as novas maneiras de interação que aprende no contexto externo leva para o

mundo fraterno. Por vezes, as posições que assume desde cedo no subsistema podem indicar como será na vida adulta (MINUCHIN, 1982, MINUCHIN; FISHMAN, 2003).

Minuchin (1982) destaca algumas dificuldades, por exemplo: se a família possui muitas idiossincrasias, pode apresentar barreiras inadequadamente rígidas com o mundo extrafamiliar que levam a dificuldade da criança em ingressar em outros sistemas sociais que se diferem da relação que ela possui com o irmão; ou ainda, os filhos únicos podem desenvolver precocemente um padrão de acomodação ao mundo adulto e dificuldades na autonomia, no compartilhar, cooperar e competir. Nesse sentido, destaca-se a significação do subsistema fraterno ao desenvolvimento infantil, já que suas barreiras, se adequadas, protegem as crianças da interferência adulta, propiciando a exploração de áreas de interesse e preservando o direito à privacidade.

Silveira (2002) afirma que o relacionamento entre irmãos, como outras relações humanas, passa por mudanças ao longo da vida e tem na infância a sua fase de formação e fortalecimento, passando pelo auge dos conflitos e das transformações durante a adolescência e alcançando o equilíbrio e manutenção na idade adulta e velhice.

Trazendo à luz, especificamente a fase da infância, tem-se que durante os primeiros anos, o irmão mais velho tende a comandar a relação e o mais novo utiliza a imitação como recurso de interação. A partir dos três ou quatro anos, o mais novo começa a participar mais ativamente da relação, o que pode ocasionar mais conflitos e disputas. Já os anos escolares ou meia-infância, caracterizam-se mais enfaticamente pela presença de fatores que podem intervir na relação, como o sexo do irmão, a diferença de idade, as interferências dos pais e o temperamento de cada um (SILVEIRA, 2002).

Oliveira (2000) buscou compreender as características do vínculo fraterno ao longo do desenvolvimento e para tanto, realizou uma pesquisa em seu mestrado com a abordagem da

Teoria do Apego e metodologia da Teoria Fundamentada nos Dados. Por meio de uma entrevista não estruturada com oito adultos de diferentes idades e posições dentro de suas famílias alcançaram-se relatos das experiências fraternas durante a infância, adolescência e vida adulta. A teoria emergente dos dados denominada “Construindo uma memória compartilhada – compartilhando uma memória construída” revela que o vínculo fraterno possui caráter dinâmico e duradouro, podendo ser transformado e ressignificado durante toda a vida, delineando a história dos indivíduos.

Os resultados da pesquisa de Oliveira (2000) foram divididos em categorias e subcategorias sobre a infância, adolescência e vida adulta. O fenômeno “brincando e brigando” explica a formação de vínculos na infância, indicando que em um primeiro momento, o irmão mais velho, assim como toda a família, sente o ambiente transformado e se adaptando à situação; em seguida, vê-se experimentando a relação em um misto de sentimentos positivos e negativos, interagindo de forma integral de maneiras positivas e agressivas e estabelecendo relações de poder entre as figuras parentais e as forças da fratria; no terceiro momento da infância, os vínculos fraternos são personalizados através da comparação e da identificação, constroem-se relações diferenciadas com proximidade ou distanciamento afetivo e formam-se vínculos especiais sentindo o irmão como base segura ou tornando-se uma figura de apego complementar. As relações são transformadas na adolescência e esse fenômeno é chamado de “companheiros ou cada um na sua?”. Primeiramente, vivencia-se um processo de diferenciação onde a vida se modifica, há uma revolução interior e a renegociação das relações; em um segundo momento, experienciam-se movimentos de afastamento e aproximação na relação. O fenômeno “seguindo seus caminhos juntos ou separados-juntos e separados” caracteriza os irmãos na vida adulta em três momentos: no primeiro, vivendo a transformação da família, as relações são reeditadas,

chegam e partem membros e novos desafios são encarados buscando a manutenção da unidade familiar de origem; no segundo momento, o significado do irmão na vida é redefinido e reflete-se sobre os papéis fraternos, tem-se o irmão como referência, seja como modelo, ou como rival, o relacionamento é revisto e reavaliado e faz-se uma visita ao passado vislumbrando o futuro; e por último, movimentos contínuos na relação são experienciados, mantendo relacionamentos fraternos diferenciados com compartilhamento ou não da vida, os vínculos especiais são reafirmados experienciando reciprocidade de sentimentos, e os vínculos são perpetuados com a despedida e com a manutenção de uma memória viva (OLIVEIRA, 2000).

A mesma autora deu continuidade à sua investigação sobre os relacionamentos fraternos em seu doutorado quando investigou a dinâmica das relações entre irmãos em famílias recasadas sob a ótica da Teoria do Apego e da Perspectiva Sistêmica da Família. Contando com a participação de 14 adolescentes e adultos foram utilizados três instrumentos, quais sejam: a técnica Mapa dos Cinco Campos, uma entrevista não estruturada e grupo focal. A partir da Teoria Fundamentada nos Dados, compreendeu como se estabelecem os relacionamentos entre irmãos biológicos, co-irmãos e meio-irmãos e constatou características e fatores de interferência nessas relações (OLIVEIRA, 2005).

Para a autora, os irmãos biológicos podem ter seus vínculos afetados com o divórcio e recasamento, tanto no estreitamento quanto no enfraquecimento da relação. O que irá propiciar uma maior aproximação é a oportunidade de convivência e a necessidade de identificação pessoal significativa. Dividir a experiência e os sentimentos gerados pelas mudanças propicia um preenchimento das necessidades emocionais e um fortalecimento mútuo que contribui para a construção de cumplicidade, podendo até formar vínculos de apego, principalmente para preencher uma insuficiência de cuidado parental e pode ser

formado na infância ou adolescência e perdurar até a fase adulta. A relação vincular de apego em adolescentes e adultos possui caráter dinâmico e flexível por ser caracterizada pelo cuidado recíproco.

Os relacionamentos com os coirmãos, ou seja, os filhos do padrasto ou madrasta podem, inicialmente ser marcados por intensos sentimentos negativos, predominando a rivalidade e a competição. No entanto, com o espaço para a convivência e o contato e passando pelo processo de avaliação e ressignificação das relações, os coirmãos podem desenvolver relações positivas baseadas na confiança, apoio e companheirismo. Similaridade de sexo e idade, assim como as atitudes dos pais e principalmente, a possibilidade de compartilhar experiências na convivência familiar, contribuem para o processo de identificação positiva entre os coirmãos, podendo chegar até ao estabelecimento de vínculo de apego.

O trabalho se encerra afirmando que o nascimento de um meio-irmão, aquele que é filho apenas do mesmo pai ou da mesma mãe, provoca transformações na família recasada e pode gerar sentimentos tanto positivos quanto negativos naquele que recebe o novo irmão. A quantidade de filhos, idade dos filhos e a qualidade das relações podem interferir no efeito do nascimento e no relacionamento a ser desenvolvido. A oportunidade de convivência, idades próximas e relacionamentos positivos com padrasto/madrasta parecem ser fatores que contribuem para um estabelecimento de vínculo afetivo e até mesmo vínculo de apego.

Assim, a teoria emergente dos dados foi denominada “Compartilhando, construindo e ressignificando as relações fraternas na família recasada” (OLIVEIRA, 2005).

Oliveira e Lopes (2013) examinaram, longitudinalmente, indicadores de regressão e de crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão. Para tanto, participaram três crianças com idades entre quatro e sete anos no contexto de chegada do primeiro irmão. A

coleta de dados envolveu quatro fases, mas no artigo foram apresentados os dados de apenas três momentos: terceiro trimestre de gestação; 12º mês e 24º mês do segundo filho. Diante da aplicação do Teste das Fábulas realizou-se análise qualitativa de conteúdo, revelando resultados de regressão do primogênito na gestação materna e crescimento aos 12 e aos 24 meses de idade do irmão. Na gestação, embora alguns indicadores de crescimento tenham aparecido, não foram tão expressivos quanto os de regressão. Os principais indicadores de regressão na gestação foram: distorção; vulnerabilidade, desamparo e desproteção; busca de um genitor. Após o nascimento do irmão, mesmo tendo se mantido a regressão, com indicadores de vulnerabilidade, desamparo e desproteção; busca de um genitor; sentimentos e fantasias de exclusão e de rejeição, os primogênitos apresentaram tendência de amadurecimento emocional, principalmente aos 24 meses, com indicadores de superação; aceitação de regras e de responsabilidades; crescimento. As autoras acreditam que a regressão foi uma forma de enfrentar a chegada do irmão, enquanto que o crescimento revelou capacidade das crianças para ser “o mais velho”.

Outro artigo investigou como oito mães gestantes no terceiro trimestre do segundo filho, perceberam as reações do primogênito que tinha entre três e seis anos, sobre a chegada de um irmão. Por meio de duas entrevistas, sendo uma sobre dados demográficos do casal e outra sobre o impacto da segunda gestação em diversos aspectos da dinâmica familiar, obteve-se que a chegada do irmão constitui um evento marcante na vida dos filhos mais velhos e é muito importante o apoio parental nesse período. As mães perceberam que as crianças, com o avanço da gestação e a proximidade do nascimento do irmão, sentiram-se mais ansiosos, expressaram medo de perder a atenção e carinho da mãe, evidenciaram mais ciúme e sinais de agressividade contra a barriga da mãe, ao mesmo tempo que manifestavam alegria com a chegada do irmão (PEREIRA; PICCININI, 2011).

Buist, Deković e Prinzie (2013) realizaram meta-análises com o objetivo de analisar o impacto da qualidade do relacionamento entre irmãos na infância e adolescência para problemas de comportamento. A cordialidade fraterna, os conflitos entre irmãos e o tratamento diferencial dos pais foram relacionados a problemas de internalização e externalização. A cordialidade entre irmãos se refere a aspectos positivos da relação, como intimidade, carinho, apoio, companheirismo e proximidade, enquanto o conflito é composto por aspectos negativos como discussão, brigas, luta, agressividade, hostilidade, negatividade e coerção. O tratamento parental diferenciado indica se as crianças percebem que seus pais mostram diferenças na forma de tratá-las. Os resultados mostraram que crianças e adolescentes com relacionamentos fraternos mais cordiais e menos conflituosos mostram significativamente menos problemas de comportamento, bem como aquelas que experimentam menos tratamento diferenciado por parte dos pais. No entanto, o conflito entre irmãos tem maior impacto nas relações do que a cordialidade e os efeitos foram mais fortes para irmão do mesmo gênero, para diferenças menores de idade e para as crianças mais do que para adolescentes.

Um estudo de Pike, Coldwell e Dunn (2005) teve como objetivo identificar as ligações entre a qualidade do relacionamento entre irmãos na infância com o ajuste infantil. A amostra contou com 101 famílias compostas por casais com duas crianças de quatro a oito anos. Os pais, responderam a uma entrevista sobre a qualidade do relacionamento entre os filhos, a relação pai-filho e comportamentos pró-sociais e problemáticos das crianças. As crianças também responderam sobre as suas relações familiares por meio de uma entrevista com fantoches. As três conclusões principais do estudo foram que: 1) um relacionamento positivo com o irmão está mais fortemente relacionado ao ajustamento da criança do que o conflito entre eles; 2) os relacionamentos fraternos são únicos ao indivíduo e por isso podem

desempenhar um papel importante no ajuste individual, principalmente das crianças mais velhas; e 3) as informações vindas também de crianças pequenas constituem-se válidas e confiáveis para conhecer o contexto familiar.

Em pesquisa anterior, que teve como objetivo identificar como se caracterizam as formas de interação entre irmãos pré-escolares e as práticas de educação dos pais, a autora do presente trabalho, na perspectiva teórica da análise do comportamento, promoveu um repensar sobre a brincadeira infantil e especialmente sobre a importância da brincadeira entre irmãos e o quanto ela pode contribuir para o aprendizado e o desenvolvimento social da criança. Diante dos seis casos investigados, destaca-se uma família onde os irmãos foram avaliados positivamente quanto suas competências sociais e seus pais obtiveram classificação limítrofe quanto às habilidades sociais educativas parentais. Tais discrepâncias sugeriram que outros fatores poderiam estar atuando nessas crianças como reforçadores e estarem selecionando seus comportamentos de modo a fortalecer comportamentos socialmente habilidosos e extinguir comportamentos não habilidosos. Nesse sentido, foi possível assegurar que a própria relação fraterna estava atuando como facilitadora de aprendizagens já que as possibilidades de interação eram satisfatórias e a qualidade dessas interações bastante positivas (TEIXEIRA, 2011; TEIXEIRA et al., 2011).

Baumann, Dyches e Braddick (2005) realizaram um estudo exploratório-descritivo na área da enfermagem que explorou o significado de ser um irmão. Participaram 12 crianças e adolescentes entre cinco e 15 anos de idade com um irmão mais novo com fissura lábio-palatal ou Síndrome de Down. Os participantes responderam a uma entrevista semi-estruturada com perguntas abertas que foi gravada e depois foram convidados a desenhar em papel ou no computador suas experiências como irmãos. Tais procedimentos aconteceram em uma área privada das casas dos participantes. As circunstâncias especiais de seus irmãos não

foram mencionadas nas questões, nas quais se solicitou: 1) que descrevessem o que significa ser um irmão ou irmã, 2) como suas relações com os outros eram diferentes, porque eles tinham um irmão ou irmã e 3) a forma como a sua visão do futuro tinha sido alterado por ser um irmão ou irmã. A análise dos desenhos foi decorrente do que os próprios participantes falaram e o processo de análise-síntese das entrevistas identificou os principais temas que emergiram. Os resultados retratam a natureza complexa e paradoxal de ser um irmão, revelando que ter um irmão com circunstâncias especiais inclui oportunidades e desafios únicos, além de ser uma experiência em constante mudança que inclui fazer escolhas e ser responsável.

Diante desse cenário, onde o relacionamento entre irmãos é estudado quando estão em diferentes faixas etárias, ou quando o foco é no primogênito ou ainda quando o irmão caçula é portador de uma deficiência, concorda-se com Bradt (2008) quando afirma que é equivocada a ideia de que ter um irmão constitui-se em um “trauma” inevitável para as crianças. O autor defende que, dependendo da disponibilidade dos adultos para lidar com o relacionamento entre os filhos, da cooperação dos pais e da forma como se relacionam com os filhos, o companheirismo entre as crianças pode ser uma característica da relação tanto quanto a competição.

Acrescenta-se ainda que o padrão familiar de apenas um cuidador, o excesso de tarefas e a adoção da “filosofia igualitária” da vida em família (onde os direitos, privilégios e autoridade são iguais para pais e filhos) podem ser responsáveis por encorajar a rivalidade fraterna. Assim, é importante aprender a viver cooperativamente com os iguais, ou seja, com os irmãos, assim como respeitar os pais enquanto autoridades familiares. Pois se uma criança possui os mesmos privilégios que os pais, não receberá outra criança como igual e os irmãos perderão a oportunidade de se tornarem companheiros cooperativos (BRADT, 2008)

Minuchin (1982) aponta que em famílias que possuem diferenças grandes de idade entre os irmãos, há uma divisão adicional entre as crianças pequenas que estão passando pelas questões de segurança, nutrição e orientação e as crianças mais velhas, que vivenciam um momento de contato e contratos com o mundo extrafamiliar. Bradt (2008) discute que o espaço ideal entre os filhos é questão de perspectiva, já que para as crianças, teoricamente, seria mais interessante ter um irmão gêmeo, a “companhia perfeita” enquanto que para os pais, uma criança por vez já constitui desafio suficiente e nascimentos múltiplos ou muito próximos exigirão muito mais resistência física e emocional dos pais, podendo gerar uma carga extra de estresse devido ao acúmulo de tarefas, como discutido nos tópicos subsequentes sobre o sistema familiar com crianças gêmeas.

1.5 O Aumento da Gemelaridade como um Fenômeno Contemporâneo

A presença de gêmeos nas famílias entre os anos de 1975 e 2000 aumentou em 100%, e a taxa de nascimento de trigêmeos ou mais chegou a crescer 600% nesses mesmos 25 anos (OLIVEIRA, 2007). Corroborando com tais afirmações, o Estadão (2011) discute os dados divulgados pelo IBGE advindos da Pesquisa do Registro Civil 2010, onde apontam que em sete anos (2003 a 2010), houve um aumento de 17% de nascimentos múltiplos, na contramão do encolhimento populacional. Os dados demonstram que a proporção de partos múltiplos em 2003 foi de 1,59%, passando para 1,86% do total de partos em 2010, ou seja, todo ano, no Brasil, nascem 51 mil múltiplos.

Destaca-se o fato de estar cada vez mais baixa a taxa de mortalidade perinatal e infantil (BRASIL, 2009) que outrora fora responsável por muitas gestações gemelares interrompidas ou que resultavam em apenas um nascido vivo ou ainda na perda de ambos os bebês após o nascimento, já que em comparação às gestações únicas, há maior incidência de

intercorrências pré, peri e pós-natal em gêmeos, como afirmam Beiguelman et al. (1998), Franchi-Pinto et al. (1999) e Beiguelman e Franchi-Pinto (2000), ao citar alguns dos problemas que são mais comuns em gêmeos do que em fetos únicos: restrição do desenvolvimento intrauterino, prematuridade, baixo peso e baixa estatura ao nascer, desordens e más formações congênitas e mortalidade perinatal aumentada.

No entanto, no Brasil de 1990 a 2007 a mortalidade perinatal apresentou tendência de queda e a taxa de mortalidade infantil teve uma redução média de 59%. Diversos fatores têm contribuído para a mudança desse perfil, entre os quais: melhoria geral das condições de vida, do acesso aos serviços de saúde e avanço das tecnologias médicas, assim como do grau de instrução das mulheres e o aumento do aleitamento materno (BRASIL, 2009).

Hoje em dia, vivencia-se uma maior popularização das técnicas de reprodução assistida para a concepção de um filho, e o acesso a tais tecnologias também relaciona-se diretamente a uma maior incidência de nascimentos múltiplos (MOORE; PERSAUD, 2008, DIAS; FONSÊCA, 2013). Tanto no Brasil como nos Estados Unidos, mais de 40% das gestações resultantes de fertilização *in vitro* são de múltiplos (OLIVEIRA, 2007).

Inclusive, o Conselho Federal de Medicina (CFM, 2013) estabeleceu a Resolução de nº 2.013/13 que garante maior acesso a essas técnicas, por exemplo, à mulher sozinha que deseja engravidar e a casais homoafetivos, levantando discussões quanto à “venda de óvulos” e “barrigas de aluguel”. Em entrevista divulgada pelo portal de notícias G1 (2013), um médico ginecologista e obstetra afirmou que na última década aumentou muito no Brasil a demanda pela reprodução assistida e pelo menos cinco mil mulheres ficaram grávidas em 2013 devido ao acesso às técnicas de fertilização e completou, apontando que, em cada 80 gestações naturais uma é de múltiplos e que com a reprodução assistida, essa proporção vai para uma gravidez gemelar em 40.

Dessen e Braz (2005) e Stratton (2003) fizeram referência à reprodução assistida, que na época estava a se popularizar, e levantaram questionamentos sobre os efeitos no funcionamento familiar que as novas formas de concepção por meios artificiais, como a inseminação artificial e o reimplante de óvulos fertilizados, poderiam ter, indicando que seria um vasto campo a ser investigado por pesquisadores do desenvolvimento familiar.

No entanto, supõe-se que a taxa de nascimento de gêmeos provenientes de técnicas de reprodução assistida que teve um grande crescimento nos últimos anos deve baixar nos próximos, pois o CFM também reduziu, por meio da resolução supracitada, o número de embriões que podem ser implantados no caso de algumas técnicas, considerando a eficácia dos procedimentos com a evolução científica da área (CFM, 2013).

Além dos procedimentos médicos que contribuem para super-ovulação, há a predisposição natural da mulher em produzir mais de um óvulo durante um único ciclo ovulatório ou uma tendência genética à divisão do zigoto que resulta também em gravidez gemelar (OLIVEIRA, 2007, BEIGUELMAN, 2008).

Diversos autores (MALMSTROM; POLAND, 2004, OLIVEIRA, 2007, BEIGUELMAN, 2008, ANDRADE; TABORDA; KLOTZEL, 2009, DIAS; FONSÊCA, 2013) enfatizam outro fator que influencia o aumento da taxa de gêmeos: a tendência atual de postergar a maternidade. Buscando firmar sua identidade e satisfação pessoal e profissional, a mulher tem dado prioridade à carreira, comparado-se às gerações passadas e está adiando os planos de ser mãe e tendo filhos mais tarde, quando não opta por não ter filhos (MACEDO, 1994). Isso é significativo já que entre os 35 e 40 anos a mulher tem maior predisposição à ovulação dupla e a conceber gêmeos. Os mesmos autores também apontam como responsáveis por gestações gemelares por dupla ovulação, o uso prolongado de contraceptivos orais, que após a interrupção do uso pode gerar a liberação de dois óvulos ao mesmo tempo, a

obesidade, que eleva as taxas do hormônio responsável pela produção dos óvulos (FSH), o número de partos anteriores, que quanto maior for mais chances de se ter gravidez múltipla e a etnia, já que entre negros o nascimento múltiplo é mais comum.

Uma gravidez gemelar pode ser o resultado da fertilização de dois ovócitos expelidos durante um único ciclo menstrual, por dois diferentes espermatozóides, dando origem aos gêmeos denominados dizigóticos ou gêmeos fraternos que são provenientes de dois zigotos e geneticamente diferentes. Já os gêmeos monozigóticos ou univitelinos, chamados popularmente de “idênticos” possuem a mesma carga genética, por serem provenientes da fecundação de um único ovócito, por um espermatozóide, e um zigoto que se divide dando origem a dois embriões (MOORE; PERSAUD, 2008, BEIGUELMAN, 2008). Os pares dizigóticos, por terem origem biovular, podem ser ambos do sexo masculino, ambos do sexo feminino ou discordantes quanto ao sexo. Já os pares monozigóticos terão necessariamente, o mesmo sexo por serem originários de apenas um ovócito. Há variações quanto ao compartilhamento do âmnio, córion e placenta, tendo pouco valor para o diagnóstico da zigosidade se são mono ou diamnióticos, mono ou dicoriônicos ou se apresentam uma ou duas placentas, mas por volta de dois terços dos gêmeos são dizigóticos (BEIGUELMAN, 2008).

A gravidez gemelar dizigótica (DZ) depende da condição *sine qua non* da poliovulação, o que depende do nível do hormônio folículo-estimulante (FSH); por sua vez, o nível de FSH depende de causas genéticas e também está relacionado ao tamanho da hipófise que atinge seu auge aos 40 anos. De tal modo, a gravidez múltipla desse tipo é mais comum em mulheres negras que possuem maiores níveis de FSH e sua incidência aumenta com a idade materna. Além disso, a poliovulação também está correlacionada com a fecundidade, independente da idade da mãe. Assim, uma mulher com quatro filhos ou mais tem mais chance de engravidar de gêmeos. O autor também demonstra que o aumento de casos de

gravidez DZ está diretamente relacionado aos tratamentos com super-ovulação. Já para gravidez monozigótica (MZ), a hipótese é de que a mulher teria a motilidade tubária reduzida ou alterações na mucosa do endométrio ou do epitélio tubário que são fatores capazes de retardar a implantação do embrião no útero, o que foi demonstrado experimentalmente como um fator importante da monozigosidade. Esses fenômenos parecem estar relacionados a efeitos residuais do uso de anticoncepcionais que inibem a ovulação. O ciclo menstrual irregular em mães muito jovens parece explicar a predominância de pares MZ entre elas. O fator genético também atua nesses casos onde mulheres gêmeas MZ tem mais chance de engravidar de gêmeos também MZ, no entanto o efeito paterno nesses casos mostrou-se negativo. A fertilização assistida também favorece o aumento da incidência de gêmeos MZ por razões que ainda são discutidas, dentre elas estaria a manipulação do ovócito que pode causar ruptura da zona pelúcida e também a simples indução da ovulação (BEIGUELMAN, 2008).

Apesar de o aumento da gemelaridade ser um fenômeno contemporâneo, Vieira (2011) e Dias e Fonsêca (2013) lembram que o interesse por irmãos gêmeos, essa “estranha condição fraterna” que é cercada por mistérios, encantamento, curiosidades e estereótipos não é recente na história da humanidade; ele aparece na religião, na arte, na mitologia, nas antigas lendas e fábulas, é retratado na ficção, em livros, novelas e filmes. Até mesmo na Bíblia, tem-se em Gênesis, a história dos gêmeos Esaú e Jacó que inspirou o livro homônimo de Machado de Assis; há outras figuras mitológicas, históricas e literárias como Castor e Pólux, Rômulo e Remo, Cosme e Damião e Os irmãos Corsos de Alexandre Dumas. Marquez (2006) constata que a atração exercida por gêmeos deve-se ao fato de que eles externalizam a oposição entre o duplo/idêntico e o único/individual.

Damasceno (2010), ao discutir “o duplo” na literatura destaca que desde os primórdios

da civilização, o homem debate-se sobre essa angústia e afirma que tal temática foi fundamental para a composição de obras no período da literatura romântica. Há questões marcantes na sociedade que são permeadas por elementos de duplicidade, tanto no que se refere ao existencial, como relacionado ao lado místico. O autor afirma que, originalmente, a temática do “duplo” se valia da semelhança física entre duas pessoas para abordar assuntos como a substituição ou a usurpação de identidade e destaca a utilização de figuras como o sócio e o gêmeo nesse momento da literatura. Como exemplos: *A Comédia dos Erros*, de William Shakespeare e *Os sócios*, de Molière.

Os gêmeos remetem a questões como as sombras, o reflexo, o espelho, a ideia de alma, o mortal e imortal, vida e morte, bem e mal, masculino e feminino, homem e animal, espírito e corpo, deus e diabo, anjo e demônio, céu e inferno, entre outros (MARQUEZ, 2006, DAMASCENO, 2010).

Para além dessas esferas da sociedade, a gemelaridade também desperta interesse científico em vários campos do saber, como na genética, educação, psicologia, sociologia e antropologia (DIAS; FONSÊCA, 2013). Francis Galton (1875), já versava sobre a relevância do estudo com gêmeos monozigóticos visando à investigação da relação entre *nature* e *nurture*, ao que se conhece hoje por genótipo e ambiente. Acerca desse aspecto, o cientista afirmou que a história de irmãos gêmeos pode proporcionar a compreensão dos efeitos daquilo que é posto com o nascimento (natureza) e daquilo que é adquirido pelas circunstâncias ao longo da vida (aprendizagem).

Esse tipo de investigação ficou conhecido como “método clássico de gêmeos” e Beiguelman (2008) ressalta que, até os dias atuais, o objetivo da maioria das pesquisas sobre gêmeos continua sendo o estabelecido por Galton. Joseph (2013) afirma que o “método clássico de gêmeos” vem sendo utilizado há várias décadas em psicologia, psiquiatria e

medicina e, mais recentemente, nos campos das ciências sociais e economia.

Vecina (2011), apresentando uma revisão crítica da literatura científica sobre gêmeos, constata que a temática vem sendo abordada de maneira “precária” não somente em obras antigas ou no senso comum. A autora afirma que no cenário nacional é difícil encontrar obras específicas sobre gêmeos e os livros que se encontram constituem manuais, na maioria das vezes escritos por mães, que sugerem melhores formas de lidar com múltiplos, subentendendo que há uma “situação gemelar universal e abstrata” e a produção acadêmica também lida com as mesmas noções deterministas de sujeito e são permeadas de normas prescritivas. No cenário internacional há maior quantidade de publicações, no entanto as explicações continuam sendo deterministas, estudos simplistas, orientações gerais que desconsideravam as implicações dialéticas entre homem e meio. A partir desse dado, a autora questiona as “concepções de sujeito” que embasam os estudos, afirmando que ser gêmeo não é fator determinante para uma trajetória de vida, já que os indivíduos fazem parte de sistemas dinâmicos e complexos que se inter-relacionam e considera que características genética e ambiente não podem ser consideradas de maneira dicotômica, sendo importante adotar uma perspectiva interacionista mais ampla em estudos sobre o desenvolvimento.

1.6 Pesquisas com Gêmeos: particularidades e necessidades

Vecina (2011) constatou, ao realizar um levantamento das publicações acadêmicas sobre gemelaridade, que a maioria dos trabalhos é da área da saúde e que discorrem principalmente sobre a causa das gestações múltiplas, problemas decorrentes da gravidez e parto e hereditariedade de diversas patologias; afirmou ainda que a maior parte das publicações apresenta o “método clássico de gêmeos” que busca nos irmãos gêmeos a comparação das determinações ambientais e genéticas.

Vieira (2011) também observou na literatura consultada que a Psicologia possui bastante interesse e produção de pesquisas com gêmeos, mas em geral busca-se a avaliação da influência genética utilizando métodos de delineamentos longitudinais e comparativos entre monozigóticos e dizigóticos; gêmeos e crianças únicas; gêmeos em distintas idades e gêmeos criados juntos ou separados. Vieira e Branco (2010) e Dias e Fonsêca (2013) acrescentam que os estudos com gêmeos em Psicologia no Brasil buscam identificar e diferenciar as influências da hereditariedade visando à explicação de distúrbios, psicopatologias e habilidades, focalizando principalmente em processos cognitivos e em traços de personalidade e temperamento.

Destacam-se algumas pesquisas consultadas, tanto estrangeiras como do Brasil, que seguem o “método clássico de gêmeos”. Há aqueles que buscam compreender aspectos de transtornos psiquiátricos, como os estudos de Monteiro, Camargo e Toniolo (2002) e Owens et al. (2012) sobre a esquizofrenia; Alemany et al. (2013) que aborda as adversidades na infância e a psicose; Domschke (2013) discute a depressão; Lima, Sougey e Vallada Filho (2004) se dedicam aos transtornos afetivos; Linker et al. (2012) se referem às ideias suicidas, depressão e transtorno de conduta. Há também, em grande quantidade, pesquisas sobre características de personalidade e de comportamento, como os estudos de Ito e Guzzo (2002) sobre as diferenças no temperamento; Beaver, Vaughn e Delisi (2013) investigam traços de personalidade psicopática; Ludeke e Krueger (2013) discutem o autoritarismo como um traço de personalidade; Vaske, Boisvert e Wright (2012) fazem a correlação entre a vitimização violenta e o comportamento criminoso e DiLalla e Mullineaux (2008) afirmam que gêmeos que estudam na mesma sala de aula apresentam menos problemas de comportamento.

A pesquisa de Schlindwein-Zanini (2009) buscou a avaliação da maturidade mental em dois meninos de três anos e dez meses de idade, gêmeos monozigóticos, através da Escala

de Maturidade Mental Colúmbia (CMMS) e uma entrevista psicológica com a mãe. A autora afirma que os gêmeos pesquisados apresentam diversas semelhanças como o aspecto genético, frequentam a mesma sala de aula na pré-escola e que são “igualmente estimulados pela família” nos âmbitos que denomina “cognitivo, social, cultural, motor e afetivo”. Dessa forma, esperavam-se resultados semelhantes no CMMS e assim foi ratificado: ambos apresentam um bom índice em termos de maturidade mental e raciocínio geral, indicando compatibilidade com a idade cronológica. Ainda é sugerido que mais investigações sejam realizadas no sentido de evidenciar mais especificamente áreas e potencialidades em que diferem ou são semelhantes. A autora destaca que devido ao grande interesse científico sobre a interação entre as influências do ambiente e hereditárias para a formação do indivíduo, as pesquisas com gêmeos e suas famílias são valiosas. Nesse sentido, a compreensão das origens genéticas e ambientais das características dos indivíduos pode fornecer um importante recurso para compreender as complexidades que envolvem o desenvolvimento psicológico infantil. E completa afirmando que há influência de ambos os aspectos e que ao mesmo tempo em que gêmeos são similares, são também singulares e que cada um reage de uma maneira às influências, sendo marcado como ser único, mas “diferenciando-se dos demais por um vínculo único com um grande amigo: o irmão” (p.87).

Outro estudo teve como participantes um par de gêmeos monozigóticos de 13 anos que apresentava sintomas diferentes entre si da síndrome de Asperger e foi avaliado buscando a compreensão dos funcionamentos cerebrais a partir da investigação combinada entre aspectos comportamentais, fisiológicos e morfológicos. Foram constatadas diferenças significativas nos desempenhos dos gêmeos, confirmando que, apesar de o desenvolvimento do autismo depender em grande parte de fatores genéticos (concordância de 60% em gêmeos monozigóticos), há também significativo grau de discordância e variabilidade fenotípica,

mesmo entre indivíduos geneticamente idênticos, o que quer dizer que uma única base genética pode desenvolver dois fenótipos distintos. O estudo sugere que o desenvolvimento é suscetível a modificações ocasionadas por fatores ambientais e que, portanto, as intervenções terapêuticas devem considerar as individualidades (BELMONTE; CARPER, 2006).

A pesquisa, realizada por Nes, Czajkowski e Tambs (2010), que investigou a felicidade nas famílias nucleares com gêmeos, utilizou duas amostras populacionais independentes, sendo uma composta por famílias nucleares (N = 54.540) e outra com famílias com gêmeos (N = 6.620) e teve como objetivo analisar as influências genéticas e ambientais sobre o “bem-estar subjetivo” (subjective well-being - SWB). Para tanto, examinou-se a intensidade e os tipos de influências envolvidas, quanto à genética, efeitos ambientais verticais e horizontais, efeitos específicos do gênero e ainda testou a validade das suposições importantes que sustentam os estudos clássicos de gêmeos. Os dados analisados são provenientes de dois estudos noruegueses onde foram consideradas respostas de vários parentes. Os autores destacam que buscaram superar algumas limitações do “método clássico” de pesquisa com gêmeos e que o estudo constitui uma investigação elaborada sobre o SWB. Os resultados demonstram que todas as relações familiares nucleares são significativas para a felicidade, em grande parte devido aos genes, ainda que a magnitude dos efeitos genéticos e também dos efeitos ambientais difira entre os gêneros feminino e masculino. A relação conjugal mostra-se uma variedade positiva ao SWB. A transmissão cultural parece ser insignificante para o SWB, mas gêmeos monozigóticos compartilham mais características ambientais do que outros irmãos (incluindo gêmeos dizigóticos), indicando que alguns tipos de ambientes compartilhados são importantes para a felicidade familiar.

Stubbe et al. (2005) também investigaram o SWB em um estudo holandês que contou com uma amostra de 5.668 participantes composta por gêmeos monozigóticos, gêmeos

dizigóticos e pares de irmãos com idades entre 14 e 88 anos (cerca de 75% dos indivíduos tinham entre 20 e 40 anos de idade). Visando compreender a contribuição dos genes e do ambiente para as diferenças individuais na satisfação com a vida, os resultados apontam que há uma significativa contribuição de fatores genéticos para a satisfação com a vida (38%). As diferenças individuais sobre a satisfação com a vida em longo prazo podem ser causadas por fatores genéticos, enquanto um estado de satisfação de médio ou curto prazo pode ser causado por fatores ambientais específicos de cada sujeito.

Burt e Klump (2012) que realizaram uma meta-análise de 103 estudos sobre o comportamento antissocial evidenciaram que a maior parte das pesquisas analisadas baseou-se quase que exclusivamente no “método clássico de gêmeos” e que esse dado é problemático, já que a associação simultânea entre influências genéticas e ambientais não são consideradas nesse pressuposto. Os autores sugeriram então a utilização do “modelo de família nuclear de gêmeos” que permite aos pesquisadores avaliar os pressupostos do “método clássico” incorporando dados dos pais e dos próprios gêmeos. O objetivo do estudo foi, portanto, avaliar se as descobertas anteriores sobre o comportamento antissocial persistiram quando se utilizou o novo método. Examinaram uma amostra de 312 famílias com filhos gêmeos. Os resultados corroboram em parte com as descobertas anteriores, no entanto, os resultados atuais também sugeriram que as influências genéticas sobre o comportamento antissocial podem ser superestimadas quando se utiliza o “método clássico de gêmeos”.

Criticando severamente um estudo em ciência política que no ano de 2012 apontou como válido o uso do “método clássico”, Joseph (2013) argumenta que a conclusão de tal pesquisa não se sustenta, pois os investigadores, dentre outros equívocos, teriam enquadrado o estudo de forma que a validação do método fosse garantida; partiram do pressuposto distorcido de que os gêmeos possuem ambientes iguais; teriam negligenciado evidências

anteriores de aspectos da relação dos gêmeos que poderiam afetar os resultados; houve confusão dos aspectos ambientais com os genéticos. O autor conclui então que as interpretações advindas do “método de gêmeos” em ciência política e também nos campos de ciências comportamentais devem ser rejeitadas.

Para Vecina (2011) esse tipo de debate que busca identificar similaridades ou diferenças em gêmeos para depois atribuir as origens dessas manifestações, refere-se a teorias inatistas e ambientalistas que buscam referendar determinada concepção teórica do desenvolvimento humano. Dessa forma, os pesquisadores recaem em explicações deterministas: ora ambientalistas, ora inatistas ou ainda, em uma sobreposição das duas esferas, que resulta em dupla determinação. O defendido pela autora seria considerar um “profundo entrelaçamento” entre genética e ambiente em um enfoque mais progressista capaz de romper com determinismos. Não há que se investigar o grau de influência entre um e outro, é impossível mensurar o que é genético e o que é ambiental, já que essas duas esferas encontram-se atreladas de uma maneira indissociável.

Vieira (2011) também enfatiza que teorias psicológicas sobre o desenvolvimento de gêmeos ainda são encontradas em número muito reduzido e que a internalização dessas teorias por parte de pais e professores mostra-se, em alguns momentos, coerente e em outros momentos, contraditória e divergente. Mas que esta condição de coerência/contradição não é percebida somente em discursos empíricos de pais e professores, mas também em autores que se dedicam a pesquisas científicas com gêmeos. Concorde-se com a autora ao afirmar que não se deve desconsiderar a relevância dos referidos estudos, que geralmente são encontrados na literatura, mas que é importante, diante da “multicausalidade” e da “complexidade” do tema investigar outros fatores que atuam ao longo do desenvolvimento dos gêmeos e de sua família. Nesse sentido, apresentam-se estudos que investigaram o ambiente escolar e as

amizades de gêmeos, os relacionamentos com familiares e a própria relação gemelar.

Buscando analisar a dinâmica dos processos de construção de significados e internalização de crianças gêmeas que decorrem das relações sociais, padrões de comunicação, práticas culturais, assim como as crenças e expectativas sociais e práticas educativas, Vieira (2011) realizou um estudo qualitativo com análise microgenética fundamentado na psicologia sociocultural construtivista. A autora teve como objetivos investigar, através de sessões estruturadas, os padrões de interação social entre pares de crianças gêmeas e seus pais, educadoras e colegas; identificar e analisar, através de entrevistas, as orientações dos adultos quanto às crenças, aos valores, práticas de socialização, expectativas e projetos que se referem ao desenvolvimento de crianças gêmeas; produzir conhecimento sobre os processos de socialização que orientam para similaridades e/ou diferenciações entre as crianças. A autora relata a participação de dois pares de crianças gêmeas monozigóticas, com idades de cinco anos e dez meses e cinco anos e seis meses, em interação com suas mães, professoras, colegas e a pesquisadora. Os resultados indicam que há diferenças quanto aos objetivos, crenças e expectativas sobre comportamento, desempenho e relações de crianças gêmeas entre os diversos atores dos contextos família e escola, permitindo a flexibilidade de desenvolvimento infantil sem privilegiar a similaridade entre as crianças; o aspecto afetivo parece ter posição de destaque nos processos de significação das experiências das crianças; a similaridade é uma característica construída nas relações com o cogêmeo e outros sociais, dependendo dos contextos em que estão inseridos, e não algo imposto ou transmitido à criança gêmea; adultos e as próprias crianças constroem na relação as versões narrativas sobre o desenvolvimento de crianças gêmeas; as práticas educativas no ambiente escolar parecem promover a conscientização e experiências que valorizem a construção de trajetórias distintas para cada criança, contribuindo para um desenvolvimento

pleno e integrado de cada uma e desconstruindo mitos e ressignificando concepções equivocadas sobre a gemelaridade.

O artigo de Vieira e Branco (2010), parte do estudo citado acima, apresentou um episódio interativo entre um avô e um par de crianças gêmeas e a análise microgenética da interação demonstrou-se condizente com as crenças e teorias do avô obtidas com a entrevista. As autoras trouxeram discussões importantes sobre a socialização de gêmeos monozigóticos e os resultados mostram que, de maneira consistente, o avô buscava a promoção da “igualdade” entre os netos gêmeos e esse intento pode ter impacto na trajetória desenvolvimental de cada criança, especialmente, nos processos de construção das individualidades. A questão é considerada evitando-se generalizações, mas ao constatar que crenças, práticas e expectativas familiares podem atuar como facilitadoras ou dificultadoras para a promoção das similaridades e diferenciações, abrem-se interessantes perspectivas para analisar as trajetórias de desenvolvimento e os impactos sobre a construção ativa da individuação e subjetivação de gêmeos.

Vecina (2011) realizou uma pesquisa, sob o referencial teórico socio-histórico, com dois pares de gêmeos de 12 e 14 anos, seus responsáveis e dois de seus professores buscando intersecções entre os discursos sobre a vida familiar e escolar dos gêmeos, sobre seus modos de agir, pensar e se comportar e sobre a relação com o cogêmeo. Identificou-se que os significados atribuídos pelos gêmeos são permeados pelos discursos e práticas educativas. Os dados sugerem a relevância de conhecer as expectativas dos agentes educadores e as maneiras de apropriação dos discursos por parte dos gêmeos, indicando a necessidade de pais e professores refletirem sobre seus papéis enquanto mediadores entre os filhos/alunos e o mundo em que vivem, uma vez que as práticas sócio-discursivas atuam diretamente nos processos de desenvolvimento desses jovens, contribuindo para a construção das percepções

sobre o lugar do outro e das versões que cada um faz de si. Assim, a autora conclui que o trabalho pode ajudar na reorientação dos modos de educar gêmeos e de agir com essa população e ainda vai além: pode ser utilizada em um campo mais amplo do desenvolvimento em geral já que estudos com gêmeos evidenciam de maneira emblemática a construção da subjetividade vivenciada por todos.

Dentre as pesquisas que buscaram avaliar o ambiente familiar e os impactos sobre a identidade de filhos gêmeos, destacam-se três artigos de Barbeta, Panhoca e Zanolli (2008a, 2008b, 2009) da área da fonoaudiologia. As autoras acompanharam longitudinalmente dez famílias desde o diagnóstico de gestação gemelar monozigótica até aproximadamente o 26º mês de vida das crianças, obtendo oito entrevistas semiestruturadas com cada família. Realizaram uma investigação qualitativa sobre o discurso familiar acerca da gemelaridade, assim como sobre o desenvolvimento da linguagem nas crianças.

Quanto ao desenvolvimento da linguagem nos gêmeos, sete entre os dez casos estudados foram apontados como tendo um desenvolvimento diferenciado. Como características peculiares na linguagem das crianças, destacam-se os relatos de “comunicação secreta” entre os gêmeos durante um período; atraso na aquisição da linguagem e uma das crianças ser a porta-voz da dupla e seu cogêmeo ter fala mais limitada. No entanto, não houve preocupação tão relevante por parte da família que revelou em seu discurso a ideia de que o desenvolvimento de gêmeos não segue normalmente o esperado (BARBETTA; PANHOCA; ZANOLLI, 2009).

Dos relatos dos pais e irmãos acerca da vivência familiar da gemelaridade, emergiram sete categorias: a descoberta da gemelaridade, escolha de nomes, vestuário, interação, rotina, linguagem e identidade. Com isso, percebeu-se que desde a gravidez, há certo nível de estresse, preocupação e também muitas expectativas em relação à gemelaridade. Algumas

práticas, como a escolha de nomes parecidos e a utilização de roupas semelhantes podem permear as relações de famílias de gêmeos, acompanhando o processo de desenvolvimento das crianças. Dentre outros aspectos, destaca-se dificuldade por parte da família em perceber a individualidade de cada criança, havendo tendência em considerar as crianças como ligadas incondicionalmente ao irmão. Os dados demonstram necessidade de acompanhamento específico para as famílias desde a gestação (BARBETTA; PANHOCA; ZANOLLI, 2008a, 2008b).

Thorpe e Gardner (2006) analisaram a influência do tipo de gemelaridade (monozigóticos, dizigóticos do mesmo sexo e dizigóticos de sexos opostos) sobre os padrões de amizade, visando discutir suas implicações para o desenvolvimento social de crianças gêmeas. A partir de entrevistas com 60 crianças, sendo 30 pares de gêmeos, com idade média de oito anos e quatro meses, investigaram a quantidade de amigos compartilhados, o grau das amizades e o significado da amizade compartilhada para as crianças, examinando se havia diferenças entre os grupos. Os resultados indicaram que, enquanto o número de amigos indicados não variou, o grau em que as amizades são compartilhadas foi significativamente associada com o tipo de gemelaridade. Crianças monozigóticas partilham cerca de 50% de seus amigos, dizigóticas do mesmo sexo, 25% e dizigóticas de sexos opostos, 5%. Gêmeos monozigóticos apresentaram boa aceitação sobre terem amigos em comum; pares dizigóticos de sexos opostos compartilham menos amigos e, portanto, são menos desafiados pela situação de negociar as amizades; pares dizigóticos do mesmo sexo apresentam reações ambivalentes ou negativas sobre a situação de partilha de amizade com o gêmeo, com descrições mais específicas sobre as condições de partilha (eu compartilho o amigo algumas vezes e outras não, eu compartilho o mesmo amigo, mas nós não brincamos juntos ou brincamos com o mesmo amigo em diferentes ocasiões). Assim, os autores concluem que apesar de ser

importante para todos os indivíduos que vivenciam a gemelaridade estabelecer um equilíbrio entre a identidade gêmea e a identidade individual para funcionar bem socialmente, a motivação para cumprir essa tarefa de alcançar o equilíbrio não é igual para todos. Pares do sexo oposto normalmente desenvolvem satisfatoriamente a identidade individual com mais naturalidade, enquanto os gêmeos monozigóticos podem nem sequer sentirem motivação para buscar um mundo social separado do cogêmeo e os pares dizigóticos do mesmo sexo são mais propensos a experimentar conflitos durante o desenvolvimento da individualidade.

David et al. (2000) investigaram o apego estabelecido entre cinco mães e seus bebês gêmeos com idades entre 12 e 25 meses. A partir de uma entrevista semidirigida, observação e o teste situacional “Strange Situation Paradigm”, realizou-se uma análise qualitativa e foram obtidas cinco categorias: os sentimentos e expectativas da gestação, parto, mitos sobre gêmeos, rotina e cuidados com os filhos gêmeos e percepção das mães. Constataram-se grandes expectativas e ansiedade, mas também aceitação e envolvimento com a situação inesperada durante a gravidez. Em relação ao parto, dentre os cinco partos, três foram cesarianas e estavam presentes sentimentos ambivalentes, como alegria e medo. Algumas mães tiveram contato maior com seus bebês recém-nascidos enquanto, em outros casos, os bebês necessitaram de cuidados especiais, não sendo possível o contato imediato. Houve dificuldades na amamentação e uma tendência entre as mães em cuidar dos filhos gêmeos do mesmo modo. Horários de amamentação, banho e outras atividades rotineiras são semelhantes ou seguidos (termina de cuidar de um bebê, logo faz o mesmo com o outro), incluindo roupas que os deixam mais parecidos. Quanto à percepção das mães, vê-se que elas percebem as necessidades e temperamentos, mas há receio em atender de forma diferenciada e favorecer um em detrimento do outro. Em relação ao padrão de apego, as tríades apresentam-se seguramente apegadas e pode-se concluir que, no caso de filhos gêmeos, a mãe se vincula a

ambos os bebês que, por sua vez, vinculam-se igualmente à mãe e ao irmão. Os autores evidenciaram a importância de perceber as diferenças de necessidades e temperamentos entre os bebês e assim considerá-los individualmente e tratá-los de maneira diferenciada, preservando suas identidades e individualidades e estabelecendo um vínculo satisfatório e sadio com cada um dos filhos.

Considerando a “identidade gêmea” como uma identidade social definida dialeticamente nas relações, e situando os pais e as crianças como atores sociais, Bacon (2006) considerou a experiência social da gemelaridade como construída pelas relações familiares e também de forma ativa pelos próprios gêmeos. Nas sociedades ocidentais, a similaridade constitui um componente central de definição da “identidade gêmea” e essa identidade similar é comunicada, muitas vezes pela forma de se vestir crianças gêmeas, já que a roupa é uma importante “ferramenta cultural” que leva significado sobre quem cada um é ou não. Assim, o objetivo foi explorar como gêmeos negociam (criam, modificam e reproduzem) suas identidades ao longo do curso da vida através das roupas que vestem, destacando o papel ativo que os próprios gêmeos possuem. Participaram duas crianças, dez adolescentes, sete jovens e dois adultos, além dos familiares (pais e outros irmãos). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas gravadas, onde os gêmeos adultos lembraram de suas próprias infâncias e as crianças relataram sobre o período que estão vivendo, assim como os familiares. Os gêmeos foram entrevistados juntos e separados, o que permitiu a análise de como interagiam entre si sem tirar a oportunidade de falar sobre questões particulares. Os dados foram analisados qualitativamente de forma a explorar a natureza de diferentes temas de análise e as ligações entre eles (BACON, 2006).

Os resultados do estudo de Bacon (2006) sugerem que os pais tomam controle sobre os corpos de seus filhos, quando bebês e crianças, vestindo-os iguais como forma de significar

a gemelaridade. No entanto, isso parece ser influenciado pelo gênero, já que os pais apresentam discursos sobre identidade de gênero e expressão de individualidade. Mesmo não sendo monozigóticos, quando são do mesmo sexo, os gêmeos usam roupas iguais, mas quando são de sexo oposto, esse período de “vestir igual” pode ser encurtado e a diferença é mais reconhecida. Quando as crianças crescem e tornam-se mais autônomas, aumenta sua capacidade de fazer escolhas e de tomar medidas para moldar suas próprias vidas e alguns gêmeos podem assumir um papel mais ativo de instigar a transição para a diferença. Normalmente escolhem vestir-se de forma diferente, mas o ideal de uniformidade dupla pode ser modificada em vez de abandonada e gêmeos podem optar por manter algumas expressões de similaridade (por exemplo: vestem roupas semelhantes, mas com cores diferentes). Isto sugere que a transição de "similaridade" para "diferenciação" não é um movimento linear. Os indivíduos possuem um papel ativo na tentativa de moldar as percepções deles e de outras pessoas. Se querem ser vistos como gêmeos, eles exigem a cooperação de seu companheiro gêmeo. Da mesma forma, se os gêmeos querem a validação externa de sua individualidade, eles devem trabalhar juntos para moldar seus corpos como diferentes. No entanto, embora os gêmeos devam trabalhar juntos, isso não significa necessariamente que cada dupla terá uma unicidade de opiniões nessa construção.

Assim, bebês e crianças pequenas podem atrair positivamente a atenção por se vestirem iguais e a similaridade pode ser um meio de estabelecer um sentimento de pertença. No entanto, as expressões de individualidade recebem uma valorização cultural crescente e as crianças mais velhas podem ser estigmatizadas se mantiverem a mesma aparência. Alguns irmãos nutrem ao longo da vida expressões de similaridade ao lado da sua individualidade, buscando a manutenção do “status especial da gemelaridade” ao mesmo tempo em que sustentam suas características como indivíduos. Conclui-se, portanto, que tanto os pais quanto

os filhos gêmeos ambos têm um papel a desempenhar na construção das identidades individuais e sociais. Os pais podem influenciar sobre a maneira de vestir de forma direta nos primeiros anos, mas os indivíduos gêmeos, ao longo de seu curso de vida têm um papel central na construção e realização das próprias identidades (BACON, 2006).

Dias e Fonsêca (2013) organizaram três estudos com famílias gemelares com análises segundo a Teoria Familiar Sistêmica. As investigações buscaram compreender como as famílias vivenciam a condição da gemelaridade sob o ponto de vista dos pais, dos irmãos e dos próprios gêmeos.

Na primeira pesquisa, Fonsêca, Crespo e Dias (2013), por meio de uma entrevista semiestruturada, propuseram-se a compreender os prazeres e desafios de ser pai e mãe de gêmeos, investigando a reação de 15 pais e mães, com idades entre 27 e 67 anos, diante da notícia de gravidez gemelar, os sentimentos experimentados durante a espera e com o nascimento, assim como as questões vivenciadas durante a criação de filhos gêmeos. Diante de análises de conteúdo foram discutidas as seguintes categorias: 1) o impacto da notícia, seguida de euforia e felicidade e, após, preocupação; 2) a adaptação dos gêmeos à família e ao meio social apontando a curiosidade das pessoas, a forte união entre os gêmeos e a dificuldade em lidar com os outros filhos mais velhos diante da chegada dos irmãos; 3) as dificuldades na criação como o cansaço nos primeiros meses, dificuldade financeira, questões cotidianas que se tornam um desafio maior por serem em dobro e a vida pessoal e íntima do casal; 4) as vantagens em ter filhos gêmeos destacando o orgulho após os filhos crescidos, o prazer do *status* social diferenciado, o amadurecimento pessoal e do casal e ainda a maior união da família extensa e até com a vizinhança; 5) as necessidades de apoio familiar e de orientação especializada; 6) os pais sentem-se privilegiados por terem filhos gêmeos, mas preocupados com a forma de criar, principalmente quanto à diferença de atenção que pode ser

dada ao filho único.

A segunda pesquisa foi conduzida por Fonsêca, Torres e Dias (2013) que investigaram, através de uma entrevista semiestruturada, as vantagens e desvantagens de ter irmãos gêmeos, os sentimentos envolvidos e as necessidades sentidas na relação. Os 15 participantes, com idades entre 15 e 50 anos, eram irmãos mais velhos ou mais novos de gêmeos. Os resultados indicaram reações, principalmente, de felicidade, ciúme e envolvimento nas tarefas de cuidado por parte dos irmãos mais velhos ao receberem os gêmeos; quanto à adaptação dos gêmeos ao meio, os irmãos indicaram dependência entre os gêmeos com estreita relação e até necessidade de propiciar diferenças e de separá-los, o que aponta para exclusão de um possível terceiro elemento, no caso o irmão não gêmeo; as dificuldades dos irmãos na convivência com gêmeos que apareceram no estudo foram: de se relacionar, por ser alvo de comparações, principalmente quando os gêmeos são mais velhos que o irmão, sentem ciúme e inveja dos gêmeos, e sentem-se rejeitados e excluídos por estes, indicaram as despesas e terem que dividir tudo com eles; como vantagens indicam que acham bonito terem irmãos gêmeos e que chamam a atenção, assim como afirmam que os gêmeos trouxeram mais alegria e união à família; sentimentos tais como afeto, proteção, cuidado e companheirismo foram apontados, mas também o sentimento de exclusão apareceu. Finalizam sinalizando dificuldades e assim como os pais, os irmãos também se referiram à falta de preparo dos pais e familiares para lidar com os gêmeos e com a relação destes com o sistema familiar.

A terceira investigação, realizada por Dias e Mello (2013), contou com 15 irmãos gêmeos monozigóticos e dizigóticos, com idades que variaram de 19 a 39 anos. Tendo como objetivo geral investigar como os próprios gêmeos vivenciam sua condição, a pesquisa buscou compreender como os participantes percebem a sua condição de gêmeo, como é o

relacionamento com os pais e irmãos e identificar as dificuldades, facilidades, necessidades e sentimentos experimentados nessas relações. Utilizaram como instrumentos o Desenho da Família, um questionário e um roteiro de entrevista. A análise do desenho considerou aspectos formais/gerais e de conteúdo. Dentre outros resultados, a maioria dos casos apresentou autovalorização, valorização do gêmeo e dos pais; a rivalidade fraterna apareceu, mas foi considerada normal e positiva; de maneira geral os desenhos evidenciaram tendências afetivas positivas em relação a si mesmos, aos pais e aos seus gêmeos, ou seja, sentimentos de admiração, amor, investimento e valorização, mas houve também tendências afetivas negativas (desconsideração, ódio, desvalorização e não investimento) em relação aos demais irmãos. A entrevista apresentou resultados sobre o significado da gemelaridade como apego recíproco, companheirismo e confiança; o relacionamento com os pais foi referido como baseado em amizade, reciprocidade e respeito, apesar de alguns relatarem pouca intimidade e tentativas, por vezes exageradas, de manter a união sem brigas entre os gêmeos; quanto ao relacionamento com os outros irmãos, relatam boa convivência, mas a preferência é pelo irmão gêmeo; sobre as dificuldades percebidas, os gêmeos se referem à tendência ao isolamento da dupla em relação aos grupos sociais, aos rótulos e comparações que desde cedo são enfrentados, a dominância de um gêmeo sobre o outro, assim como o “efeito gêmeo” e a simbiose, ambos sinais de dificuldade com a construção de identidade própria; como vantagens percebidas destacam-se a confiança e o companheirismo, assim como a atenção que chamam e poder se passar pelo outro nos casos de monozigóticos, por fim, quanto às necessidades sentidas, referiram-se, principalmente à necessidade de sempre estarem juntos em oposição à busca pelo próprio espaço não apenas físico, mas também psicológico.

Danby e Thorpe (2006) investigaram as interações sociais e qualidades do relacionamento construído entre os gêmeos. O artigo examinou como crianças consideram

suas relações com os seus cogêmeos baseado nos relatos de 60 crianças gêmeas, sendo dez pares monozigóticos, dez dizigóticos do mesmo sexo e dez dizigóticos de sexo oposto, com idade entre cinco a dez anos, e seus pais. Conclui-se que gêmeos dizigóticos do mesmo sexo tendem a ver o seu cogêmeo de maneira menos favorável, havendo tendência de maiores conflitos em comparação com os outros dois grupos. Com base nesse resultado, foi selecionado um caso entre os 30 de duas meninas dizigóticas para centralizar as análises. Estas relataram que tinham diferenças de pensamento, atividade e autoapresentação, descrevendo um tipo de interação baseada em conflito, competição e provocação. As autoras evidenciam a complexidade da relação cotidiana entre gêmeos que está sempre sendo negociada e realinhada.

Dessa maneira, Minuchin (1982) afirma que com o nascimento de uma criança, o funcionamento conjugal se altera acolhendo novas funções colocadas pelas necessidades da paternidade. O autor acrescenta que, considerando uma família composta pelo casal, “em geral, o sistema deve efetuar as mudanças complexas requeridas para passar de um sistema de dois para um sistema de três” (p. 40). Dias e Melo (2013) afirmam que a chegada de um novo membro familiar já quebra a estabilidade e produz diversas mudanças no sistema até que ele alcance a readaptação. Entretanto, quando chegam duas ou mais crianças ao mesmo tempo, como nos casos de nascimentos gemelares, há um esforço redobrado de todos que compõem o sistema visando à readaptação (DIAS; MELO, 2013, p. 24). Segundo Bradt (2008), se já há consideráveis repercussões na estrutura e na dinâmica dos relacionamentos familiares gerando reavaliação dos papéis de cada subsistema quando acontece o nascimento de uma criança, quando há nascimentos muito próximos ou de gêmeos, são ainda maiores a complexidade e o impacto para o sistema familiar, requerendo ainda mais modificações no ambiente familiar.

Assim, o nascimento múltiplo é um fator a mais de estresse e um desafio maior se

comparado a nascimentos únicos, principalmente devido ao acúmulo de tarefas adicionais envolvidas (BRADT, 2008, DIAS; FONSÊCA, 2013). Dias e Fonsêca (2013) enfatizam que é exigido um grande investimento psíquico por parte dos cuidadores que devem atender as demandas de dois bebês, primando pela qualidade de cada relacionamento e respeitando a individualidade de cada membro, já que apesar de terem dividido o mesmo espaço uterino, possuem necessidades diversas e irão constituir personalidades distintas.

Entende-se que crianças gêmeas, principalmente as monozigóticas, vivenciam situações bastante típicas com circunstâncias familiares diferentes das famílias com filhos não gêmeos, já que além da família e amigos, a sociedade como um todo apresenta crenças, valores, práticas, pressupostos e expectativas bem peculiares sobre a gestação, o nascimento e o desenvolvimento de gêmeos (BARBETTA; PANHOCA; ZANOLLI, 2008b, VIEIRA; BRANCO, 2010). As concepções envolvidas por tais mitos e crenças que foram sendo construídas historicamente sobre os processos de desenvolvimento humano e, especialmente, sobre o desenvolvimento de gêmeos, acabam por referendar uma série de preconceitos e discursos com forte tradição determinista que devem ser amplamente combatidos e rompidos (VECINA, 2011).

Melchiori et al. (2007) levantaram a discussão sobre os papéis dos genitores e educadores de berçário na sociedade contemporânea ao investigar as concepções desses cuidadores sobre as influências no temperamento e no desempenho de bebês. Concluíram que as crenças dos adultos a respeito do temperamento, do comportamento e do desenvolvimento da criança podem influir em suas ações e levantaram a importância de criarem-se programas de treinamento que auxiliem na criação de ambientes que potencializem o desenvolvimento infantil ao considerar a criança como um ser ativo e intencional, estimulando suas competências e habilidades.

Nesse sentido, a situação da gemelaridade, dependendo das crenças e práticas que a envolvam, pode ser um fator a mais de interferência na dinâmica do desenvolvimento infantil. Por isso, é necessário o investimento em pesquisas e na instrumentalização de profissionais que estejam aptos a realizar um acompanhamento diferenciado e específico e ainda fornecer às famílias que vivenciam a gemelaridade informações adequadas, que desmistifiquem o tema (BARBETTA; PANHOCA; ZANOLLI, 2008a, 2008b, 2009, VIEIRA; BRANCO, 2010, VIEIRA, 2011, VECINA, 2011).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Busca-se como objetivo geral da pesquisa analisar a dinâmica das relações familiares e dos relacionamentos fraternos segundo a perspectiva de irmãos gêmeos em idade escolar.

2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos propostos neste trabalho são:

- a) Caracterizar o sistema familiar de crianças gêmeas, quanto aos aspectos sociodemográficos, atividades de lazer e funções domésticas, assim como os principais eventos da vida em família;
- b) Identificar como se constitui a rede de relações de crianças que possuem um (a) irmão (ã) gêmeo (a) com os subsistemas parental e fraterno;
- c) Verificar como essas crianças percebem-se na estrutura familiar e como projetam suas relações familiares.

3 MÉTODO

Oliveira (2005) afirmou que a metodologia utilizada por um pesquisador revela a forma como ele enxerga a sua realidade, demonstrando como concebe e produz um conhecimento científico. A autora indica que o ponto de partida para fazer a escolha sobre o caminho até o conhecimento é a reflexão sobre questões paradigmáticas.

Dessa forma, relembra-se Hinde (1997) que defende que as relações acontecem em determinado contexto e tempo e que a descrição de uma relação restringe-se àquele dado momento, pois a natureza de um relacionamento pode mudar.

Assim, compartilhando dos pressupostos do Pensamento Sistêmico, que abandona a ideia de neutralidade científica e exige o reconhecimento da participação do observador no sistema observado (VASCONCELLOS, 2005), explicitam-se a seguir as escolhas e procedimentos metodológicos adotados no presente trabalho, buscando a coconstrução do mundo e não sua descoberta.

Aspesi, Dessen e Chagas (2005) afirmam que uma investigação que tenha uma perspectiva sistêmica permite a compreensão das interações entre o indivíduo e o seu meio, já que essas interações ocorrem em dado contexto social, histórico e cultural e são complexas, dinâmicas multifacetadas.

3.1 Tipo da pesquisa

Tendo em vista os objetivos do presente estudo teórico, considerou-se adequada uma investigação qualitativa de natureza exploratória e com delineamento de estudo de caso.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa já é um campo de investigação, em si mesma. Há grande número de métodos e abordagens qualitativas localizados em um complexo campo histórico. Ela não possui uma única teoria, paradigma ou

prática metodológica; há múltiplos empregos para as estratégias da pesquisa qualitativa e qualquer definição do que é pesquisa qualitativa deve levar em consideração tal complexidade. Uma definição genérica aponta que a pesquisa qualitativa é uma atividade que, utilizando abordagem naturalística e práticas materiais e interpretativas, localiza o observador no mundo e dá visibilidade ao mundo, transformando-o em representações que buscam a compreensão e interpretação dos fenômenos em termos dos significados conferidos pelas pessoas.

A metodologia qualitativa busca a realização de um processo interpretativo construído na relação entre pesquisado e pesquisador, por meio de um trabalho que, prezando pela coerência, rigor, transparência e reflexibilidade, não tem pretensões de generalização, mas traz como possibilidade a extensão e a aplicação do conhecimento construído a outras condições e contextos (OLIVEIRA, 2005).

Dentro da pesquisa qualitativa, que envolve a coleta de materiais empíricos, encontra-se, entre outros tipos de coleta, o estudo de caso (DENZIN; LINCOLN, 2006). E de acordo com Stake (2005) o estudo de caso é comum em pesquisas qualitativas, apesar de poder ser utilizado em outras investigações. Segundo o autor, o estudo de caso não é uma escolha metodológica e sim uma escolha sobre o que será estudado. Esse tipo de estudo se concentra no conhecimento através da experiência do caso e busca compreender as influências do meio social, político e de outros contextos.

Segundo Gil (2010), o estudo de caso não tem como intenção proporcionar um conhecimento preciso sobre determinada população, mas sim desenvolver uma investigação profunda, que permita um amplo e detalhado conhecimento acerca de um ou poucos objetos. O mesmo autor aponta que as pesquisas exploratórias visam uma maior familiarização com o problema, buscando torná-lo mais explícito, ou a construção de hipóteses.

Considerando a necessidade de se avaliar o nível de adequação, ou seja, a coerência interna do estudo, afirma-se: o estudo de caso é o delineamento mais indicado quando se investigam fenômenos contemporâneos inseridos em seu contexto real (GIL, 2010, YIN, 2010).

Dessa forma, entende-se que a gemelaridade, como é abordada nesta pesquisa, estabelece um tema emergente em Psicologia e considerando que na revisão de literatura não foram encontrados muitos estudos sobre a relação familiar em sistemas com crianças gêmeas, apresentam-se questões a serem exploradas e aprimoradas. Além disso, o tema constitui o que Yin (2010) aponta como um fenômeno social complexo e que o estudo de caso permitirá que tal fenômeno seja investigado de modo a se preservarem as características holísticas e significativas dos eventos reais.

Destaca-se ainda que o estudo de caso deve seguir uma lógica de replicação e não de amostragem (YIN, 2010), visando uma investigação que não busca conclusões generalizáveis e sim a apresentação dos resultados na condição de hipóteses passíveis de confirmação em posteriores estudos (GIL, 2010).

3.2 Seleção dos participantes

Foram convidadas a participar da pesquisa, 15 famílias, pois atendiam aos seguintes critérios de inclusão: a) que tivesse um par de irmãos (ãs) gêmeos (as); b) com idade entre 6 e 12 anos; c) que estivessem sendo criados juntos e d) que vivessem com pelo menos um dos pais biológicos. Aceitaram o convite, 11 famílias, o que caracterizou uma boa aceitação da população procurada.

A coleta de dados seguiu um processo de amostragem teórica que, de acordo com Strauss e Corbin (2008), significa que a amostragem não é predeterminada, ela se desenvolve

ao longo do processo e busca dados que aumentem as oportunidades de descobrir variações entre conceitos e de tornar mais densa a análise. Conforme acrescenta Oliveira (2005), esse procedimento de coleta de dados permite a seleção gradual de experiências e tem como objetivo maximizar a comparação dessas experiências, visando verificar as variações possíveis dentro das categorias investigadas.

Foi feita a opção pela técnica de amostragem por acessibilidade ou amostragem não probabilística por conveniência (COZBY, 2003, STRAUSS; CORBIN, 2008, GIL, 2010) que age de forma sistemática buscando os participantes, no caso, passando de escola em escola questionando sobre a presença de crianças gêmeas na faixa-etária da pesquisa. Essa técnica foi escolhida dada a peculiar característica dos sujeitos e da pesquisa que pretende estudar as relações estabelecidas em algumas famílias com crianças gêmeas e não levantar dados que representem o universo da população estudada.

Entre as 11 famílias participantes foram selecionadas cinco para realização de estudos de caso. Para a escolha dessas famílias que compuseram os estudos de caso, além da variedade de vivências alcançadas com a amostragem teórica (a presença/ausência de outros irmãos e suas idades, a união dos pais e recasamentos, condição social, econômica e religiosa da família, dentre outras questões que contribuíram para o enriquecimento dos dados alcançados), foi considerado como princípio norteador o tipo de gemelaridade. Estabeleceu-se que cada família escolhida para os estudos de caso deveria ter um tipo de configuração gemelar: monozigóticos masculinos, monozigóticas femininas, dizigóticos masculinos, dizigóticas femininas e dizigóticos feminino e masculino.

Como destacam Barbetta, Panhoca e Zanolli (2009), acredita-se que a heterogeneidade entre as famílias constituiu um aspecto positivo do trabalho, já que a diversidade é uma condição real de qualquer grupo social.

As 11 famílias participantes estão caracterizadas no Quadro 1, sendo que as cinco famílias que compuseram os estudos de caso estão sinalizadas com um asterisco (*). Os sobrenomes das famílias e os nomes dos irmãos gêmeos são fictícios como forma de preservar suas identidades. A escolha dos sobrenomes seguiu um critério de escolha aleatória em ordem alfabética, sem qualquer referência aos sobrenomes reais. Já nos nomes, buscou-se manter formatos que ilustrassem as combinações feitas pelos pais por considerar a escolha dos nomes de gêmeos pertinente à temática estudada – ex: nomes que apresentam a mesma inicial como Thaís e Thales, nomes compostos sendo um deles igual como no caso de Maria Luísa e Maria Beatriz ou Gabriela Márcia e Tomás Márcio e nomes praticamente iguais como Catarina e Catarine.

Quadro 1 – Caracterização das famílias pesquisadas:

Família	*Abraão	*Borges	*Correia	*Dantas	*Esteves
Gêmeos	Victor e Leonardo	Carolina e Amanda	João e Roberto	Catarina e Catarina	Daniela e Douglas
Situação conjugal dos pais	Casados	Separados	Casados	Vivem juntos	Casados
Quantidade de filhos	4	4	2	11	3
Idade dos gêmeos	9 anos	10 anos	6 anos	9 anos	12 anos
Tipo de gemelaridade	Monozigótica masculino	Monozigótica feminino	Dizigótica masculino	Dizigótica feminino	Dizigótica masculino/feminino
Gravidez	Natural	Natural	Natural	Natural	Natural
Série dos gêmeos	3º e 4º ano EF	3º e 4º ano EF	1º ano EF	4º ano EF	7º ano EF
Período escolar	Integral	Tarde	Tarde	Tarde	Manhã
Escola que frequentam	Municipal	Municipal	Particular	Municipal	Particular
Nível de escolaridade pai	EFI	EFI	EMC	EFI	ESC
Nível de escolaridade mãe	EFI	EFI	ESC	EFI	ESC
Ocupação pai	Pedreiro	Motoboy	Industriário	Motorista de caminhão	Engenheiro
Ocupação mãe	Auxiliar de serviços gerais	Taxista	Enfermeira	Empregada doméstica diarista	Psicóloga (não exercendo)
Classe econômica (ABEP, 2013)	B2	Não soube informar	B2	B2	A
Quem contribui com renda familiar	Pai e mãe, além das pensões alimentícias das filhas mais velhas	Pai, mãe e avó materna	Pai e mãe	Pai, mãe e 2 filhos	Pai
Moradia	Casa alugada	Casa própria	Casa própria	Casa própria	Apartamento Próprio

Ferreira	Gomes	Huber	Irineu	Junqueira	Klaus
Viviane e Larissa	Antonio e Tadeu	Ana Cláudia e Mauro Luis	Gabriela Márcia e Tomás Márcio	Thais e Thales	Maria Luisa e Maria Beatriz
Casados	Casados	Vivem juntos	Separados	Casados	Casados
3	2	4	6	3	4
8 anos	6 anos	10 anos	11 anos	6 anos	9 anos
Dizigótica feminino	Dizigótica masculino	Dizigótica masculino/feminino	Dizigótica masculino/feminino	Dizigótica masculino/feminino	Monozigótica feminino
Natural	Inseminação artificial	Natural	Natural	Natural	Natural
3º ano EF	1º ano do EF / Jardim III	5º ano do EF	3º ano do EF	1º ano do EF	3º ano do EF
Tarde	Integral	Integral	Tarde	Tarde	Integral
Particular	Particular	Pública	Pública	Particular	Pública
ESI	ESI	EMC	EFI	ESI	EFI
ESC	ESC	EFI	EMC	EMC	EFI
Gerente comercial	Técnico de segurança do trabalho	Pintor automotivo	Pedreiro desempregado	Auxílio doença	Comerciante
Bancária	Psicóloga	Auxiliar de serviços gerais	Empregada doméstica	Cabeleira	Comerciante
B1	B1	B2	DE	B1	C1
Pai e mãe	Pai e mãe	Pai e mãe	Mãe	Pai e mãe	Pai e mãe
Apartamento próprio	Casa própria	Casa alugada	Casa alugada	Casa própria	Casa própria

3.3 Locais de pesquisa

Sete escolas de ensino fundamental da cidade de Resende – R.J., sendo três da rede de ensino privada e quatro da rede pública municipal, foram os locais de indicação de participantes.

Os dados, na maioria dos casos, foram coletados nas escolas das crianças participantes, mas em dois casos a coleta aconteceu no ambiente de trabalho das mães, em outro caso ocorreu no consultório da pesquisadora e ainda, uma coleta foi realizada na casa da família, considerando a disponibilidade de cada um e a adequação dos espaços para os procedimentos.

3.4 Instrumentos

Foram utilizados três instrumentos na coleta dos dados, quais sejam:

- Questionário de Caracterização do Sistema Familiar - QCSF, adaptado de Dessen (2011) (ANEXO A);
- Inventário de Rede de Relações – IRR, adaptado de Schwertz (1994) (ANEXO B);
- Técnica do Desenho da Família – TDF utilizando a instrução elaborada por Porot (1952): “Desenhe sua família” e baseado na forma de aplicação de Corman (1979).

Esses instrumentos foram analisados conjuntamente por meio da triangulação apontada por Kelle (2001) como um processo cumulativo de validação que busca produzir uma imagem mais completa do fenômeno investigado por meio de uma combinação de diferentes fontes de dados. Klepsch e Logie (1984) defendem o uso de abordagem de medidas múltiplas para avaliação, mas apontam que por vezes, medidas objetivas e projetivas, não se correlacionam bem. Contudo, os autores acrescentam que considerando as pessoas como seres complexos, não há motivos para se preocupar com resultados contraditórios.

O primeiro instrumento, QCSF, é direcionado à investigação com os responsáveis, já o

IRR e o TDF foram utilizados na coleta de dados com as crianças.

O QCSF é composto por três partes: I- Dados de Identificação; II- Dados Demográficos e III- Dados da Caracterização do Sistema Familiar. Em sua maior parte, o questionário conta com questões fechadas e abarca informações sobre aspectos da estrutura familiar, tais como os dados de identificação, sobre as configurações familiares e ainda os dados demográficos das famílias, onde são indicados, por exemplo: as idades e as séries escolares dos participantes, número de filhos, escolaridade e ocupação dos pais, condições de moradia e a renda familiar. Outra parte do instrumento refere-se aos dados da dinâmica familiar, revelando as atividades realizadas pela família no lazer e nas tarefas domésticas, a rede social de apoio e eventos que aconteceram com a família.

O IRR, originalmente, Network of Relationships Inventory – NRI de 1985 por Furman e Buhrmeister, foi traduzido, adaptado e validado para o português por Schwertz (1994). Foi utilizado, nesta pesquisa, para avaliar a percepção de cada uma das crianças participantes sobre suas relações interpessoais com o pai, a mãe, o (a) irmão (ã) gêmeo (a) e demais irmãos.

O inventário investiga sete dimensões dos relacionamentos interpessoais através de 21 itens redigidos em escala *likert* de cinco pontos, aos quais os participantes respondem indicando a qualidade de relacionamento experimentado com cada pessoa de seu convívio familiar. O IRR investiga cinco dimensões relacionais positivas (companheirismo; satisfação; revelação íntima, cuidado e afeição) e duas dimensões relacionais negativas (conflito e punição).

O TDF, como técnica de investigação psicológica, começou a ser desenvolvida nos anos de 1930 (ORTEGA, 1985). O autor aponta que em 1931, N.Appel já utilizava o desenho da família, junto a outros instrumentos gráficos objetivando o estudo da personalidade da criança. De acordo com Ortega (1985), de maneira geral é considerada uma técnica gráfica

projetiva e permite analisar as relações que a criança estabelece com cada membro de sua família. Reis (2009) acrescenta que é bastante utilizada na investigação da personalidade e da dinâmica familiar, indicando a maneira como o indivíduo se posiciona no grupo.

Para sua aplicação, optou-se pela instrução proposta por Porot (1952): “Desenhe sua família”. Instrução objetiva e que busca a caracterização da família real. Os materiais disponíveis para realização do TDF foram: uma folha em branco tamanho A4, lápis preto nº2 e borracha.

3.5 Procedimentos de coleta de dados

O projeto foi submetido, por meio da Plataforma Brasil, ao Comitê de Ética da Faculdade de Ciências - UNESP – “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Bauru, do qual recebeu parecer favorável com número 237.710 (ANEXO C). Em seguida, formalizou-se a apresentação da proposta de pesquisa junto à Secretaria Municipal de Educação¹ da cidade de Resende – R.J., que autorizou e indicou o trabalho, por intermédio de uma carta, às escolas de ensino fundamental na referida cidade.

A pesquisadora entrava em contato com as escolas e verificava se havia alunos naquela instituição que atendessem aos critérios de inclusão da pesquisa. Caso houvesse possíveis participantes, a direção da escola, diante da assinatura da Carta de Solicitação (APENDICE A), viabilizava o contato com as famílias.

A pesquisadora redigiu um bilhete, que era enviado aos pais pela agenda das crianças, apresentando a pesquisa e fazendo o convite de participação. Perguntava se havia interesse em marcarem um encontro para que pai e/ou mãe conversassem com a pesquisadora para

¹ A título de informação, no mínimo curiosa, a Secretária de Educação tinha um irmão gêmeo e mostrou-se satisfeita com a iniciativa da pesquisa.

esclarecimentos e possivelmente, já para a aplicação do QCSF.

Em sete escolas foram alcançadas 11 famílias que aceitaram participar e seguindo os preceitos éticos, os participantes foram esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e sobre sua contribuição. Foram informados de que sua identificação seria absolutamente sigilosa, não constando nome ou qualquer outro dado que pudesse identificá-los no relatório final ou em qualquer publicação posterior sobre a pesquisa.

Com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APENDICE B) pelos pais e aceite das crianças, iniciou-se a fase de aplicação dos instrumentos que aconteceu no decorrer de dois meses. A coleta ocorreu em horários e locais previamente combinados, respeitando a disponibilidade de cada um, mantendo-se sempre condições adequadas para o procedimento (local arejado e claro, com mesa e cadeira, com garantia de privacidade e sem interrupções).

A pesquisadora agendou horários individuais para aplicação do QCSF que em média durou 35 minutos. Apesar de o convite ser dirigido aos pais e/ou mães, em todos os casos foram somente as mães que compareceram e responderam ao questionário. A pesquisadora lia as questões junto à mãe que respondia de acordo com suas vivências e hábitos familiares, e a pesquisadora registrava as respostas dadas. Consecutivamente, a pesquisadora se reuniu com cada criança para que respondessem ao IRR, o que levou em média, 20 minutos. Após a análise dos dados coletados até esse momento, viu-se a necessidade de aplicação do terceiro instrumento, que não constava inicialmente no projeto, mas que se mostrou fundamental para complementar os dados. A realização da produção gráfica (TDF) levou em média 15 minutos com cada criança em um segundo encontro.

Para o IRR, a pesquisadora lia as perguntas e opções de respostas sobre cada um dos familiares - pai, mãe, irmão (ã) gêmeo (a) e outros irmãos - e a criança respondia indicando

aquela que mais era pertinente a cada uma das relações. Para a execução do TDF foi oferecida uma folha A4 na posição oblíqua, para que não houvesse influência na escolha da criança quanto à posição para o desenho, um lápis nº2 e borracha; não foi estabelecido um limite de tempo e não foi dirigida a palavra às crianças enquanto estas desenhavam. A pesquisadora observou e anotou a ordem de execução dos personagens e cronometrou o tempo total que cada criança levou para finalizar o TDF. Logo após foi solicitado que a criança identificasse quem era cada um dos membros desenhados. Não foi utilizado questionário sobre o TDF, como sugerido por alguns autores, como Corman (1979), Peçanha (1997) e Valle (2000) para ampliar a compreensão da produção gráfica, pois o TDF foi utilizado visando uma análise conjunta ao IRR, o que forneceu, juntamente aos dados do QCSF, suficientes subsídios para compreensão dos sentimentos, relacionamentos, características e dinâmica do contexto familiar.

3.6 Procedimentos de análise dos dados

O uso de confiabilidade e validade, muito comuns em pesquisa quantitativa, é agora reconsiderado nas investigações qualitativas (GOLAFSHANI, 2003) e nesse sentido, a triangulação apresenta-se como uma relevante estratégia metodológica e foi utilizada no presente estudo para análise integrada dos dados provenientes dos três instrumentos utilizados.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), o uso da triangulação em pesquisa qualitativa constitui-se em uma alternativa para validação já que busca garantir uma compreensão em profundidade do fenômeno estudado. A exposição simultânea de múltiplas fontes de dados cria uma simultaneidade de realidades e não uma lógica sequencial ou linear. Assim, convida o leitor a explorar as diferentes visões e a imergir em novas realidades a serem

compreendidas.

Stake (2005) aponta que já que o pesquisador qualitativo está interessado na diversidade de percepções sobre as diferentes realidades em que as pessoas vivem, a triangulação tem sido considerada um processo de utilização dessas múltiplas percepções para tornar mais evidente um significado, verificando a repetição de dados provenientes de diferentes técnicas. Mas enfatiza que nenhuma informação é perfeitamente repetida e que a triangulação ajuda, principalmente, a identificar as diferentes realidades e as diversas formas de compreender o mesmo caso.

O QCSF foi analisado levantando-se as respostas de cada mãe sobre as características das famílias. Foram organizadas tabelas temáticas visando à compreensão das características gerais das 11 famílias pesquisadas e foram construídos textos sobre os sistemas familiares que compuseram os estudos de caso, visando uma análise mais aprofundada de cinco famílias.

O IRR permitiu a avaliação da qualidade do relacionamento entre cada participante e as pessoas de seu convívio familiar, considerando as sete dimensões relacionais: 1) Companheirismo (questões 1, 8, 15); 2) Satisfação (questões 3, 10, 17); 3) Revelação Íntima (questões 4, 11, 18); 4) Cuidado (questões 5, 12, 13, 19); 5) Afeição (questões 6 e 20); 6) Conflito (questões 2, 9, 16, 21) e 7) Punição (questões 7 e 14).

Em cada questão do IRR os participantes responderam sobre cada um dos familiares pontuando de 1 (pouco ou nada) a 5 (o máximo). Na soma das 15 questões sobre as dimensões relacionais positivas, o total máximo possível a se pontuar é 75 e o mínimo, 15, sendo que quanto maior a pontuação, melhor a relação. Já nas seis questões referentes às dimensões negativas, quanto maior o escore, pior o relacionamento familiar e o total máximo possível a somar é 30 e o mínimo, 6. Assim, no **IRR positivo** foram considerados **altos escores ou pontuações boas** aquelas acima de 55, **baixos escores ou pontuações ruins**

aqueles abaixo de 35 e entre 36 e 54 são **escores ou pontuações razoáveis**. No **IRR negativo altos escores ou pontuações ruins** correspondem às pontuações acima de 22, **baixos escores ou pontuações boas** ficam abaixo de 14, enquanto os **escores ou pontuações razoáveis** ficam entre 15 e 21.

Todas as crianças tiveram seus escores tabulados e a partir deles foi possível calcular as médias gerais das 11 famílias para as mães, os pais e os irmãos gêmeos. Os demais irmãos não foram considerados, pois há famílias que não têm outros filhos além dos gêmeos. As crianças dos estudos de caso tiveram evidenciados os escores gerais de todos os familiares e, ainda, as médias de cada dimensão relacional sobre cada membro familiar.

As médias ficam entre 1 e 5, correspondendo aos valores mínimo e máximo que deveriam ser indicados em cada resposta. Assim, no **IRR positivo**, médias de 5 a 3,5 foram consideradas **boas**, de 3,4 a 2,6 foram **razoáveis** e de 2,5 a 1 foram médias **baixas ou ruins**. Já no **IRR negativo** as médias de 1 até 2,5 foram consideradas **boas**, de 2,6 a 3,4 **razoáveis** e de 3,5 a 5 foram **altas ou ruins**.

O TDF consistiu em um instrumento bastante válido na compreensão das relações familiares dos cinco sistemas que compuseram os estudos de caso. Sua avaliação partiu do IRR e de 13 categorias de análise apresentadas no Quadro Referencial para Análise do TDF (ANEXO D). Os desenhos foram analisados pela pesquisadora e por um juiz visando à validação dos resultados obtidos.

Os resultados provenientes das dimensões relacionais propostas pelo IRR deram suporte à análise da produção gráfica projetiva que, por sua vez, seguiu categorias de análise baseadas nos trabalhos de Valle (2000) e Freitas e Cunha (2008).

Freitas e Cunha (2008) sugerem formas de administração e interpretação do Desenho da Família citando diversos autores, tais como Corman (1967), Groth-Marnat (1984) e Hamer

(1991). Utilizando o Teste de Desenho em Cores da Família, que é uma adaptação do TDF na qual se introduz a utilização de lápis de cor no desenho, Valle (2000) utilizou um quadro também baseado em importantes autores como Becker (1980), Borges (1990) e Corman (1979).

Buscou-se dessa forma, apresentar o perfil de todas as 11 famílias pesquisadas através de alguns dados do QCSF e do IRR e, ainda, realizar o processo de triangulação nos estudos de caso de cinco famílias, o que permitiu a associação existente entre a representação gráfica (TDF) que as crianças fizeram de sua família, os fatores encontrados no inventário referente às suas relações (IRR) e os dados fornecidos pelas mães sobre o dia a dia familiar (QCSF).

4 RESULTADOS

Esta seção está organizada de maneira que o leitor possa visualizar, primeiramente, alguns dados advindos do QCSF e do IRR que apresentam características e médias gerais das 11 famílias. Em seguida, são apresentados os resultados obtidos com a triangulação dos três instrumentos utilizados na coleta (QCSF, IRR e TDF), que deram origem a uma análise qualitativa sobre os cinco casos selecionados entre os 11 investigados.

4.1 Caracterização dos sistemas familiares

Os dados do QCSF forneceram dados que permitiram a caracterização das famílias quanto a aspectos das atividades de lazer, tarefas domésticas, rede social de apoio, além de outros eventos e dados que foram utilizados para apresentar os participantes na seção do método. Assim, as 11 famílias participantes apresentavam as características a seguir.

a) Quanto às atividades de lazer da família:

Neste item são apresentados os tipos de atividades realizadas pela família, os locais e a frequência de cada atividade, assim como com quem a família compartilha as atividades de lazer, quando elas são realizadas e a opinião sobre a importância das atividades de lazer para cada família.

Segundo as respostas das mães ao questionário, as principais atividades de lazer que são realizadas em casa pelas famílias são: brincar, assistir TV e ter “momentos em família”. Fora de casa, costumam frequentar a casa de vizinhos, visitar parentes e em locais públicos, vão ao shopping, cinema e realizam viagens em família. Havendo a possibilidade de mais de uma resposta, indica-se, por exemplo, que oito famílias dentre as 11 costumam brincar em casa; que dez famílias costumam fazer visitas, mas também viajam, vão ao parque e assim por diante, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Atividades de lazer

Dentro de casa	Frequência	Fora de casa	Frequência
Brincar	8	Visitar residência de parentes/ amigos	10
Assistir TV	7	Frequentar a casa de vizinhos	6
Momentos em família	6	Viagem	5
Utilizar o computador	1	Shopping	4
Sem resposta	1	Parques	4
		Cinema	4
		Igreja	3
		Passear no bairro	1
		Restaurante	1

Na Tabela 2 verifica-se quando acontecem as atividades de lazer em família, quem participa e qual a importância dada a essas atividades. Parece que a família como um todo se envolve bastante nas atividades de lazer durante os finais de semana, acreditando que a convivência é importante. Nessas questões, somente era possível uma resposta por pergunta.

Tabela 2: Atividades de lazer

Com quem?	Frequência	Quando?	Frequência	Importância	Frequência
Família	6	Fim de semana	9	Convivência	7
Parentes em geral/amigos	2	Durante a semana e Fim de semana	2	Infância	2
Mãe/filho	2			Felicidade	1
Adultos supervisionando	1			Aprendizado	1

b) Quanto à divisão das tarefas:

Foram verificados os membros das famílias que desempenham atividades de cuidados com as crianças alvo desta pesquisa e os afazeres domésticos rotineiros da casa.

Como ilustra a Tabela 3, parecem ser tarefas predominantemente das mães a limpeza

da casa, cozinhar, lavar e passar roupas. A participação dos filhos nessas tarefas também é significativa, principalmente das filhas mais velhas. Os pais têm participação mais significativa na tarefa de fazer compras de suprimentos para a casa, mas ainda assim, em mais da metade dos casos, a mãe aparece como única responsável ou corresponsável.

Tabela 3: Cuidados com a casa

	Apenas mãe	Apenas pai	Mãe e pai	Mãe e filhos	Avó materna	Empregada doméstica ou diarista
Limpar a casa	4	0	1	4	0	2
Cozinhar	7	0	0	2	1	1
Lavar e passar roupa	5	0	1	2	1	2
Fazer compra	4	4	2	0	1	0

É função também das mães investigadas, na maior parte dos casos, colocar as crianças para dormir, comer e tomar banho. Já a leitura de estórias é feita mais pelas próprias crianças ou pela mãe, conforme Tabela 4.

Tabela 4: Cuidados com as crianças

	Apenas mãe	Mãe ou pai	Mãe e sozinhos	Sozinhos	Irmãos mais velhos	Não leem
Chamar para comer / tomar banho	5	2	0	2	2	-
Chamar para dormir	6	2	0	3	0	-
Ler ou contar estórias	3	1	3	3	0	1

A Tabela 5 aponta que na maioria dos casos, os pais ou irmãos levam as crianças à escola e quando não estão em aula elas ficam mais na própria casa sob os cuidados da avó, da mãe ou dos irmãos.

Tabela 5: Cuidados com as crianças II

	Mãe	Pai	Mãe ou pai	Irmãos mais velhos	Avó	Babá	Sozinhos	Taxi	Própria casa	Casa da avó
Quem leva à escola é...	2	1	2	3	1	0	1	1	-	-
Quando não estão na escola ficam com...	3	0	0	3	4	1	0	-	-	-
Quando não estão na escola ficam na...	-	-	-	-	-	-	-	-	8	3

c) Quanto à rede social de apoio:

Nesta seção são descritas as fontes de apoio das famílias, membros familiares ou extrafamiliares procurados pelas famílias em caso de necessidade.

A Tabela 6 aponta que os familiares das mães das crianças parecem ser os mais procurados nos casos estudados.

Tabela 6: Rede de apoio familiar

Familiares da mãe	Frequência	Familiares do pai	Frequência
Avós	7	Avós	4
Tios	7	Tios	1
Ninguém	2	Ninguém	6

Na Tabela 7 percebe-se que das 11 famílias, sete indicaram os professores como constituintes de uma rede social de apoio e o pediatra, amigos, vizinhos e outros profissionais como o psicólogo foram também indicados. Apenas uma família não reconheceu ninguém como confiável.

Tabela 7 – Rede de apoio extrafamiliar – Social

Apoio extrafamiliar	Frequência
Professores	7
Pediatra	5
Outros profissionais (fonoaudiólogo, neurologista e psicólogo)	4
Amigos	4
Vizinhos	4
Não tem com quem contar	1

Na Tabela 8 tem-se que, na grande maioria dos casos, a escola é vista como uma importante instituição de apoio à família.

Tabela 8 – Rede de apoio extrafamiliar – Instituições

Instituições	Frequência
Escola	10
Centros de saúde	1
Cursos extracurriculares	3
Não tem com quem contar	1

d) Quanto aos eventos ocorridos no geral:

A Tabela 9 apresenta os principais eventos ocorridos no último ano com as crianças e seu grupo familiar nuclear e também extenso (considerando avós e tios).

Tabela 9 – Eventos relacionados às crianças e ao grupo familiar

Evento	Frequência
Hospitalização	5
Mudança de escola	4
Doença	4
Mudança de cidade	2
Perda de emprego	2
Problemas financeiros	2
Repetência na escola	3

Morte na família	2
Revelação de abuso sexual intrafamiliar	1

4.2 Relações Familiares

Apresentam-se as médias gerais de todos os participantes obtidas com o IRR, evidenciando a qualidade das relações estabelecidas entre as crianças participantes e seus pais, mães e irmãos gêmeos. Como já foi explicitado, os demais irmãos não foram considerados nesta seção, pois há famílias que não têm outros filhos além dos gêmeos.

As médias gerais do IRR positivo, apresentadas na Tabela 10, revelam que as relações entre os participantes e as mães foram indicadas como as com mais aspectos positivos, seguidas do relacionamento com os irmãos gêmeos e, por último com os pais. Ao considerar, no entanto, cada uma das cinco dimensões relacionais positivas, também na Tabela 10, obtém-se que a maioria dos participantes apresenta melhores níveis de companheirismo e revelação íntima com o gêmeo do que com pai e mãe, além de mais cuidado com o irmão do que com o pai. Já nas dimensões satisfação e afeição, os gêmeos obtiveram as menores médias, enquanto as mães foram indicadas com as maiores médias.

Tabela 10: Médias das dimensões relacionais positivas do IRR

	Mães	Pais	Gêmeos
Companheirismo	3,8	3,42	4,5
Satisfação	4,68	4,38	3,82
Revelação íntima	2,72	2,47	3,18
Cuidado	4,06	3,71	3,85
Afeição	4,88	4,8	4,3
MÉDIAS GERAIS IRR POSITIVO	4,03	3,76	3,93

Considerando as duas dimensões relacionais negativas, representadas na Tabela 11, as

mães receberam maiores médias para a dimensão relacional punição, enquanto os gêmeos foram indicados como os menos punitivos, entretanto, os gêmeos receberam as maiores médias para a dimensão conflito, ficando à frente das mães e dos pais nessa dimensão.

Quanto às médias gerais do IRR negativo, indicadas no fim da Tabela 11, as relações com os pais foram consideradas como menos negativas, enquanto as mães parecem estabelecer relacionamentos com mais aspectos negativos com os filhos.

Tabela 11: IRR negativo - Médias por dimensões relacionais

	Mães	Pais	Gêmeos
Conflito	2,23	1,96	2,76
Punição	2,9	2,6	2,15
MEDIAS GERAIS IRR NEGATIVO	2,56	2,28	2,46

4.3 Estudos de caso

Nesta subseção são apresentados cinco estudos de casos selecionados a partir das 11 famílias pesquisadas, sendo que cada um deles apresenta uma configuração gemelar (monozigóticos do sexo masculino, monozigóticas feminino, dizigóticos masculino, dizigóticas feminino e dizigóticos feminino/masculino).

Em cada estudo de caso os resultados estão organizados em três etapas, na seguinte sequência: a) caracterização do sistema familiar; b) análise da rede de relações familiar e c) percepção infantil sobre a dinâmica familiar.

É importante destacar que os genogramas apresentados não consistiram em uma técnica para coletar dados, mas sim foram utilizados como facilitadores da visualização das configurações familiares.

4.3.1 Família Abraão – Victor e Leonardo

a) Caracterização do sistema familiar:

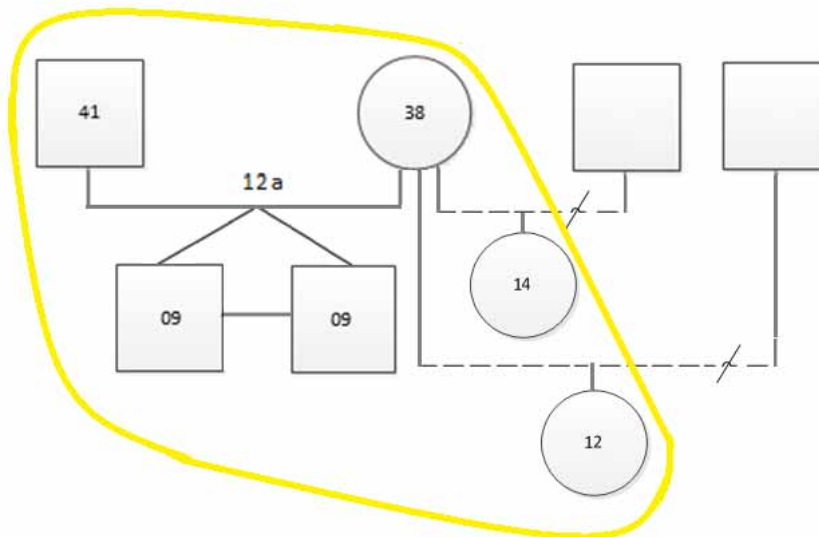


Figura 1 – Genograma da Família Abraão

Victor e Leonardo são irmãos gêmeos monozigóticos e estavam com nove anos quando a coleta de dados foi realizada. Moravam com o pai, a mãe e duas irmãs mais velhas de 12 e 14 anos. Seus pais estavam casados havia 11 anos e o pai era o terceiro companheiro da mãe. Assim sendo, as duas irmãs de Victor e Leonardo eram filhas de outros pais.

A mãe, funcionária pública de 38 anos, trabalhava 40 horas semanais com serviços gerais na prefeitura de uma cidade vizinha. Fazia seis anos que ela saía de casa às seis horas da manhã e retornava às 19h30. O pai, pedreiro de 41 anos, também trabalhava uma média de oito horas por dia de segunda a sexta-feira. Ambos tinham o ensino fundamental incompleto e, juntos chegavam à renda familiar mensal de quatro a cinco salários mínimos, contando também com as pensões alimentícias que as filhas mais velhas recebiam dos respectivos pais.

Segundo relato materno, o pai era da religião Testemunha de Jeová e ela católica não praticante. Nenhum membro da família costumava frequentar os encontros e cerimônias, mas

esporadicamente toda a família ia junto às reuniões no salão da religião do pai.

Victor fazia o 3º ano do ensino fundamental pela segunda vez e Leonardo estava no 4º ano em uma escola municipal onde ficavam em período integral participando de um projeto que envolvia aulas de capoeira, futsal e música.

De acordo com a mãe dos participantes, toda a sua família é da cidade de Resende – RJ, onde a pesquisa foi conduzida e o seu atual marido veio de outro estado havia muitos anos e morava em uma cidade vizinha. Quando se casaram, a mãe e as duas filhas, na época com um e três anos, foram morar nessa cidade que fica a aproximadamente 40 minutos de Resende onde adquiriram casa própria, nasceram os gêmeos e a mãe passou em concurso público. No entanto, nos dois primeiros anos que moraram lá houve brigas entre o casal devido ao abuso de álcool por parte do marido, e a mãe foi e voltou com as filhas para a casa da avó materna das crianças algumas vezes. Desde o nascimento dos filhos gêmeos o problema com álcool foi cessado, mas a mãe relata que sempre foi seu desejo voltar a morar em sua cidade natal, e o marido nunca quis sair da cidade onde moravam. Na época da pesquisa toda a família morava em Resende fazia três anos em casa alugada, mas mantinham a casa própria mobilhada na outra cidade, onde passavam alguns finais de semana.

Quanto às atividades de lazer, a mãe indicou que em casa costumavam brincar os dois irmãos juntos de subir em árvore, jogar bola e cartas, montar quebra-cabeças e andar de skate. Mas também informou: “no meio da brincadeira, sai muita briga” (sic.). A mãe e os quatro filhos assistiam TV toda a noite juntos, e o pai preferia ficar sozinho no quarto. Não tinham o hábito de brincar com vizinhos, quando saíam era pra andar de bicicleta com a mãe aos finais de semana ou para ir ao parquinho da praça com o pai. Em casa de parentes, a mãe e os filhos iam para comemorações que aconteciam menos que uma vez por mês e, diariamente, as crianças iam à casa de uma tia materna que morava perto. Além disso, a família não tinha o

costume de realizar atividades e frequentar eventos religiosos, sociais ou culturais. Quando questionada sobre a importância das atividades de lazer para a família a mãe respondeu: “É um tempo que a gente não tem. Queria ter mais [tempo] porque é importante” (sic.).

A rotina de tarefas domésticas era dividida, principalmente, entre a mãe e a irmã mais velha de Victor e Leonardo. Durante a semana, quando a mãe saía antes dos filhos acordarem e voltava à noite, a irmã de 14 anos era responsável por acordar os meninos, chamar para comer e tomar banho, além de levar e buscar na escola, onde passavam a manhã com atividades do projeto, almoçavam e tinham aula à tarde. Toda noite a mãe preparava a janta e era a única refeição que todos os membros faziam juntos. As crianças liam histórias e iam dormir sozinhas.

A mãe era a responsável por fazer compra de mercado e fazia faxina aos finais de semana. As duas irmãs dos participantes mantinham a casa limpa, lavavam as roupas e esquentavam a comida durante a semana, e os meninos também tinham a função de lavar a varanda e cuidar dos cachorros.

Sobre a rede social de apoio, a mãe indicou que a família do pai dos participantes morava longe e que a família não tinha amizade com os vizinhos, mas que a sua irmã, tia das crianças, era a pessoa com quem mais podiam contar quando precisavam, além da avó materna que “ajuda um pouco” (sic.). A escola e centros de saúde foram apontados como instituições que davam suporte à família. Victor tinha acompanhamento de professora especializada na sala de recursos da escola e fazia tratamentos com fonoaudiólogo, psicólogo e neurologista em centros de saúde municipais. A mãe revelou que eram profissionais que faziam a diferença para o filho.

Desde o segundo mês de vida Victor e Leonardo tiveram convulsões que cessaram após um ano e meio de idade. No entanto, havia três anos, na mesma época que voltaram a

morar na cidade natal da mãe, que Victor voltou a sofrer com esse problema e fazia acompanhamento neurológico desde então.

Uma morte na família no final do último ano foi indicada pela mãe como circunstância agravante das dificuldades escolares de Victor que repetiu a 2ª série. Uma prima de 18 anos dos participantes, filha da tia materna com quem tem relação bastante próxima, teve leucemia e faleceu em poucos meses deixando uma filha com menos de um ano de idade. Outro evento que estava abalando a família foi a revelação de abuso sexual sofrido pela irmã de 12 anos dos participantes realizado pelo pai dela (segundo companheiro da mãe) que foi revelado seis meses antes da coleta de dados. O caso foi denunciado e aguardavam o julgamento, mas isso nunca foi conversado com Victor e Leonardo.

b) Análise da rede de relações familiar:

Os dados apresentados na Tabela 12 indicam que Victor tem uma boa relação com o irmão gêmeo, com a mãe e com o pai, membros familiares que alcançaram **pontuações altas** no IRR positivo. Já as duas irmãs ficaram com **pontuações** positivas **razoáveis**. Leonardo expressou **pontuações** igualmente **boas** para pai e mãe, **pontuações razoáveis** para o gêmeo e a irmã de 12 anos e **pontuação** positiva **baixa/ruim** para a irmã de 14 anos.

Tabela 12: IRR positivo de Victor e Leonardo - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmeo	Irmã 1	Irmã 2
IRR + Victor	58	55	59	50	52
IRR+Leonardo	62	62	51	31	40

O IRR negativo apresentado na Tabela 13 apresenta Victor atribuindo **pontuações razoáveis** para a mãe, o gêmeo e a segunda irmã. Já o pai foi indicado com uma **pontuação boa** e a irmã mais velha foi indicada com a mais **alta pontuação**, reafirmando possíveis dificuldades nessa relação. Leonardo evidenciou melhor relacionamento familiar do que o

irmão, com **pontuações boas** no IRR negativo para pai, mãe, irmão gêmeo e irmã mais nova e escore razoável para a irmã mais velha.

Tabela 13: IRR negativo de Victor e Leonardo - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmeo	Irmã 1	Irmã 2
IRR - Victor	15	13	16	22	16
IRR-Leonardo	9	8	11	20	11

A Tabela 14 aponta que Victor considera o irmão gêmeo como o membro familiar mais companheiro, seguido da mãe que também alcançou **média boa**. O pai e as duas irmãs receberam **médias razoáveis** nessa dimensão. O irmão gêmeo também recebeu a **maior média** na dimensão relacional cuidado, mas todos os demais membros obtiveram **boas médias**. Em satisfação, a mãe e o pai foram indicados com a **maior média**, mas os três irmãos também alcançaram **médias boas**. Todos os membros familiares receberam as mesmas médias nas dimensões relacionais revelação íntima e afeição, sendo que na primeira dimensão as **médias** foram **baixas** e, portanto, **ruins** e na segunda foram consideradas **boas**.

No IRR negativo a irmã mais velha recebeu as maiores **médias**, consideradas **ruins**, tanto em conflito como em punição. A segunda irmã e o irmão gêmeo foram indicados com **médias razoáveis** em conflito e os pais receberam **médias boas** nesta dimensão. Já em punição, depois da irmã mais velha com a maior e, portanto, mais negativa média, os pais ficaram com a mesma **média razoável** e o irmão gêmeo e a irmã de 12 anos ficaram com **médias boas**.

Tabela 14: IRR positivo e negativo de Victor - Médias por dimensões relacionais

	Mãe	Pai	Gêmeo	Irmã 1	Irmã 2
Companheirismo	4,33	3,33	4,67	2,67	3
Satisfação	4,67	4,67	4,33	3,67	4
Revelação íntima	2,33	2,33	2,33	2,33	2,33

Cuidado	4	4	4,25	4	4
Afeição	4	4	4	4	4
Conflito	2,25	1,75	2,75	3,5	3
Punição	3	3	2,5	4	2

Conforme apresentado na Tabela 15, por Leonardo, pai e mãe ficaram com as mesmas **médias altas** em revelação íntima, cuidado e afeição, sendo que em afeição ambos receberam a **média máxima** e, portanto muito **boa**. A mãe também recebeu **média máxima** na dimensão relacional satisfação e o pai e o gêmeo receberam **médias boas** nessa dimensão.

As duas irmãs ficaram com as mesmas **médias razoáveis** em satisfação e **baixas** em revelação íntima. A segunda irmã recebeu **médias razoáveis** em companheirismo, cuidado e afeição, enquanto a irmã mais velha recebeu as **piores médias** nessas três dimensões. Além disso, o relacionamento com a irmã mais velha foi considerado o mais conflituoso e punitivo.

O irmão gêmeo foi considerado o mais companheiro da família e recebeu **boa média** em afeição, além de **médias mais altas** do que das duas outras irmãs nas dimensões revelação íntima e cuidado.

Todos os membros, com exceção da irmã mais velha, obtiveram **médias boas** nas dimensões relacionais negativas, chegando a serem consideradas **mínimas** as **médias** do pai em conflito e da segunda irmã em punição.

Tabela 15: IRR positivo e negativo de Leonardo - Médias por dimensões relacionais

	Mãe	Pai	Gêmeo	Irmã 1	Irmã 2
Companheirismo	3,33	3,67	4	1,33	3
Satisfação	5	4,67	3,67	2,67	2,67
Revelação íntima	4	4	3	2,33	2,33
Cuidado	3,75	3,75	3	2	2,5
Afeição	5	5	3,5	1,5	3
Conflito	1,25	1	2	3,25	2,25
Punição	2	2	1,5	3,5	1

c) Percepção infantil sobre a dinâmica familiar:

- **VICTOR**

Victor apresentou uma produção gráfica com **ambiente** adequado e limpo, concentrando as figuras no **quadrante esquerdo** o que revelou certa introversão. Representou sua irmã mais velha com a **maior** figura que foi desenhada por **último**, indicando dominância dessa figura sobre as outras, com possíveis conflitos. As **rasuras** no desenho da irmã mais velha também sugerem conflitos e desejo de afastamento da pessoa representada. O **IRR** confirmou os conflitos ao evidenciar baixas pontuações positivas e as maiores pontuações nas duas dimensões negativas pra esse membro familiar. O **QCSF** aponta a irmã como a principal responsável pelos cuidados com a casa e com os irmãos, ocupando, de fato, um papel de dominância na família.

Victor evidenciou desvalorização de si mesmo, baixa autoestima e sentimento de inferioridade ao desenhar sua própria figura **menor** do que o gêmeo e demais membros familiares. Apesar disso, deu destaque a ele e ao irmão ao desenhá-los no **centro** da família, formando uma díade ligada pelas mãos. Todas as figuras estão próximas, mas claramente distribuídas em três **díades**: pai e mãe, ele e o gêmeo e as duas irmãs, evidenciando as afinidades e identificações dentro da família, havendo necessidade de apoio e identificação com o sistema e certa interdependência entre os gêmeos. Nesse sentido, o **IRR** confirma que Victor considera o irmão gêmeo como o membro familiar mais companheiro e por quem tem mais cuidado.

Destaques na decoração das blusas de todas as figuras com as iniciais dos nomes e expressões faciais amigáveis expressam a valorização dada à família. O pai foi o **primeiro** a ser desenhado, sugerindo valorização da figura representada. **Avanços e recuos nos traçados** de alguns personagens, principalmente da irmã mais velha sugerem, possivelmente,

emotividade relacionada a essa figura. No **IRR**, tem-se que essa irmã recebeu as maiores médias negativas, tanto em conflito como em punição.

A **semelhança entre as figuras** divididas por gêneros revelam dificuldade na identidade pessoal e precária individualidade, além disso, a presença de **linha de base** aponta insegurança. Em contrapartida, a inclusão de **adornos** no desenho e a forte **pressão do traço** demonstram expansão vital e impulsos expressivos.

- **LEONARDO**

Em um **ambiente** com rasuras, Leonardo fez um desenho **sem adornos** que ocupou o **quadrante esquerdo** da página, passando um pouco do meio da folha, exatamente o lugar ocupado pela irmã mais velha sugerindo certa inibição e valorização da **figura centralizada na folha**.

A **maior** figura e a **primeira** a ser desenhada foi a da mãe que se encontra abraçada com a figura do pai, segundo a ser desenhado, formando uma **forte díade** na produção gráfica e no **IRR**, já que ambos foram indicados por Leonardo como os membros com quem tem os relacionamentos com mais aspectos positivos. O **menor** desenho e o **último** a ser desenhado foi o dele mesmo, expressando, tal como o irmão, uma autodesvalorização, baixa autoestima e sentimento de inferioridade.

O desenho é **dividido em dois grupos**, sendo um formado pela díade pai e mãe, mais a irmã de 12 anos que está ao lado do pai e o outro formado pelo irmão gêmeo, ele e a irmã de 14 anos. A **distância** entre os dois grupos familiares sugere desunião, dificuldade de comunicação e distanciamento emocional.

A irmã mais velha estar localizada entre os irmãos gêmeos com os braços abertos direcionando um braço para cada irmão, somado ao fato de a figura dessa irmã estar centralizada na folha, confirma o dado adquirido no **QCSF** de que ela é a irmã cuidadora e,

portanto, figura de destaque no cotidiano das crianças. Entretanto, a distância entre sua própria figura e a figura da irmã é maior do que a do irmão para ela confirmando os dados do **IRR** que revelam que a relação entre eles pode ser baseada em punição, já que ela recebeu médias altas nessa dimensão e as piores pontuações familiares tanto nas dimensões positivas quanto nas negativas.

Houve **omissão** dos pés dele mesmo, da mãe e da irmã mais velha, sugerindo dificuldades nos relacionamentos com essas figuras que são fortes em seu meio familiar.

As **estruturas** físicas das figuras são **semelhantes** entre os gêneros e as figuras dos irmãos gêmeos são praticamente idênticas, inclusive com o mesmo modelo de cabelo e desenho na blusa, o que fornece indícios de precariedade no desenvolvimento da identidade pessoal e identificação com o irmão, considerado no **IRR** o mais companheiro da família e por quem tem bastante afeição, cuidado e troca de confidências.

Os **traços** do desenho são **exageradamente fortes**, marcando a folha nas partes que tentou **apagar**, o que expressaria mais do que expansão vital e impulsos expressivos, chegando a indicar agressividade e hostilidade ao meio. No entanto, o **traçado contínuo** e o tipo de **linha normal** evidenciam que há energia adequada, decisão e autoafirmação. Além disso, há indícios de segurança emocional já que não utiliza **linha de base**.

4.3.2 Família Borges - Carolina e Amanda

a) Caracterização do sistema familiar:

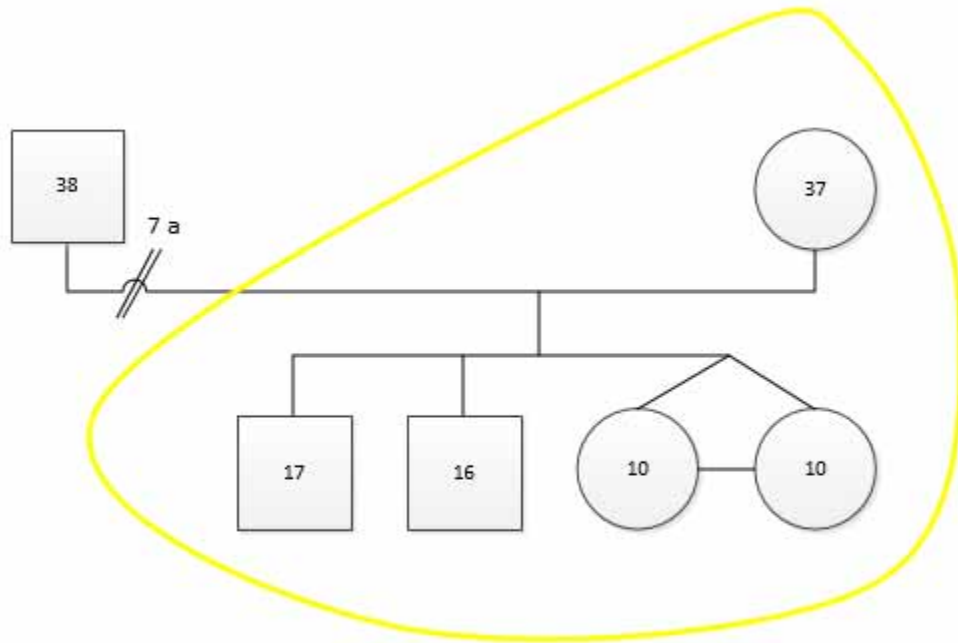


Figura 2 – Genograma da Família Borges

Carolina e Amanda são gêmeas monozigóticas de dez anos, do sexo feminino, frutos de uma gravidez natural. Frequentavam, respectivamente, o quarto e o terceiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal no turno da tarde. Eram as mais novas de uma família com quatro filhos e todos os filhos moravam apenas com a mãe após a separação dos pais, na mesma casa própria que estavam há 15 anos e que fica em um bairro carente da área urbana. O pai, com 38 anos, não havia completado o ensino fundamental e trabalhava como *motoboy* havia seis anos com jornada diária de mais de 12 horas de segunda-feira a sábado. A mãe, que tinha 37 anos, também com o ensino fundamental incompleto, trabalhava como taxista havia 12 anos todos os dias da semana de 12 a 15 horas por dia. A mãe não sabia informar a renda familiar mensal, mas afirmou que além do que ela ganhava – “que varia conforme o mês” (sic), a avó materna das crianças contribuía “com alguma coisa” (sic) e o pai dava, de pensão

alimentícia, 40% de um salário mínimo, o que correspondia a R\$271,20. A mãe e os filhos eram evangélicos e frequentavam a igreja semanalmente.

Nos últimos anos a família passou por alguns eventos que possivelmente afetaram a dinâmica familiar. Os pais de Amanda e Carolina, que já estavam separados havia sete anos, assinaram o divórcio apenas no último ano; a mãe vinha enfrentando problemas emocionais e fazendo uso de antidepressivo e ansiolítico desde a morte de um tio materno das participantes há dois anos, mesmo período em que Amanda repetiu de ano na escola; e no último mês a avó materna teve um problema de saúde, sendo hospitalizada e desde então a mãe era a responsável pelos cuidados.

Carolina era solicitada pela mãe para ajudar Amanda com as tarefas escolares, mas Amanda não aceitava auxílio da irmã, e a mãe quando conseguia, fornecia ajuda, “mas só pra Amanda, porque pra Carolina não precisa” (sic.). Ainda segundo relato materno, quando não estavam na escola, Amanda e Carolina ficavam na própria casa na companhia da mãe ou da avó materna. As tarefas de chamar para comer, tomar banho e dormir e também de levar à escola eram realizadas pela mãe ou pela avó e as próprias crianças costumavam ler histórias sozinhas. Em relação aos afazeres domésticos, a limpeza da casa e o cuidado com as roupas eram atribuições da mãe, enquanto fazer compra e cozinhar eram tarefas da avó materna antes de adoecer e agora também eram responsabilidade da mãe. A avó materna e o marido da avó (que é padrasto da mãe das crianças) são indicados como importantes membros familiares na rede social de apoio. Além deles, a mãe não indicou mais ninguém na família e nem na sociedade como fontes de apoio à família.

Quanto às atividades de lazer da família, costumavam participar mãe e filhos aos finais de semana. De acordo com a mãe, a importância da atividade de lazer para a família estava no fato de que “Tem que ter infância, saber o que é ter amor de mãe. É mais importante do que o

financeiro” (sic). As principais atividades de lazer realizadas em casa pela família eram conversar e assistir filmes. Fora de casa, os membros da família costumavam ir semanalmente à igreja, iam ao parque da cidade andar de patins ou ao cinema pelo menos uma vez ao mês, encontravam parentes e amigos para comemorações e festas, saíam com esses toda semana para comer e passear em locais públicos e mensalmente visitavam-nos em suas casas para “conversar, brincar e assistir TV” (sic.).

b) Análise da rede de relações familiar:

Conforme os dados apresentados na Tabela 16, Carolina demonstrou **escores** positivos **maiores** para todos os membros da família se comparada às pontuações dadas por Amanda. No entanto, tanto Amanda quanto Carolina atribuíram **escores altos** no IRR positivo para a mãe, enquanto o pai recebeu **pontuações razoáveis** de ambas. As duas também indicaram aos dois irmãos **pontuações** positivas **baixas/ruins**. Quanto à irmã gêmea, Carolina conferiu **escore** positivo **razoável** à Amanda, enquanto Amanda atribuiu **pontuação** considerada **ruim** à Carolina no IRR positivo.

Tabela 16: IRR positivo de Carolina e Amanda - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmea	Irmão 1	Irmão 2
IRR + Carolina	66	46	37	33	25
IRR + Amanda	61	37	29	31	23

Quanto ao IRR negativo, representado na Tabela 17, as **pontuações** indicadas por Amanda foram mais **altas** do que as de Carolina, com exceção do irmão de 16 anos que recebeu **maior escore** de Carolina do que de Amanda. Amanda conferiu apenas a esse irmão **escore** negativo **baixo/bom**, enquanto os outros familiares tiveram **pontuações razoáveis**, sendo a **maior** e, portanto mais negativa **pontuação**, dada à irmã gêmea. Carolina indicou **baixos escores** aos pais e os três irmãos ficaram com **pontuações** negativas **razoáveis**.

Tabela 17: IRR negativo de Carolina e Amanda - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmea	Irmão 1	Irmão 2
IRR - Carolina	8	7	17	15	18
IRR - Amanda	16	17	20	15	11

A Tabela 18 traz que Carolina evidenciou as **melhores médias** em satisfação, revelação íntima e cuidado com a mãe, sendo que em satisfação e cuidado Carolina atribuiu **média máxima** à mãe. Destaca-se ainda como pontos positivos que a mãe recebeu **boa média** em companheirismo; tanto o pai como a mãe obtiveram **média máxima** em afeição e **médias boas** em conflito; além de mãe, pai e irmã terem recebido **média mínima/boa** em punição e os outros irmãos também terem recebido **média baixa** nessa dimensão. O pai obteve **boa média** em cuidado e **razoável** em satisfação, apesar de ter sido **baixa/ruim** sua **média** em companheirismo e **mínima** em revelação íntima.

Assim como o pai, os irmãos mais velhos receberam **médias mínimas** na dimensão revelação íntima. O segundo irmão recebeu **média mínima** também em companheirismo, além de **médias** consideradas **ruins** em satisfação e cuidado. Os dois irmãos em afeição receberam a mesma **média** considerada **razoável**. Foram **razoáveis** também as **médias** do primeiro irmão em companheirismo e cuidado, mas em satisfação foi considerada **ruim**.

Na dimensão negativa punição, como já citado, os dois irmãos receberam **médias baixas/boas**, apesar de terem ficado acima dos pais e da irmã gêmea. Em conflito o primeiro irmão obteve **média razoável**, enquanto o segundo ficou com **média alta/ruim** somente abaixo de Amanda que recebeu a **maior média** nessa dimensão e portanto, mais negativa.

Carolina apontou o relacionamento com a irmã gêmea como o mais conflituoso e atribuiu à Amanda **médias baixas** nas dimensões satisfação, revelação íntima, cuidado e afeição. No entanto, determinou-a como a mais companheira, o que é um importante

indicador sobre a qualidade da relação entre elas.

Tabela 18: IRR positivo e negativo de Carolina - Médias por dimensões relacionais

	Mãe	Pai	Gêmea	Irmão 1	Irmão 2
Companheirismo	3,67	2	4	3	1
Satisfação	5	3,33	2,33	2	1,33
Revelação íntima	3,33	1	1,67	1	1
Cuidado	5	4,25	2	3	2,25
Afeição	5	5	2,5	3	3
Conflito	1,5	1,25	3,75	2,75	3,5
Punição	1	1	1	2	2

As médias de cada dimensão relacional atribuídas por Amanda aos familiares estão apresentadas na Tabela 19 e sugerem que a participante tem um relacionamento satisfatório, de revelação íntima, cuidado e afeição com a mãe mais do que com o pai e com os três irmãos. A mãe recebeu **médias máximas/boas** em revelação íntima e em afeição, além de **boas médias** em outros aspectos positivos e em conflito. Apenas em companheirismo obteve **média razoável** e em punição recebeu **média alta/ruim**, mas ainda assim foi mais baixa do que a do pai. O pai, apesar de ser indicado como o mais punitivo e ter recebido **médias ruins** em companheirismo, revelação íntima, cuidado e afeição, obteve **boa média** em satisfação e em conflito.

É importante destacar que na dimensão revelação íntima Amanda atribuiu **médias mínimas/ruins** aos três irmãos e **média baixa/ruim** ao pai enquanto a mãe obteve **média máxima/boa** nessa dimensão, revelando dificuldade em compartilhar suas questões com outros membros da família além da mãe. Chama-se a atenção ainda às dimensões satisfação e afeição: Amanda atribuiu **médias boas** aos pais e **ruins** aos irmãos na primeira dimensão citada, demonstrando certa insatisfação com o subsistema fraterno, o que foi ratificado na dimensão afeição na qual a mãe obteve **média máxima** enquanto pai e irmãos ficaram com

baixas médias.

A despeito de evidenciar que a relação com a gêmea é a mais conflituosa na família e ter-lhe atribuído **médias ruins** em satisfação, cuidado, afeição e principalmente em revelação íntima, Amanda indicou Carolina com as **melhores médias** em companheirismo e punição.

Os dois irmãos mais velhos ficaram com **médias baixas** nas dimensões positivas, com exceção do primeiro irmão que obteve **média boa** em companheirismo, ficando abaixo apenas de Carolina. No entanto, ambos receberam **boas médias** nas dimensões negativas, sendo que o primeiro irmão foi quem recebeu a **melhor média** da família em conflito e o segundo irmão foi considerado o menos punitivo.

Tabela 19: IRR positivo e negativo de Amanda- Médias por dimensões relacionais

	Mãe	Pai	Gêmea	Irmão 1	Irmão 2
Companheirismo	3	2,33	4,33	3,67	1
Satisfação	4,33	4	1,33	1,33	1,33
Revelação íntima	5	2	1	1	1
Cuidado	3,5	2	1,25	2,25	2,25
Afeição	5	2	2	2	2
Conflito	2,25	2,25	3,75	2	2,25
Punição	3,5	4	2,5	2,5	2

c) Percepção infantil sobre a dinâmica familiar:

- **CAROLINA**

Carolina utilizou a folha na posição horizontal levando 15 minutos para realização do desenho. Em um **ambiente gráfico** limpo, evidenciou boa adesão à proposta e investimento adequado na tarefa. Aproveitou bem o espaço da folha, mas concentrou as figuras no **quadrante direito** representando seu olhar para o futuro, extroversão, socialização e espontaneidade.

Compreende-se, no desenho que Carolina retrata a mãe e a gêmea com maior valorização em relação às outras figuras e que percebe que as duas (mãe e irmã) formam uma

forte díade dentro do sistema familiar, devido ao destaque atribuído a elas. Carolina valoriza a mãe e a irmã, mas apesar disso chama atenção o fato de colocar-se distante delas e não se incluir na relação.

A mãe foi representada com a **maior figura** e foi a **primeira** a ser desenhada, evidenciando dominância e valorização dessa sobre os outros membros, fatos ratificados no **IRR** onde Carolina atribuiu à mãe as melhores médias em satisfação, revelação íntima e cuidado, sendo que em satisfação e cuidado recebeu média máxima. A mãe também obteve média máxima em afeição e boas médias em companheirismo e em conflito, além de média mínima em punição.

A irmã gêmea foi desenhada em **segundo** lugar ao lado da mãe e de mãos dadas com essa e sua figura era maior do que a da própria Carolina, apesar de serem gêmeas idênticas. Além disso, sua própria figura foi a **menor** de todo o desenho, o que revela baixa autoestima e sentimento de inferioridade, principalmente, em relação à irmã.

Os dados do desenho indicam que Amanda possui um lugar privilegiado na família na percepção de Carolina e para a relação fraterna gemelar essa situação aparece como um aspecto negativo também evidente no **IRR**. Todas as dimensões positivas do IRR referentes à irmã foram avaliadas por Carolina com médias baixas, com exceção de companheirismo. O IRR negativo revelou punição mínima, mas alta média na dimensão conflito com a irmã. Assim, sua relação fraterna com a irmã gêmea encontra-se com perfil de **rivalidade**, mas a média boa na dimensão relacional companheirismo no IRR e a valorização da irmã no desenho, mesmo que formando uma díade com a mãe, sugerem potencial de melhora.

Assim como a mãe e a irmã gêmea, os outros dois irmãos também formam uma **díade** no desenho; foram desenhados de mãos dadas e do mesmo tamanho. O **último** a ser desenhado foi o irmão mais velho, indicando algumas questões que também apareceram no

IRR. Nos aspectos positivos do inventário, Carolina indicou aos dois irmãos mais velhos as menores médias e, nos aspectos negativos, foi o segundo irmão quem obteve a média mais alta, portanto mais negativa. Ambos foram indicados como mais punitivos do que os pais e a irmã e na dimensão conflitos o primeiro irmão obteve média razoável e o segundo irmão, média alta.

Carolina desenhou-se em **quarto** lugar, depois e ao lado do pai, mas sem uma ligação como a dos outros membros familiares. O pai aparece como **divisão** entre a díade mãe-irmã e os demais irmãos. A **sequência** do desenho demonstra as afinidades e identificações dentro da família, e Carolina parece não se perceber como integrante de nenhum dos subgrupos familiares.

A **proximidade** entre as figuras confirma esses dados: as figuras da mãe e da irmã **ligadas** evidenciam interdependência e principalmente isolamento das duas em relação ao grupo. Os irmãos também formam uma **díade ligada**, enquanto o pai e Carolina, apesar de **próximos**, são os únicos que não estão vinculados a ninguém.

Carolina demonstra necessidade de apoio e busca esse suporte familiar com o pai, **figura centralizada** no desenho, idealizando a relação com esse cuja convivência é pequena depois da separação. Essa idealização pode ser confirmada pelas médias atribuídas a ele no **IRR**: apesar de indicar média máxima na dimensão afeição e boa em cuidado, a média em satisfação foi razoável, baixa em companheirismo e mínima em revelação íntima. O pai parece ser a figura familiar positiva, a figura de afeto, a representação do apoio familiar desejado, para o qual Carolina despende atenção e cuidado. Mesmo não correspondendo às suas necessidades afetivas, ainda tem um lugar no imaginário da filha.

Rasuras na mãe, no pai, nos irmãos e no seu braço esquerdo sugerem dificuldades nas relações. A presença de **linha de base** representa insegurança e as figuras do pai, dela mesma

e dos irmãos em cima de **pedras** sugere desejo de valorização, que esses membros buscam atenção da mãe enquanto a irmã é vista como **barreira** para que alcancem essa atenção.

Os dados sugerem que os **eventos familiares** podem estar influenciando principalmente a relação entre as irmãs e também entre Carolina e a mãe, já que Carolina percebe que sua mãe e sua irmã constituem uma parceria inatingível por todo o grupo familiar. É possível que a mãe se preocupe mais com Amanda que apresenta dificuldades no colégio, em detrimento de Carolina que vai bem. Nesse sentido, Carolina apresenta desejo de ser valorizada e de receber atenção.

No **IRR**, apesar de Carolina demonstrar médias positivas mais altas do que Amanda, os escores negativos dos pais confirmam que a situação familiar está aquém do esperado das relações, pois há poucos conflitos e não há punição segundo Carolina. Talvez por não dar preocupação na escola, não direcionem suficiente atenção a ela.

No entanto, a pressão forte do **traço** representa expansão vital e impulsos expressivos. Com traço contínuo consistente e linha normal evidencia decisão e autoafirmação, energia e vitalidade, a presença de **adornos** no desenho como casa, borboleta, nuvens e sol também indicam expansão vital e noção de realidade. Além disso, todos os personagens apresentam **expressão facial** com ar afetuoso e bondoso, e a **estrutura** física das figuras é diferente, revelando desenvolvimento da identidade pessoal. Tal dado torna-se bastante importante pelo fato de que, apesar de gêmeas idênticas, Carolina percebe-se diferente da irmã, desenhando, inclusive roupas e cabelos distintos.

- **AMANDA**

Em 13 minutos, com a folha em posição horizontal, Amanda realizou o desenho com adesão e investimento adequados, assim como seu **ambiente gráfico**. Seu desenho, **localizado** na região central da folha indicou, a princípio, segurança e equilíbrio e os

tamanhos das figuras são proporcionais aos reais, indicando adequação à realidade.

Quanto à **ordem** do desenho, **primeiro** fez sua própria figura revelando desejo de ser a primeira e sentimentos de superioridade e de liderança. Diferente da irmã, Amanda apresenta maior autovalorização. A mãe foi a **segunda** a ser desenhada ao lado do pai, **terceira** figura, em **quarto** está a irmã gêmea e logo após os dois irmãos, sendo que por **último** desenhou o irmão mais velho. As quatro primeiras figuras desenhadas (Amanda, mãe, pai e gêmea) estavam de **mãos dadas** enquanto os dois irmãos estavam **próximos**, mas não ligados.

Seu desenho aponta identificação com a família, atribuindo maior valor ao **quarteto** e enfatizando as **vinculações** entre ela e a mãe (figura desenhada ao seu lado), entre a gêmea e o pai (condizente com análise dos resultados de Carolina) e entre a mãe e o pai (o que revela idealização da relação conjugal já que foram desenhados unidos, mesmo não constituindo mais um casal).

O vínculo afetivo com a figura da mãe apresentado na produção gráfica se confirma no **IRR** onde essa é indicada com o maior escore positivo, distante 24 pontos do pai, quem obteve o segundo escore mais positivo.

O pai foi valorizado no desenho com uma figura grande e centralizada e recebeu no **IRR** a maior média em punição associada a baixas médias positivas, com exceção da dimensão satisfação. Assim, tanto o desenho como o IRR apontam que o pai é a figura de dominação e autoridade familiar na percepção de Amanda, diferente de Carolina que o percebe como a figura de afeto.

Sobre o subsistema fraterno, pode-se afirmar que o irmão mais velho, que recebeu os melhores escores no **IRR** positivo, foi desenhado por **último** e com certa desvalorização percebida pelo **tamanho da cabeça** em comparação com os demais membros familiares. Essa contradição aponta para a hipótese de que a valorização indicada racionalmente não é tão

consistente com os dados projetivos, indicando para possíveis questões com esse irmão apesar de terem uma relação fraterna considerada positiva. O segundo irmão recebeu as menores pontuações tanto positivas como negativas no **IRR** confirmando sua posição que pode ser chamada de “neutra” no desenho e indicando uma relação mais distante de Amanda, talvez sem tantas oportunidades de interação. Amanda se distancia da irmã e não a vê como uma relação positiva, conforme aponta o **IRR**. A gêmea foi indicada com pontuações positivas baixas e a mais alta pontuação negativa, sugerindo, principalmente, um relacionamento conflituoso. No entanto, a irmã fez parte do **subgrupo familiar unido** na produção gráfica e ocupou o **centro do desenho** o que sugere valorização da pessoa representada. Além disso, apesar de receber baixas médias nas demais dimensões relacionais do IRR, em companheirismo recebeu a melhor média da família.

A presença de **linha de base** aponta insegurança e as **rasuras** em todos os personagens com exceção da mãe reinteram os conflitos já mencionados. A **elaboração das figuras** de Amanda foi mais precária do que a da irmã que evidenciou maior maturidade em seu desenho. Mas apesar de todos terem a mesma estrutura física (estilo “palitinho”), houve **ênfase** em características próprias de cada um (skate, boné, cabelos diferenciados). Assim, a despeito de ainda haver dificuldades na identidade pessoal, Amanda percebe as peculiaridades dos membros familiares e está desenvolvendo sua individualidade. Todos os personagens apresentaram **expressão facial** amigável, revelando que Amanda expressa sentimentos positivos para cada figura retratada.

Com pressão forte em **traços** contínuos e consistentes e linha normal, Amanda evidenciou expansão vital e impulsos expressivos, decisão e autoafirmação, assim como energia e vitalidade. Ainda, desenha paisagem, uma casa e um carro e enfatiza os detalhes da figura do táxi, meio de trabalho da mãe, e na garagem desenhada “para guardar o carro” (sic).

Esses **adornos** do desenho representam o ambiente e a dinâmica familiar deixando evidente a ausência dos pais pelas horas trabalhadas.

O luto do tio materno, o divórcio dos pais, a repetência de Amanda e a doença da avó evidenciam a pressão familiar vivenciada. É possível que todas essas **questões** venham **afetando a família** e a relação fraterna entre as gêmeas que vivenciam um momento de separação na escola imposto por circunstâncias não planejadas e, ainda uma competição e rivalidade que podem estar sendo potencializadas por estarem em séries diferentes. No entanto, esses conflitos podem ser temporários se trabalhadas algumas questões no sistema familiar.

4.3.3 Família Correia – João e Roberto

a) Caracterização do sistema familiar:



Figura 3 – Genograma Família Correia

Os gêmeos dizigóticos do sexo masculino, João e Roberto, na época da coleta de dados com seis anos, frequentavam o primeiro ano do ensino fundamental em uma escola da rede privada, somente na parte da tarde e estudavam em turmas distintas. Eram os únicos filhos de um casal que estava casado havia 21 anos e engravidou naturalmente. A mãe tinha 40 anos, era enfermeira e trabalhava oito horas por dia de segunda a sexta-feira, o pai,

industrialário de 47 anos com ensino médio completo, trabalhava em escalas de 12 horas. Somando uma faixa salarial de cinco salários mínimos, moravam em casa própria na cidade havia 15 anos. A mãe afirmou que a família é católica, mas que não frequentava a igreja e que as crianças iam mais com a avó aos cultos evangélicos.

Segundo a mãe, as principais atividades de lazer realizadas em casa eram: jogar futebol, cartas e totó, além de desenhar. Costumavam visitar os parentes ou encontrá-los em locais públicos quase todos os dias e de uma a três vezes no mês participavam de festas e comemorações familiares. De uma a três vezes no mês também iam ao cinema ou teatro e com menor frequência (menos de uma vez ao mês) a festas ou visitas culturais. Essas atividades de lazer eram feitas tanto aos fins de semana como durante a semana e, por vezes participavam além dos pais e filhos, parentes em geral e amigos. A mãe declarou que a importância das atividades de lazer para a sua família estava na possibilidade de conviver, pois, “encontra à noite só, é pouco tempo, então é o tempo que têm para conviver” (sic).

Os pais pareciam dividir a responsabilidade pelos cuidados com os filhos e com a casa quanto a chamar para comer e tomar banho, levar às atividades de lazer e à escola, limpar a casa e comprar comida. Ler histórias, colocar as crianças para dormir e cozinhar eram atribuições apenas da mãe. A avó materna das crianças também as levava para a escola e tem a função de lavar e passar as roupas. Quando as crianças não estavam na escola, ficavam na casa dessa avó, sob seus cuidados.

Nenhum evento relacionado ao grupo familiar foi relatado pela mãe no último ano. E sobre a rede social de apoio intrafamiliar, os avós maternos, uma tia e uma prima das crianças, além da avó paterna foram apontados. A escola e uma professora também são indicadas como importantes fontes de apoio.

b) Análise da rede de relações familiar:

João e Roberto apresentaram percepções muito semelhantes sobre as relações estabelecidas com a família. Ambos atribuíram **escores** positivos **ruins** à mãe, **razoáveis** ao pai e **bons** para o gêmeo, conforme demonstra a Tabela 20.

Tabela 20: IRR positivo de João e Roberto - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmeo
IRR + João	32	36	59
IRR + Roberto	35	38	60

No caso do IRR negativo, representado na Tabela 21, tanto João como Roberto indicaram **baixos escores** para o pai e mais baixos ainda para o gêmeo e **escores razoáveis** para a mãe, evidenciando que as relações não apresentam significativos episódios de punição ou conflito.

Tabela 21: IRR negativo de João e Roberto - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmeo
IRR - João	17	14	9
IRR - Roberto	16	14	6

A Tabela 22 demonstra que as **médias** em todas as dimensões relacionais positivas do IRR dadas por João ao seu irmão gêmeo foram mais **altas** do que as dadas aos pais. Destaca-se o companheirismo que recebeu **máxima pontuação** em todas as questões, dando origem à **média 5**, assim como satisfação e afeição que alcançaram **boas médias**. Em cuidado também foi **boa a média**, mas em revelação íntima, apesar de ter sido maior do que as médias dos pais, foi bastante **baixa**, indicando que João não divide muito suas questões com nenhum dos familiares. A mãe teve **média mínima** em revelação íntima, e o pai **baixa média** na mesma dimensão; em companheirismo e cuidado ambos os pais alcançaram **médias baixas**; já em

satisfação as médias foram **razoáveis** e em afeição foram **boas**.

Quanto às dimensões relacionais negativas, pai e gêmeo obtiveram **médias melhores** do que a mãe em ambas as dimensões. Apesar de os três membros terem recebido **médias boas** na dimensão punição, a mãe foi indicada como a que se envolve em mais episódios punitivos na família. Enquanto o gêmeo foi considerado como menos conflituoso, alcançando quase a **média mínima** nessa dimensão e o pai também recebeu **média boa**, a mãe obteve **média razoável**, sendo considerada também o membro com quem João tem mais conflitos.

Tabela 22: IRR positivo e negativo de João- Médias por dimensões relacionais para os pais e irmã gêmea

	Mãe	Pai	Gêmeo
Companheirismo	2	2	5
Satisfação	2,67	3	4,67
Revelação íntima	1	1,67	2
Cuidado	2	2,25	3,75
Afeição	3,5	3,5	4,5
Conflito	3	2,5	1,25
Punição	2,5	2	2

Roberto, assim como João, indicou o gêmeo como o membro familiar com mais aspectos positivos, principalmente afeição onde atribuiu **média máxima**, como ilustra a Tabela 23. Nas dimensões companheirismo, satisfação e revelação íntima Roberto indicou **médias boas** ao gêmeo e também deu a João **médias mínimas** em ambas as dimensões negativas, indicando uma relação bastante próxima do irmão. A dimensão positiva com **média** mais baixa para o irmão gêmeo foi cuidado, considerado como **razoável**.

Tanto o pai como a mãe receberam médias similares na maioria das dimensões positivas e negativas, ficando com **médias ruins** em companheirismo e cuidado, **razoáveis** em satisfação e **boas** em punição. Diferenciaram-se em revelação íntima, aspecto em que o

pai recebeu **média razoável** e a mãe **média baixa/ruim**; em afeição o pai ficou com **média boa** e a mãe **razoável**; e conflito onde a média obtida pela mãe foi pouco mais alta, configurando **média razoável**, enquanto o pai obteve **média boa**.

Tabela 23: IRR positivo e negativo de Roberto - Médias por dimensões relacionais para os pais e irmã gêmea

	Mãe	Pai	Gêmeo
Companheirismo	2,33	2	4
Satisfação	3	2,67	4,33
Revelação íntima	1,33	3	4,33
Cuidado	2,25	2	3
Afeição	3	3,5	5
Conflito	2,75	2,25	1
Punição	2,5	2,5	1

c) Percepção infantil sobre a dinâmica familiar:

- **JOÃO**

Utilizando a folha em posição horizontal, João realizou o desenho em 13 minutos. Apresentou um **ambiente** dinâmico com o desenho em **movimento**, utilizando bem o espaço, e com **localização** central do desenho na folha demonstrou segurança e equilíbrio.

Quanto ao **tamanho** das figuras, revelou adequação à realidade ao desenhar o pai maior que ele e o irmão, atribuindo certa valorização ou dominância a essa figura. João desenhou a si mesmo em **primeiro** lugar e tomando o **centro** da folha, revelando segurança, equilíbrio e desejo de ser valorizado. Além disso, fez-se **maior** do que o gêmeo, expressando desejo de dominância e valorização de si sobre o irmão. No entanto o seu irmão gêmeo foi representado ao seu lado, o que indica valorização da figura e companheirismo, já seu pai foi o último a ser desenhado, revelando certa desvalorização se comparado ao irmão. Chama atenção a situação materna que não teve sua figura representada no desenho, o que pode

evidenciar conflitos com figura **omitida** e sugerindo questões a serem solucionadas. Relatou que o pai os leva para brincar e que não desenhou a mãe, pois essa não vai com eles.

É interessante destacar a **distribuição** das figuras: João representou graficamente o irmão e ele em um momento apreciado de **atividade de lazer compartilhada** e os irmãos encontram-se em um **patamar mais elevado** em relação ao pai. João demarca forte vinculação com o irmão e no caso do pai há certo **afastamento** que pode ser considerado como um distanciamento emocional. Pela **proximidade/distanciamento** entre figuras é possível confirmar as afinidades e identificações dentro da família, quais sejam: irmãos próximos, pai distante e mãe não incluída revelando necessidade de apoio, identificação ou dependência entre os irmãos e desunião, dificuldade de comunicação, afastamento ou isolamento entre os subsistemas fraterno e parental. O distanciamento afetivo pode também ser representado pela colocação de elementos entre os membros da família, separando-os uns dos outros de modo a revelar interferência na comunicação ou na troca afetiva, que pode ser percebida pela **barreira** colocada entre João e seu pai (linha da pipa).

O **IRR** aponta que os pais tiveram médias baixas na maioria das dimensões relacionais positivas e nas dimensões relacionais negativas. A mãe foi indicada como a mais punitiva e também o membro com quem João tem mais conflitos. Já ao irmão gêmeo foram atribuídas as melhores médias em todas as dimensões relacionais positivas e em conflito e punição, João atribuiu médias baixas ao irmão reafirmando uma relação fraterna positiva.

Na **elaboração** do desenho repara-se semelhança entre as figuras expressando dificuldade na identidade pessoal e precária individualidade. As figuras foram **apagadas** e refeitas, deixando marcas no papel devido à **forte pressão do lápis** e mostrando dificuldades na relação do grupo familiar.

Entretanto, João revela **expansão vital**, impulsos expressivos, decisão e

autoafirmação, energia e vitalidade. Além disso, seu desenho não contou com **linha de base** o que sugere segurança e **incluiu outros elementos** (pipas e estrela) que deram **movimento ao desenho** e representaram sua dinâmica familiar e, principalmente, indicaram um bom relacionamento fraterno.

As **ênfases** dadas na produção gráfica reafirmam a qualidade do relacionamento entre os gêmeos, pois além de colocar a fratria em um patamar mais elevado em relação ao pai e de destacar os detalhes que valorizam o momento de brincadeira entre irmãos, João representou o pai com um sorriso e **expressão facial** amigável, mas as figuras de João e o irmão estão com sorrisos abertos e em nítida interação.

- **ROBERTO**

Roberto utilizou a folha na posição vertical concentrando o desenho no **quadrante** superior de forma centralizada. Apesar de explorar pouco o **ambiente gráfico** evidenciou expressão de fantasias que ficou evidente ao desenhar todas as figuras dos membros familiares quase do **mesmo tamanho**, sem distinção entre crianças e adultos. Desse modo demonstrou perceber os pais como iguais, sem atribuições de autoridade ou dominância.

O desejo de ser valorizado e possíveis conflitos com a mãe ficaram evidentes na **ordem** de desenho: ele mesmo em **primeiro** lugar, logo em seguida o pai, o gêmeo e, por **último**, a mãe. A figura com maior **destaque** foi a dele mesmo expressando autovalorização, enquanto a figura mais **descuidada** foi a da mãe reafirmando a não vinculação com a figura materna. Não obstante a desvalorização da mãe, Roberto desenha a família unida, em **bloco**, com figuras **próximas** que revelam necessidade de apoio, identificação e dependência, principalmente em relação ao pai com quem demonstrou maior vínculo na produção gráfica.

Já no **IRR**, a relação com o pai foi avaliada de forma semelhante à relação com a mãe nas dimensões companheirismo, cuidado, satisfação e punição, alcançando médias baixas ou

razoáveis nessas dimensões positivas e boa média em punição. No entanto, o pai obteve melhores médias em revelação íntima, afeição e conflito comparado à mãe.

O **IRR** de Roberto para a mãe foi condizente com seu desenho: pontuações mais baixas nas dimensões positivas e mais altas nas dimensões negativas do IRR, figura desenhada com descuido e com a cabeça pequena em comparação com as outras figuras, além de ser a última a ser desenhada e distante de si.

Roberto evidenciou boas pontuações tanto no **IRR** positivo como no negativo para o irmão. Assim, as médias boas nas dimensões relacionais positivas do IRR e a pontuação mínima em ambas as dimensões negativas levam à afirmação de um relacionamento bastante positivo com o irmão, sem episódios importantes de conflito e punição. Apesar de ter sido o terceiro a ser desenhado, antes somente da mãe e com a figura do pai posicionada entre eles, Roberto atribuiu a João o lugar central na produção gráfica, evidenciando assim esse bom relacionamento fraterno.

Além de não fazer distinção dos tamanhos entre adultos e crianças, também não diferenciou as figuras quanto ao **gênero**, elaborando as figuras com **estruturas** físicas muito semelhantes, o que indica dificuldade na identidade pessoal. A presença de **linha de base** sugerindo insegurança junto à precária individualidade são condizentes com a pouca idade.

As figuras foram **apagadas** e refeitas, deixando marcas no papel devido à forte pressão do lápis e mostrando dificuldades na relação do grupo familiar. Entretanto, revela **expansão vital**, impulsos expressivos, decisão e autoafirmação, energia e vitalidade, sinalizadores de um bom desenvolvimento.

4.3.4 Família Dantas – Catarina e Catarine

a) Caracterização do sistema familiar:

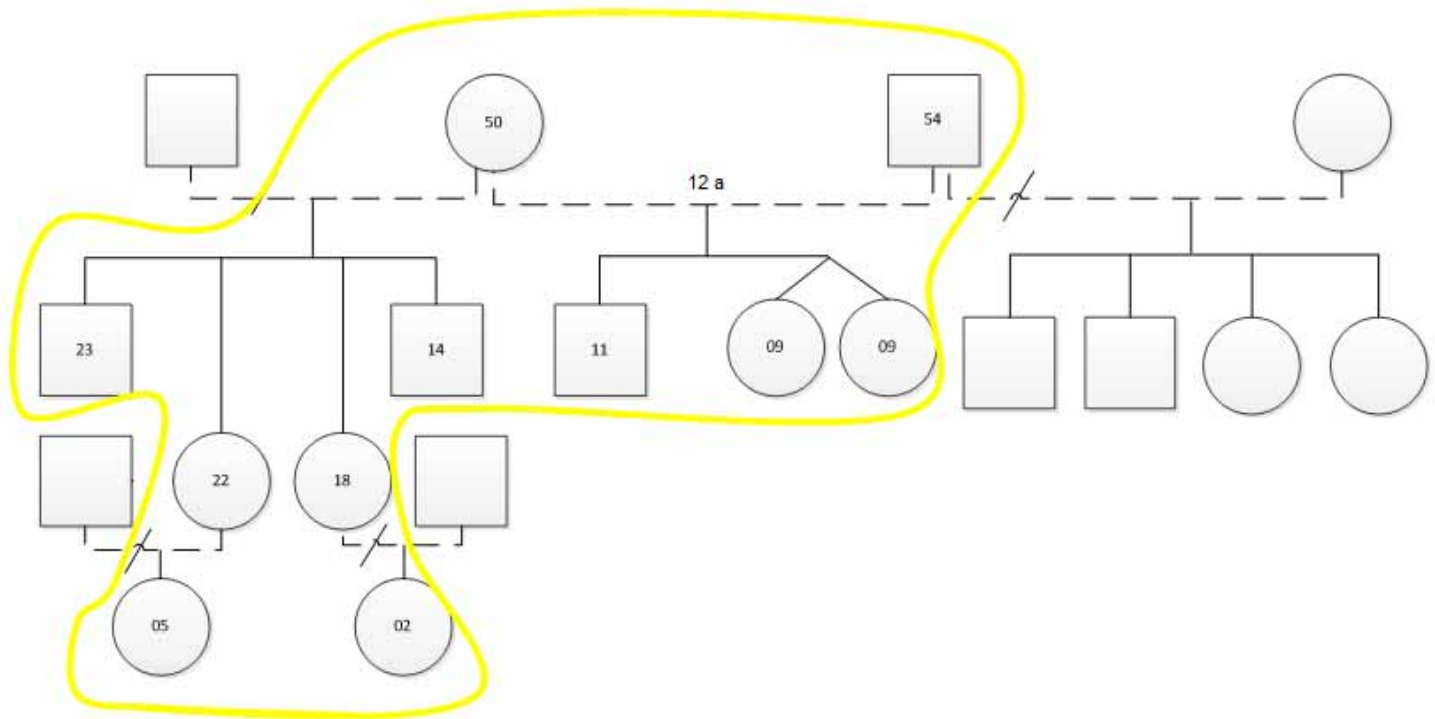


Figura 4 – Genograma Família Dantas

Catarina e Catarine são irmãs gêmeas dizigóticas, estavam com nove anos na época da coleta de dados e frequentavam o quarto ano do ensino fundamental de uma escola municipal. Filhas mais novas de um casal que vivia junto havia 12 anos, possuíam mais nove irmãos, sendo quatro do primeiro relacionamento da mãe, quatro do primeiro relacionamento do pai e um irmão por parte de pai e mãe. No entanto, os primeiros filhos do pai não têm convivência alguma com as participantes. A mãe relatou que “elas sabem que eles existem, mas nunca viram” (sic.).

Ambos os pais possuem como escolaridade o ensino fundamental incompleto. A mãe, empregada doméstica diarista de 50 anos, trabalhava nessa profissão havia cinco anos, dedicando-se cinco dias na semana ao trabalho, e o pai, motorista de caminhão de 54 anos,

trabalhava na mesma empresa fazia um ano e dez meses com carga horária de 40 horas semanais. Os pais, sete filhos e dois netos moravam em casa própria na periferia da cidade, sendo que além dos pais, dois filhos contribuía para a renda familiar (o mais velho de 23 anos e a de 18 anos). Assim, alcançavam quatro salários mínimos. A irmã de 22 anos era a principal responsável pelo cuidado com a casa e com as crianças. Catarine fazia companhia para sua madrinha algumas vezes na semana, após o colégio, e dormia lá quando o marido trabalhava durante a noite. A mãe ressaltou que apesar de falarem que ela “deu” a filha, ela nunca faria isso. “Só empresto pra fazer companhia porque ela está adoentada e precisa de ajuda, mas Catarine sabe muito bem onde é a casa dela e que horas tem que estar lá” (sic.).

A família é católica, mas somente a mãe frequentava a igreja semanalmente e às vezes era acompanhada por Catarina e Catarine. Segundo relato materno, era raro haver um momento de lazer familiar já que aconteciam muitas brigas, por isso o lazer se resumia a cada filho ir para casa de seus amigos durante os finais de semana. Passeios em locais públicos ou a centros culturais somente eram possíveis quando a escola levava. De acordo com a mãe, cabe ao adulto supervisionar o lazer dos filhos, mas não participar desse momento e justifica a importância do lazer dizendo “Porque a criança tem que ter infância. Adulto não gosta do que elas brincam daí tem que ter momento com outras crianças” (sic.).

Quanto à rotina de cuidados com as crianças, a irmã de 22 anos fica com elas quando não estão na escola, mas Catarina e Catarine realizam todas as atividades sozinhas: refeições, banho, dormir, ir à escola, ler histórias e lazer. As tarefas domésticas, tais como: limpar a casa, cozinhar, lavar e passar roupas são realizadas, principalmente, pela mãe e pela filha de 22 anos, mas Catarina e Catarine ajudam a limpar a casa, já as compras eram feitas pelo pai.

Sobre eventos ocorridos na família no último ano não aponta nenhum, apenas sinalizando que sempre trabalhou fora de casa, que o pai das crianças é diabético, mas

controlado e quando questionada se já ocorreram agressões por parte de algum familiar ela respondeu: “Agressão? Só pra disciplinar. Umass palmadas quando precisa dar” (sic.). A mãe não indica nenhum familiar, além de sua filha mais velha, na rede social de apoio, mas aponta amigos, vizinhos e escola como componentes dessa.

b) Análise da rede de relações familiar:

As participantes responderam apenas sobre os pais e irmãos com quem tem convivência, não incluindo os irmãos por parte de pai com quem não se relacionam.

Assim, a Tabela 24 mostra que para Catarina, a irmã gêmea é o membro familiar com que estabelece a relação mais positiva, seguido da irmã de 18 anos, da irmã mais velha, de 22 anos, e da mãe, todas com **pontuações razoáveis**. Ficaram com **escores razoáveis** também o pai e o irmão mais velho, já os dois irmãos mais novos foram indicados por Catarina com **pontuações** positivas **baixas**. Para Catarina, a mãe em primeiro e a irmã mais velha em seguida ocupam lugar de destaque no IRR positivo com **pontuações altas**. A gêmea, a irmã de 18 anos, o irmão mais novo, o pai e o irmão mais velho ficaram com **pontuações razoáveis**, enquanto o irmão de 14 anos foi o único que ficou com **pontuação ruim** no IRR positivo de Catarina.

As pontuações do IRR positivo de Catarina foram maiores do que de Catarina, enquanto uma alcançou o máximo de 48, a outra chegou a 62, indicando que, de forma geral, Catarina percebe os relacionamentos familiares mais positivamente. Contudo, para ambas, as quatro melhores relações são estabelecidas com a gêmea, com a mãe e com as duas irmãs mais velhas, e o irmão de 14 anos foi o membro familiar pior avaliado pelas duas participantes no IRR positivo.

Tabela 24: IRR positivo de Catarina e Catarine - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmea	Irmão1	Irmã2	Irmã3	Irmão4	Irmão5
IRR + Catarina	43	41	48	39	43	44	30	35
IRR + Catarine	62	48	52	47	61	51	33	50

Quanto ao IRR negativo tem-se que Catarina evidenciou maiores pontuações do que Catarine reafirmando que Catarine percebe os relacionamentos familiares mais positivamente, conforme Tabela 25.

Catarina apontou a mãe com **maior pontuação** negativa, seguida da gêmea, dos dois irmãos mais novos e depois o pai junto dos três irmãos mais velhos. A pontuação da mãe foi considerada ruim, da gêmea e dos irmãos mais novos foi **razoável** e do pai e irmãos mais velhos, **boa**.

Catarine considerou a mãe e a irmã gêmea como os membros familiares com relacionamentos mais negativos, atribuindo a elas a mesma **pontuação razoável**, em seguida apontou a irmã de 18 anos, a irmã mais velha, os irmãos mais novos, o pai e, por último, o irmão mais velho, todos com pontuações **boas**.

Tabela 25: IRR negativo de Catarina e Catarine - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmea	Irmão1	Irmã2	Irmã3	Irmão4	Irmão5
IRR - Catarina	25	14	19	14	14	14	18	18
IRR - Catarine	15	11	15	10	13	14	12	11

A Tabela 26 apresenta as médias de cada uma das dimensões relacionais dadas por Catarina indicando que a irmã de 18 anos foi considerada a mais companheira, em seguida aparece a mãe, ambas com **médias razoáveis**, depois o pai e a irmã gêmea com a mesma **média baixa** e, por último, também com **médias** iguais e consideradas **ruins**, os outros quatro irmãos. Catarina apontou maior satisfação com o irmão mais novo, depois com pai e mãe,

seguidos dos dois irmãos mais velhos, todos com **médias razoáveis**; já para os demais irmãos foram indicadas **baixas médias**, principalmente para o irmão de 14 anos que obteve **média mínima/ruim**. Na dimensão relacional revelação íntima, a média mais alta foi dada à irmã gêmea que obteve **média razoável** e todos os outros membros ficaram com **médias ruins**, principalmente a mãe que obteve **média mínima**. A irmã de 18 anos foi indicada por Catarina como o membro familiar por quem a participante tem mais cuidado, alcançando **média máxima/boa**. A mãe também obteve **média boa**, assim como a irmã gêmea e o pai, já os demais irmãos alcançaram **médias** consideradas **razoáveis** nessa dimensão. Para Catarina, a irmã gêmea é a figura de afeição que recebeu **média máxima** nessa dimensão. Os pais e os três irmãos mais velhos receberam **médias** iguais e **razoáveis**, enquanto os dois irmãos mais novos obtiveram **média mínima**.

Nas duas dimensões negativas do IRR, Catarina indicou a mãe com as **piores médias**, atribuindo **média máxima** em punição e **média alta** em conflito. A irmã gêmea teve a segunda média mais alta em conflito, seguida do irmão de 14 anos, ambos com **médias razoáveis**, logo após estava o irmão mais novo com **média baixa** e por último, com **médias** igualmente **baixas** ficaram o pai e os três irmãos mais velhos. Na dimensão relacional punição, depois da mãe que obteve **média máxima/ruim**, todos os outros membros receberam a mesma **média** considerada **razoável**, indicando que Catarina sente-se bastante punida por todos os membros e com conflitos mais intensos com a mãe, a irmã gêmea e o irmão de 14 anos.

Tabela 26: IRR positivo e negativo de Catarina- Médias por dimensões relacionais

	Mãe	Pai	Gêmea	Irmão1	Irmã2	Irmã3	Irmão4	Irmão5
Companheirismo	2,67	2,33	2,33	2	3,33	2	2	2
Satisfação	2,67	2,67	2,33	2,66	2,66	1,66	1	3
Revelação íntima	1	2	3	2,33	2,33	2,33	2,33	2,33

Cuidado	4,5	3,5	3,75	3	3	5	2,75	2,75
Afeição	3	3	5	3	3	3	1	1
Conflito	3,75	2	3,25	2	2	2	3	2,5
Punição	5	3	3	3	3	3	3	3

Conforme exposto na Tabela 27, Catarine apresentou **médias boas** em companheirismo para a mãe, para as três irmãs e para o irmão mais novo e apontou a menor média nessa dimensão para o pai, mas mesmo a **média** mais baixa foi considerada **razoável**. A mãe também recebeu a **maior média** em satisfação, seguida da irmã mais velha, do pai e da irmã gêmea e irmão mais velho que obtiveram a mesma **média** também **alta**. A **média** mais **baixa** tanto em satisfação, como em revelação íntima, cuidado e afeição ficou para o irmão de 14 anos, sugerindo ser com este membro a relação familiar mais frágil.

Revelação íntima foi a dimensão relacional positiva com **menores médias**, sendo que a irmã mais velha foi indicada com a **maior** delas, sugerindo que com esse membro, Catarine encontra maior abertura para expor suas questões mais pessoais.

As **médias boas e razoáveis** em cuidado, para todos os membros, sugerem que Catarine se preocupa com os familiares, principalmente com a mãe e com a irmã mais velha. A participante também apresenta **médias** muito **boas** para todos os membros, com exceção do irmão de 14 anos, na dimensão afeição, indicando **média máxima** para a mãe, para o pai e para a irmã mais velha.

A dimensão relacional negativa conflito evidencia **médias boas** para os irmãos, assim como para os pais. Contudo, a irmã gêmea que recebeu **média razoável**, foi apontada como aquela com quem Catarine tem mais episódios conflituosos. Em punição, a mãe e as duas irmãs mais velhas obtiveram **médias** iguais e consideradas **razoáveis**, já os demais membros familiares receberam **médias boas** nessa dimensão.

Tabela 27: IRR positivo e negativo de Catarine - Médias por dimensões relacionais

	Mãe	Pai	Gêmea	Irmão1	Irmã2	Irmã3	Irmão4	Irmão5
Companheirismo	4,67	2,67	4,33	3,33	4,33	4,33	3,33	4,33
Satisfação	4,67	4	3,67	3,67	4,33	2,33	1,66	3,33
Revelação íntima	2,33	1,33	1,67	1,66	2,66	2,33	1	2
Cuidado	4,25	3,5	3,75	3,25	4,25	3,75	2,75	3
Afeição	5	5	4	4	5	4,5	2	4,5
Conflito	2,25	2	2,75	1,5	1,75	2	2	2
Punição	3	1,5	2	2	3	3	2	1,5

c) Percepção infantil sobre a dinâmica familiar:

- **CATARINA**

Catarina, em 17 minutos de produção, apresentou um **ambiente** adequado e limpo, fazendo boa utilização do espaço. A família ficou **centralizada** na folha, mas sua própria figura teve uma **colocação estranha** que sugeriu tensão, conflito e sentimento de inadequação. Já a irmã mais velha, principal cuidadora segundo o QCSF, foi a figura colocada ao **centro** do desenho.

A **maior** figura foi a irmã de 18 anos, seguida da irmã mais velha. Chamou atenção a figura materna ter sido representada com aparência mais infantilizada do que as duas irmãs mais velhas de Catarina, talvez por estas ocuparem o lugar dos cuidados, sugerindo serem figuras importantes para a participante.

Começando o desenho pela mãe, depois o pai e as duas irmãs mais velhas expressou valorização do subsistema conjugal e das irmãs, mais uma vez. Segundo o **IRR**, Catarina estabelece com as três irmãs e a mãe as relações familiares mais positivas. Na dimensão relacional companheirismo, a irmã de 18 anos foi a primeira, seguida da mãe. Depois apareceram o pai e a irmã gêmea com a mesma média. Quanto à gêmea, essa foi, pela **ordem**, desenhada antes da figura de Catarina, mas na **sequência**, foi colocada na extremidade oposta

da folha. Conforme apresenta o **IRR**, para Catarina, a cogêmea é o membro familiar com quem estabelece a relação mais positiva, alcançando as médias mais altas nas dimensões relacionais revelação íntima e afeição, mas é também o membro com a segunda média mais alta em conflito, ficando atrás somente da mãe.

A **última** a ser desenhada foi sua própria figura e desenhar-se em último lugar expressa sentimento de inferioridade e baixa autoestima. Além disso, todos os membros foram desenhados **próximos e entre duas árvores**, enquanto sua figura foi colocada **distante** de todos, **após a segunda árvore**. Essa **distância** de Catarina em relação aos outros evidencia sentimentos de exclusão, rejeição e discriminação. A árvore compreendida como **barreira** entre ela e os demais membros da família revela interferência na comunicação ou na troca afetiva, representa bloqueios, afastamento, isolamento e distanciamento afetivo.

Apesar disso, todos os membros familiares foram desenhados com **expressões faciais** positivas, menos o irmão de 14 anos que foi representado com um ar agressivo, destacando-se dos demais. O **IRR** mostrou que esse irmão foi indicado por Catarina com a pontuação positiva mais baixa, obtendo em satisfação e afeição médias mínimas.

Ficou evidente a carência afetiva de Catarina ao inserir a figura da pesquisadora no desenho da família, atribuindo a ela um lugar de **destaque**, perto das nuvens, contando a seguinte estória: “Era uma vez uma mulher que me conheceu e se importou comigo. Ela veio e me perguntou sobre a minha família e foi muito importante pra mim porque ela se preocupa” (sic.).

A **omissão** dos pés de todos os membros familiares demonstra dificuldades nos relacionamentos entre os membros. Além disso, ela é a única figura que não tem mãos, o que representa e confirma que não se sente incluída na família, sente-se rejeitada, não tem a sua participação garantida ou, ainda, que não recebe afeto do sistema familiar, evidenciando

sentimentos de isolamento, rejeição e inadequação.

A estrutura física das figuras foi de “palitinhos” evidenciando precariedade na **elaboração do desenho**, com dificuldade na identidade pessoal e imaturidade. Entretanto, ao utilizar pressão do **traço** forte, com traço contínuo e consistente, demonstra expansão vital, impulsos expressivos, decisão, autoafirmação, energia e vitalidade. O fato de utilizar muito pouco a **borracha** indica autoafirmação e decisão, que se contrapõem à presença de **linha de base** que indica certa insegurança. A presença de **paisagem** no desenho, tais como pássaros, sol e nuvens confirmam a expansão vital e dão indicativos de alguma capacidade criativa e de saída para os conflitos evidenciados.

- **CATARINE**

Durante 29 minutos Catarine se empenhou no desenho, utilizando todo o espaço da folha e executando-o com detalhes. Além dos membros familiares, desenhou a casa e os cômodos com móveis, plantas e o céu com sol e nuvens com chuva, escrevendo entre o céu e a casa: “Sol com chuva casamento de viúva!”. Todo esse empenho originou um **ambiente gráfico** de boa qualidade, com adornos e movimento. As figuras ocuparam diferentes **quadrantes**: pai, mãe e as duas netas ficaram no quadrante direito da folha, enquanto os filhos ocuparam o lado esquerdo, sendo que os mais velhos ficaram na parte superior e os mais novos na parte inferior. O que ocupa a **posição central** do desenho é a casa que foi desenhada antes das figuras e cujos **detalhes** receberam grande atenção e **ênfase** expressando valorização do espaço familiar.

A mãe foi representada por Catarine com a **maior figura**, sendo a figura dominante do desenho, evidenciando reconhecimento de seu papel como provedora e organizadora da casa. Já na **ordem** do desenho, Catarine indica a irmã gêmea como a mais valorizada e figura de apego, desenhando-a em **primeiro** lugar ao seu lado. A figura desenhada por **último** e,

portanto, mais desvalorizada foi a do irmão mais velho, de 23 anos, entretanto, a **omissão** da figura do irmão de 14 anos pode sugerir sentimentos de rivalidade, ciúme ou conflitos mais importantes com esse membro.

No **IRR**, os membros familiares considerados mais companheiros foram a mãe, as três irmãs e o irmão mais novo, sendo que a mãe destacou-se positivamente, mas também foi considerada junto das irmãs mais velhas de Catarine como a mais punitiva. Esses dados são pertinentes ao considerar que a mãe e as irmãs são as responsáveis pelos cuidados com as crianças e com a casa e, com isso, possuem papel de destaque no dia-a-dia da participante. O irmão mais novo ocupa um lugar de afeto na dinâmica familiar, segundo o IRR e o desenho, já a irmã gêmea foi bem avaliada na produção gráfica e recebeu médias boas no IRR, mas também ficou em evidência a média familiar mais alta na dimensão conflito. O irmão de 14 anos foi o membro pior avaliado nas dimensões positivas, confirmando os sentimentos negativos expressos por Catarine na omissão desse membro no desenho.

Catarine incluiu outros **elementos** no desenho, fazendo minuciosamente sua casa, os cômodos e os móveis, o que representa valorização desse espaço, talvez por passar boa parte do tempo na casa da madrinha e sentir falta do ambiente doméstico. No entanto, a casa serviu como **barreira** entre os membros, separando-os uns dos outros de modo a revelar interferência na comunicação ou na troca afetiva. Percebe-se na **sequência** dos desenhos, que houve distribuição das figuras em **blocos**, representando afinidades e identificações, assim como a dificuldade de interação entre os grupos que foram colocados cada um em uma parte da casa **divididos**, de forma bem definida, por teto e paredes, sem portas ou janelas de comunicação entre eles. Configura-se desse modo um sistema familiar desunido, sem a evidência de trocas emocionais e afetivas entre os membros.

A utilização de **linha de apoio** na base das figuras sugere certa insegurança e o

excesso de **rasura** nas figuras dos pais expressa possíveis conflitos. Apesar disso, a **expressão facial** amigável de todos os membros destaca que mesmo Catarine não tendo acesso livre a todos os membros e percebendo as limitações dos relacionamentos, lida bem com todos com exceção do irmão que foi omitido no desenho.

As médias boas e razoáveis na dimensão cuidado no **IRR** positivo para todos os membros sugerem que Catarine se preocupa com os familiares, principalmente com a mãe e com a irmã mais velha. A participante também apresenta médias muito boas para todos os membros, com exceção do irmão de 14 anos, na dimensão afeição, indicando média máxima para a mãe, para o pai e para a irmã mais velha.

Dessa forma, tem-se que para Catarine a mãe é a figura de dominância, o irmão de 14 anos é o membro familiar com relação mais difícil e o trio mais valorizado é composto por Catarine, sua gêmea e o irmão mais novo, revelando identificação com esses membros, enquanto os demais estão distantes e com barreiras, representando as dificuldades familiares, tais como desunião, dificuldade de comunicação e distanciamento emocional.

Ao **elaborar as figuras** de maneiras **diferentes**, atribuindo detalhes a cada membro, evidencia maturidade e satisfatório desenvolvimento da identidade pessoal. Com pressão forte do **traço** revela expansão vital e impulsos expressivos. Seu traço contínuo e consistente sugerem decisão, autoafirmação, energia e vitalidade, e a linha grossa, autoconfiança.

4.3.5 Família Esteves – Daniela e Douglas

a) Caracterização do sistema familiar:

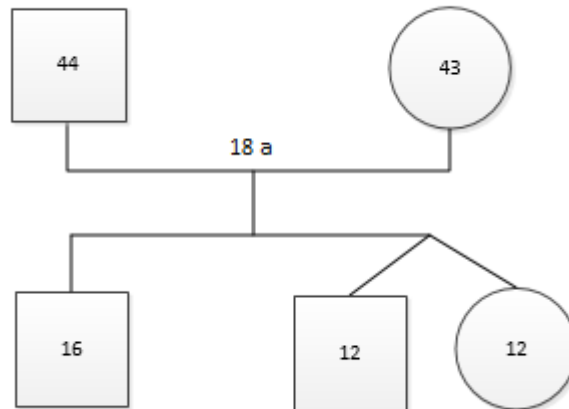


Figura 5 – Genograma Família Esteves

A família Esteves é composta por pai e mãe, casados havia 18 anos quando aconteceu a coleta de dados, e três filhos, sendo o mais velho um menino de 16 anos e um par de gêmeos dizigóticos, Daniela e Douglas, com 12 anos. A mãe, apesar de formada em psicologia, não estava atuando, o pai, engenheiro, trabalhava havia quatro anos na mesma empresa dedicando-se a uma jornada diária de oito horas de segunda a sexta-feira, resultando na renda familiar, que chegava a 20 salários mínimos. Moravam em apartamento próprio na área urbana havia dois anos e os três filhos estudavam em escola particular no turno da manhã. Daniela e Douglas estudavam na mesma turma e cursavam o sétimo ano do ensino fundamental.

A família, católica, costumava frequentar missas de uma a três vezes no mês. Segundo a mãe, dentro de casa a família conversava, assistia TV e jogava; na vizinhança também havia momentos de conversa, jogos e filmes. Iam à casa de amigos e parentes de uma a três vezes no mês para conversar ou em comemorações, passeavam no parque, viajavam e iam ao cinema com frequência semanal. A participação de todos os membros da família nas

atividades de lazer acontecia aos finais de semana e a mãe expôs que “Por conta da diferença de idade e interesse entre eles [os filhos] é importante buscar a integração” (sic.).

A mãe relatou ser dela a tarefa de ficar com os filhos quando não estavam no colégio, chamar os filhos para comer, tomar banho, dormir e levar à escola, além de limpar a casa, cozinhar, lavar e passar as roupas; disse também que os filhos liam sozinhos e que nas atividades de lazer ou cursos e atividades extraescolares o pai e a mãe estavam sempre juntos.

Como estavam fora da cidade natal, a mãe não indicou nenhum parente como constituinte da rede social de apoio, mas aponta que amigos e vizinhos faziam esse papel, além da escola e o centro de judô que Douglas frequentava.

Alguns eventos aconteceram com a família nos últimos anos, tais como a mudança de cidade e escola, além de uma agressão sofrida por Douglas que teve repercussão judicial. Fazia quatro anos que o pai já morava na cidade onde foi feita a pesquisa por conta do trabalho e fazia dois anos que a família saiu de sua cidade natal para morar com o pai. Na escola escolhida inicialmente, Douglas teve um problema com um colega na aula de educação física e foi agredido. Segundo relato materno, além de Douglas, Daniela e o outro irmão ficaram muito assustados e não mais queriam voltar à escola. Após esse episódio, devido à insatisfação da família com o procedimento adotado pela escola para lidar com a situação, resolveram mudar de escola antes mesmo do ano letivo acabar, além de procurarem o conselho tutelar para denunciar o ocorrido. Já completava um ano que estavam na nova escola, e a mãe a descreveu como acolhedora, dizendo que os filhos estavam mais satisfeitos e adaptados.

b) Análise da rede de relações familiar:

A Tabela 28 demonstra que Douglas designou **escores** considerados **altos** a todos os familiares, já Daniela atribuiu **pontuação alta** apenas à mãe enquanto o pai, o gêmeo e o

outro irmão receberam **pontuações razoáveis** da participante. O IRR positivo de Douglas ficou acima de 65 pontos, enquanto que a pontuação mais alta de Daniela foi 56.

Tabela 28: IRR positivo de Daniela e Douglas - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmeo (a)	Irmão
IRR + Daniela	56	52	49	47
IRR + Douglas	71	68	65	66

Já no IRR negativo, Daniela atribuiu escores mais altos do que os de Douglas para a mãe e os irmãos; o pai recebeu 11 pontos de ambos os filhos. A Tabela 29 indica que Daniela considera os pais com **escores baixos/bons** e os dois irmãos com **pontuações razoáveis** nos aspectos negativos, sendo que o gêmeo recebeu **maior escore**, enquanto Douglas designou a toda família **baixas pontuações** negativas.

Tabela 29: IRR negativo de Daniela e Douglas - Escores gerais

	Mãe	Pai	Gêmeo (a)	Irmão
IRR – Daniela	14	11	18	16
IRR – Douglas	12	11	9	12

Nas dimensões negativas do IRR, apresentadas na Tabela 30, tem-se que o gêmeo é aquele com quem Daniela tem mais episódios de conflito, enquanto a mãe é percebida como a mais punitiva. Pai e mãe receberam **médias boas** em conflito e o gêmeo e o irmão mais velho foram considerados **razoáveis**. Já em punição, a mãe obteve **média ruim** e o pai e os dois irmãos alcançaram **boas médias**.

Nas dimensões satisfação e cuidado, a mãe recebeu as **melhores médias**, mas o pai e os irmãos também obtiveram **boas médias** em satisfação; já em cuidado, o pai atingiu **boa média** enquanto os irmãos ficaram com a mesma **média** considerada **razoável**.

Em afeição todos os membros alcançaram **boas médias**; os pais receberam **médias** iguais e um pouco mais **altas** do que os irmãos que também obtiveram médias iguais entre si.

Em companheirismo, apesar de o gêmeo ter alcançado a **maior média**, os pais, além de o irmão mais velho, foram indicados com bons níveis de companheirismo. Revelação íntima foi a dimensão positiva com as **piores médias**, onde todos os membros obtiveram **médias baixas**, mas a mãe foi quem recebeu a maior comparando com o pai e com os irmãos.

Tabela 30: IRR positivo e negativo de Daniela - Médias por dimensões relacionais

	Mãe	Pai	Gêmeo	Irmão
Companheirismo	4,33	4	4,67	4
Satisfação	4	3,67	3,67	3,67
Revelação íntima	2	1,67	1,33	1,33
Cuidado	4	3,75	3	3
Afeição	4,5	4,5	4	4
Conflito	1,75	1,5	3,25	2,75
Punição	3,5	2,5	2,5	2,5

Na tabela 31 percebe-se que para Douglas, a irmã é considerada o membro familiar menos punitivo. Apesar de o irmão ter recebido **boa média**, Daniela teve **média mínima** na dimensão punição, enquanto o pai teve **média razoável** e a mãe **média alta**. Na dimensão conflito, o irmão recebeu a **pior média** apesar de todos os familiares, inclusive ele, terem obtido **médias boas**.

Nas cinco dimensões relacionais positivas, Douglas atribuiu **médias boas** a todos os familiares, principalmente em afeição onde todos os membros foram indicados com a **média máxima**. Além da dimensão afeição, o pai recebeu **média máxima** em companheirismo, e a mãe em companheirismo e revelação íntima.

Nas dimensões companheirismo e satisfação, pai e mãe alcançaram as mesmas médias, maiores do que as dadas aos irmãos. Em satisfação, o irmão mais velho recebeu a **menor média** e em companheirismo e revelação íntima a irmã gêmea e o irmão mais velho receberam médias iguais. Ainda em revelação íntima, apesar de a mãe ter alcançado a

maior/melhor média, os irmãos ainda ficaram acima do pai. Pai, mãe e gêmea obtiveram médias iguais na dimensão cuidado que foram alguns décimos mais baixas do que a média dada ao irmão.

Tabela 31: IRR positivo e negativo de Douglas- Médias por dimensões relacionais

	Mãe	Pai	Gêmea	Irmão
Companheirismo	5	5	4,33	4,33
Satisfação	4,67	4,67	4	3,67
Revelação íntima	5	4	4,33	4,33
Cuidado	4,25	4,25	4,25	4,75
Afeição	5	5	5	5
Conflito	1,25	1,25	1,75	2,25
Punição	3,5	3	1	1,5

c) Percepção infantil sobre a dinâmica familiar:

- **DANIELA**

Daniela investiu 25 minutos em sua produção gráfica. Inicialmente, demonstrou resistência, apagando e **recomeçando**, mas se envolveu e realizou a tarefa, apesar de utilizar bastante a borracha em todos os personagens. Sua produção ocupou a folha horizontalmente, com utilização satisfatória do espaço, aproveitando o **quadrante central** da folha, o que evidenciou segurança e equilíbrio, apesar de ter um **ambiente** gráfico bastante **rasurado**.

O pai foi representado com a **primeira** e **maior figura**, seguido da mãe, e Daniela desenhou-se **mais alta** do que o gêmeo, o que corresponde à realidade, entretanto, sua figura tinha a **mesma altura** do irmão mais velho, **último** a ser desenhado, sugerindo desvalorização e competição com este.

Destaca-se que ambos os irmãos obtiveram pontuações semelhantes entre eles no **IRR** e piores do que os pais, além de terem estruturas bem **menores** do que a de Daniela, principalmente as cabeças, o que fornece indícios de que Daniela não tem forte vínculo com

essas figuras. O irmão mais velho obteve boa média na dimensão relacional companheirismo e o gêmeo foi indicado como o mais companheiro, o que não ficou tão evidente no desenho, apesar de estarem lado a lado. Nas dimensões satisfação e afeição, os irmãos também receberam boas médias, apesar de menores em comparação aos pais, no entanto parece haver conflitos com os irmãos, principalmente com o gêmeo.

O pai forma uma **díade** com a mãe e Daniela desenhou-se **ao lado** da figura materna, sugerindo a valorização do pai como figura de dominância e o vínculo com a mãe, a figura de apoio. As médias do **IRR** positivo indicam companheirismo, satisfação, cuidado e afeição com os pais, além de boas médias em conflito. Apesar de atribuir médias baixas para todos os familiares na dimensão relacional revelação íntima, Daniela indicou a mãe como o membro mais confidente. Entretanto foi a mãe também o membro familiar considerado mais punitivo.

Colocando a própria figura maior do que as dos irmãos e posicionada no **meio da folha** e da família, expressou seu desejo de ser valorizada, o centro das atenções. O **IRR** positivo de Douglas ficou acima de 65 pontos, enquanto que a pontuação mais alta de Daniela foi 56, assim como no **IRR** negativo, onde Daniela indicou escores mais altos do que os de Douglas indicando mais uma vez que se sente aquém em relação aos membros da família e tem dificuldade em lidar com esses.

Apesar disso, as figuras estão **próximas** sem estar ligadas demonstrando haver necessidade de apoio e identificação, mas sem evidência de dependência. A **elaboração das figuras** com características diferentes entre si anuncia maturidade e desenvolvimento de identidade pessoal já esperadas para a idade de Daniela. A **expressão dos impulsos**, expansão vital, decisão, autoafirmação, energia e vitalidade presentes em sua produção gráfica se contrapõem à insegurança manifestada em alguns momentos do desenho. Por muitas vezes Daniela **apagou e refez** todos os personagens, inclusive desenhando e apagando detalhes, tais

como cordão da mãe e detalhes das blusas dos irmãos, deixando somente cordão e flor na blusa da sua figura. Em uma das rasuras, apagou sua **mão** esquerda e a mão direita do irmão gêmeo que se encontravam próximas, refazendo a mão do irmão mais distante e deixando relativamente apagada a própria mão. Outra situação que chama a atenção é que Daniela não desenhou os próprios **pés** apesar de fazer essa parte do corpo nas demais figuras provendo indicativos de poucas possibilidades de agir no sistema familiar, sentimento de imobilidade, pouca capacidade de ir e vir. Assim, as inúmeras **rasuras**, a presença de **linha de base**, associadas à **ausência** de partes do próprio corpo e ainda **ênfases** nos detalhes de sua figura reafirmam que Daniela não se sente valorizada como gostaria e busca esse reconhecimento familiar, indicam possíveis conflitos, insegurança, dificuldades nos relacionamentos e confirmam seu retraimento evidente nas baixas pontuações na dimensão relacional revelação íntima.

- **DOUGLAS**

Douglas se dedicou bastante ao desenho, investindo 27 minutos na sua execução. Com a folha na posição horizontal, expressou um **ambiente** adequado e limpo e concentrou o desenho no **quadrante esquerdo** da folha, o que representa certa inibição.

Os **tamanhos** das figuras corresponderam à realidade e a **ordem** do desenho indicou valorização da figura materna e desvalorização da figura paterna. Todas as figuras estão **próximas**, sugerindo necessidade de apoio e identificação de Douglas com a família; mas podem ser percebidas as afinidades e identificações por meio da **sequência** das figuras distribuídas em subgrupos. A mãe, o irmão mais velho e sua própria figura são as figuras mais apreciadas; estão **unidos** pelas mãos indicando forte vinculação e interdependência entre esses membros, sendo a mãe a figura forte, de valorização e dominância. Douglas desenhou a si mesmo no **centro** do desenho o que indica autovalorização. Os gêmeos, apesar de formarem

uma **díade** também **ligada**, não estão de mãos dadas e sim com Douglas utilizando o ombro de Daniela como apoio para o braço. Essa postura de Douglas em relação à irmã chama atenção para possível **ambiguidade** no relacionamento entre conflito e companheirismo. Destaca-se o **distanciamento emocional** do pai em relação a toda a família, sentido por Douglas, principalmente em relação à mãe que foi desenhada na extremidade oposta a dele. A figura paterna foi a única desenhada sem ligação com nenhum membro, e seu corpo está direcionado para o lado oposto do resto da família, possivelmente pela ausência cotidiana.

Chama atenção ainda a **expressão facial** dos personagens que expressa os sentimentos do sujeito para com cada figura retratada, podendo-se destacar os olhos de todos desenhados com esmero se contrapondo à **omissão** das pupilas do pai que parece apático e distante.

O desenho de Douglas apresenta **traços** suaves, mas com indícios de expansão vital e impulsos expressivos, com avanços e recuos no traçado demonstra ansiedade, emotividade e insegurança que também se evidencia na presença de **linha de base**, no entanto seu desenho quase **sem rasura** e traço consistente indicam energia e vitalidade. A **elaboração das figuras** demonstra desenvolvimento de identidade pessoal por construir estruturas físicas diferentes para cada um dos membros, esperado para a idade.

As pontuações de Douglas atribuídas aos membros familiares no **IRR** não condizem com as informações alcançadas com a técnica gráfica projetiva que parece ter alcançado conteúdos emocionais mais genuínos. De qualquer maneira, pode-se afirmar que o relacionamento com os irmãos é próximo e com alguns episódios de conflitos, mas que são pouco significativos aliados à média mínima em punição. Parece que o irmão mais velho é a figura de admiração e afeto de Douglas, enquanto a gêmea é figura de apoio, com evidências de trocas emocionais e afetivas, mas também apresentam divergências e dificuldade de comunicação, próprias da fase de adolescência na qual ingressam.

5 DISCUSSÃO

Buscou-se, neste capítulo, discutir os resultados alcançados acerca das famílias desta pesquisa segundo a Teoria Familiar Sistêmica e segundo a literatura psicológica do tema.

5.1 Discutindo as características familiares

As famílias que participaram deste estudo representaram populações de renda que variaram entre as **classes** A e DE, com renda média bruta familiar no mês desde R\$776,00 até R\$9263,00, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil definidos pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2013). A maioria dos genitores trabalhava, exercendo ocupações variadas, com exceção de um pai que estava afastado do trabalho com auxílio doença devido à hérnia de disco, uma mãe, psicóloga, que não estava exercendo a profissão e outro pai que estava desempregado. Esse dado revela a tendência da sociedade ocidental contemporânea de **ambos os cônjuges trabalharem fora de casa**, contribuindo com a renda familiar mensal. De acordo com alguns indicadores apresentados na Pesquisa Mensal de Emprego divulgada pelo IBGE (2014) no mês de março a população ocupada no Rio de Janeiro era composta por 55,8% de homens e 44,2% de mulheres.

No geral, os genitores tinham **baixa escolaridade**, sendo que quase metade deles possuía o ensino fundamental incompleto e apenas um pai e quatro mães tinham o ensino superior completo. Conforme divulgado pelo IBGE (2010) no último Censo Demográfico, o percentual de pessoas sem instrução ou com o ensino fundamental incompleto no Brasil é de 49,3%, sendo que na região sudeste passa a ser 43,7%. Já as pessoas com o ensino superior completo representam 11,3% dos adultos maiores de 25 anos no Brasil e 13,7% se considerar o sudeste do país.

A maioria dos genitores era **casado ou morava junto** e tinha pelo menos mais um (a)

filho (a) além dos gêmeos, sendo que em todos os casos os gêmeos eram os filhos mais novos. O IBGE (2010) indica que 50,1% dos brasileiros vivem em união conjugal, mas o número de casados legalmente diminuiu de 37% em 2000 para 34,8% em 2010. A realidade brasileira demonstrada pelo IBGE (2010) permite afirmar que ainda prevalece o modelo de família composta pelo casal com filhos (49,4%) mesmo com a queda em relação ao ano de 2000 (56,4%).

Parte das famílias pesquisadas costuma frequentar as casas de parentes, amigos e vizinhos e fazem passeios, principalmente durante os finais de semana, acreditando que a convivência é importante. Quando estão em casa, assistem TV e têm o que foi denominado de “momentos em família”. Além disso, as crianças brincam juntas e também há relatos de **brigas** no meio das **brincadeiras** que, por vezes são **mediadas** pelos pais ou irmãos. Nesse sentido, Oliveira (2000) aponta que durante a transição da infância para a meia infância o subsistema parental pode interferir com mais ênfase na fratria, gerando influências no relacionamento entre os irmãos. Por exemplo, a forma de interação entre pais e filhos, as estratégias de educação adotadas e o manejo da relação entre as crianças podem contribuir para a afetividade ou pode ser um fator desencadeante de brigas. Silveira (2002) corrobora ao destacar que os conflitos do subsistema fraterno, muitas vezes, afetam o restante da família e os pais buscam solucionar a seu modo, tirando das crianças a oportunidade de desenvolverem habilidades importantes como saber ouvir e argumentar, comprometer-se e trocar experiências e afetos. Além disso, as práticas educativas e formas de intervenção parentais no subsistema fraterno podem desencadear reações diversas em cada filho.

Foram indicadas como **tarefas predominantemente das mães**: limpar a casa, cozinhar, lavar e passar roupas. A participação das irmãs mais velhas nessas tarefas também é expressiva, enquanto a participação dos pais é mais significativa na tarefa de fazer compra de

suprimentos para a casa, mas ainda assim em mais da metade dos casos a mãe aparece como única responsável ou corresponsável. É função também das mães investigadas, na maior parte dos casos, chamar as crianças para tomar banho, comer e dormir. A leitura de estórias é feita mais pelas próprias crianças ou pela mãe. Os pais ou irmãos mais velhos costumam levar as crianças à escola e quando não estão em aula elas ficam mais na própria casa sob os cuidados da avó, da mãe ou dos irmãos.

Chama-se a atenção para a **pouca participação dos homens nas rotinas domésticas**, indicando que mesmo a mulher também trabalhando fora de casa ainda são dela as principais atribuições com a casa e os filhos. Assim, percebe-se que a dinâmica familiar dos participantes desta pesquisa ainda permanece seguindo **modelos tradicionais** que reforçam o papel da mulher como responsável pelo lar e pelos filhos. Dessa forma, concorda-se com Wagner et al. (2005) que afirma que a complexa tarefa de educar os filhos ainda não é compartilhada de forma igualitária entre o casal. Os autores afirmam que embora as mudanças e a evolução nas funções e papéis nas famílias contemporâneas estejam acontecendo, elas não ocorrem em todas as famílias com a mesma frequência e intensidade. Esse descompasso nas mudanças resulta na coexistência de padrões clássicos e contemporâneos nos núcleos familiares atuais.

Chama atenção que as mães das famílias pesquisadas, mulheres contemporâneas, **acumulam funções** externas e internas à família, conforme já demonstraram Fiorin, Patias e Dias (2011) em uma reflexão acerca da maneira como as modificações históricas, sociais e culturais de “ser mulher” influenciaram na vida laboral feminina e na educação dos filhos. As autoras afirmam que na contemporaneidade, a mulher vive uma situação de bastante conflito entre as múltiplas possibilidades, funções e responsabilidades, dividindo-se entre a maternidade e a dupla jornada de trabalho dentro e fora do lar.

A **continuidade desse modelo** onde a mulher é a principal responsável pelas tarefas domésticas e pelas crianças aparece nos dados da pesquisa que indicam que as filhas mais velhas são as responsáveis pela casa e pelos irmãos quando a mãe não está. Tais atribuições de **responsabilidades parentais às irmãs mais velhas** dos participantes, percebidas em algumas famílias, não se repetem nos casos onde os irmãos mais velhos são do gênero masculino. Dessa forma, destaca-se que o convívio social com a família, na escola, através da mídia e da observação dos diversos grupos sociais, desde tenra idade, as crianças percebem os modelos que devem ser assimilados e os internalizam de acordo com seus próprios recursos sociais cognitivos e afetivos, reproduzindo o que é ser homem e mulher (FIORIN; PATIAS; DIAS, 2011).

É fato reconhecido que o nascimento de duas crianças ao mesmo tempo provoca no sistema familiar um maior impacto (BRADT, 2008, DIAS; FONSÊCA, 2013) e “a readaptação ocorrerá de forma mais árdua, exigindo um esforço redobrado de todos que compõem o sistema” (DIAS; MELO, 2013, p. 24). Nesse sentido, ter suporte de uma **rede de apoio** é considerado aspecto fundamental para o enfrentamento de transições ao longo do desenvolvimento individual e familiar (DESSEN; BRAZ, 2000).

Lytton, Singh e Gallagher (1995) destacam como um dos aspectos bastante presentes em famílias com crianças gêmeas a fadiga da mãe e a ajuda dos avós. Do mesmo modo, a presente pesquisa demonstrou que os familiares das mães das crianças parecem ser os mais procurados em caso de necessidade, principalmente as avós maternas. Corroborando com tais resultados, Mazetto (2009) revelou em sua pesquisa que as figuras femininas como tias, avós e bisavós foram mais indicadas como as figuras que compunham a rede social de apoio familiar. Dessen e Braz (2000) concordam que durante a fase de transição no desenvolvimento imposta pelo nascimento de uma criança, o apoio recebido vem

principalmente da família materna e de parentes do sexo feminino. As autoras também afirmam que os avós desempenham um preponderante papel, em grande parte, devido à influência que têm sobre a família que se forma.

Os resultados que trazem as **avós maternas como principais figuras de apoio familiar** encontram confirmação em Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010) que demonstraram que as avós maternas tendem a se tornarem mais frequentemente cuidadoras substitutas dos pais do que as avós paternas. Essas avós têm, normalmente, a responsabilidade em levar seus netos à escola, educar, tomar decisões e proteger as crianças. Dessa forma, mantêm uma relação emocional bastante próxima dos netos e, devido também à proximidade da avó com sua filha e a confiança nela depositada para o cuidado com as crianças, as avós tornam-se verdadeiramente figuras significativas para toda a família e, principalmente para seus netos até na adolescência (OLIVEIRA, VIANNA, CÓRDENA, 2010).

No entanto, algumas famílias pesquisadas afirmaram não contar com parentes, mas sim com **amigos** e **vizinhos** como rede de apoio. Os **professores** foram os profissionais mais indicados como importantes na rede social de apoio, seguidos do **pediatra**. O **psicólogo, o fonoaudiólogo e o neurologista** também foram lembrados e, na grande maioria dos casos, a **escola** é vista como a instituição mais importante de apoio à família.

Dessen e Braz (2000) definem a rede social de apoio como um sistema composto por pessoas significativas que, além dos parentes, inclui amigos, colegas de trabalho, vizinhos e profissionais que oferecem apoio instrumental e emocional, atendendo às diferentes necessidades de uma pessoa ou de um sistema familiar. As autoras ainda apontam que esse suporte promove aos beneficiados melhoria na qualidade de vida e são fundamentais para a manutenção da saúde mental e para o enfrentamento de situações estressantes.

Hospitalização, doenças e mortes aconteceram em parte das famílias nos últimos anos,

assim como mudança de cidade e de escola, repetência de ano na escola, perda de emprego dos pais e problemas financeiros, e em uma das famílias houve revelação de abuso sexual no último ano e problema com álcool há nove anos. Cerveny (2011) destaca que **problemas familiares** são inevitáveis e normais em função da trajetória evolutiva de cada família. E Carter e McGoldrick (2008) conceituam que tais **eventos** são considerados **estressores horizontais** que atuam no sistema familiar afetando sua dinâmica e provocando transições imprevisíveis.

Minuchin (1982) destaca que as exigências de acomodação a novas situações requerem constante transformação nas posições e nas relações entre os membros visando o crescimento e gerando mudança em um sistema que também visa à manutenção da continuidade familiar. Dessa forma, toma-se como exemplo o problema de um dos pais com abuso de álcool que, segundo a mãe não acontece há nove anos e exigiu não apenas mudanças do indivíduo, como também uma reestruturação familiar para acomodar novos padrões transacionais mais funcionais. No entanto, a família não se sente isenta da insegurança e do receio gerados pela história que envolveu muito sofrimento e interferiu profundamente na dinâmica familiar. De tal modo, Minuchin (1982) defende que qualquer transformação que aconteça no sistema, naturalmente exigirá um período de reestruturação e acomodação e o aparecimento de padrões transacionais saudáveis ou disfuncionais dependerá do nível de rigidez com que a família responderá a essas mudanças.

5.2 Discutindo as relações familiares

Os resultados apontam que, de maneira geral, as **mães** possuem **mais aspectos positivos** na relação com os participantes, mas também são as que apresentam **mais aspectos negativos**, sendo indicadas como as figuras familiares de maior satisfação e afeição, mas

também como as mais punitivas. Já os pais são indicados como aqueles com menos aspectos negativos, mas menos também aspectos positivos no relacionamento com os filhos.

Tais dados remetem aos conceitos de hierarquia e coesão familiar (WOOD; TALMON, 1983, WOOD, 1995) e geram análises sobre o papel materno de controle e influência no grupo, de poder de decisão, dominância e autoridade mais do que os pais, assim como apresentam-se mais próximas afetivamente dos filhos, já que tanto em momentos de lazer quanto naqueles momentos de educar e estabelecer limites, as mães são as que mais aparecem, e os **pais são os mais ausentes**.

Quando se faz referência à hierarquia familiar, compreendendo-a como a estrutura de poder decisório existente no contexto de criação dos filhos, espera-se que os pais possam formar uma parceria visando a melhor forma de educação, proteção e bem-estar familiar, assim como o estabelecimento de regras e limites necessários. Além disso, a coesão ou proximidade emocional entre os membros irá propiciar, junto à hierarquia, um bom funcionamento do sistema. No entanto, quando o papel de autoridade familiar fica nas mãos de apenas um dos pais e a coesão familiar é escassa entre os membros ou entre os subsistemas, esse funcionamento familiar saudável fica ameaçado, já que não há equilíbrio de poder entre o casal e tampouco garantias de envolvimento afetivo entre os membros (WOOD; TALMON, 1983, WOOD, 1995).

Dessen e Braz (2000) também alcançaram resultados que indicavam pouco engajamento do pai na vida familiar e os dados sugeriam que as mães, por acreditarem que algumas tarefas eram atribuições femininas, poderiam estar dificultando o engajamento dos pais na rotina da família. As autoras apontam que é importante que mais pesquisas investiguem a dinâmica das relações familiares quanto aos papéis e participação dos homens e mulheres na vida familiar.

Corroborando com as afirmações de Dessen e Braz (2000) e também de Nunes, Silva e Aiello (2008), os resultados da presente pesquisa reafirmam a necessidade de que os estudos olhem mais para a participação dos homens na família. Afirmando-se que a Teoria Familiar Sistêmica disserta sobre a interdependência afetiva entre os subsistemas e o subsistema pai-criança ainda é pouco estudado, sendo assim, investigações sobre ele são indispensáveis para a compreensão do funcionamento da família.

Ao considerar cada uma das dimensões relacionais, afirma-se que os **gêmeos** são considerados os **mais companheiros** e aqueles com quem os participantes possuem **mais acesso para revelações íntimas**. Além disso, são os membros familiares **menos punitivos** e os participantes indicam terem **mais cuidado** com o irmão gêmeo do que com o pai. Entretanto, os gêmeos foram considerados os membros familiares com que os participantes **têm mais conflitos** e com quem **menos têm afeição e satisfação**.

Diante desses dados que apontam, ao mesmo tempo, intensas parcerias e conflitos entre os gêmeos, relembram-se conceitos trazidos por Bank e Kahn (1997) sobre o grau de acesso entre irmãos ser uma das principais condições favorecedoras de vínculos fraternos e, também por Cicirelli (1995) sobre o papel dos ambientes e experiências compartilhados e não compartilhados no desenvolvimento de similaridades e diferenças. Assim, afirma-se que o acesso entre os irmãos gêmeos aqui pesquisados e o compartilhamento de ambientes e experiências entre eles é bastante intenso já que todos estudam na mesma escola e alguns até na mesma turma, dividem quarto, dividem brinquedos e até, em alguns casos, as roupas. Isso quer dizer que, devido ao compartilhamento e acesso que possuem, há conexão de identidade entre eles (BANK; KAHN, 1997), mas também que, por meio desse mesmo acesso que tem um ao outro, cada um vai se percebendo nas semelhanças e nas diferenças (OLIVEIRA, 2005).

5.3 Discutindo a percepção infantil sobre a dinâmica familiar

5.3.1 Família Abraão

Tanto Leonardo como Victor evidenciaram **precário desenvolvimento da identidade** pessoal e certa inibição, apesar de Leonardo ter expressado maior segurança emocional do que o irmão. Chama atenção o sentimento de inferioridade expresso nos desenhos de ambos os participantes. Em contrapartida um é bem avaliado na produção gráfica do outro, indicando que o **cogêneo** constitui figura de **identificação e apoio familiar**. A família é percebida tanto por Victor como por Leonardo como subdividida em grupos e nessa divisão um irmão está próximo ou ligado ao outro. O fato de estudarem em **séries distintas** devido à repetência de Victor parece não ter afetado a relação fraterna, já que demonstraram mútuo **companheirismo, valorização e identificação**.

Vieira (2011) ratificou a amizade, cumplicidade e intimidade entre crianças gêmeas por meio da narrativa dos pais e em momentos interativos entre os irmãos. Referindo-se à constante convivência entre gêmeos e as repercussões para o desenvolvimento da autonomia, essa autora endossa a discussão sobre a separação de gêmeos em salas de aula, apontando que o afastamento pode facilitar processos de diferenciação, mas não é garantia de autonomia, assim como é possível que os irmãos estudem na mesma turma e uma mediação adequada promova satisfatório desenvolvimento de diferenciação e individuação. Já Thorpe e Gardner (2006) apontam que a maioria dos pares de gêmeos monozigóticos, por eles pesquisados, expressou felicidade e contentamento com a sua identidade gêmea, dificultando a compreensão da identidade individual separadamente da identidade gêmea. Isso acontece, pois a motivação para desenvolver a identidade individual, buscando um mundo social separado do cogêneo pode ser menor em pares de gêmeos monozigóticos.

Sobre responsabilidades com as tarefas domésticas, todos os membros familiares tinham as suas, com exceção do pai, único membro da família sem atribuição na manutenção da casa ou no cuidado com os filhos. A **rotina** da família Abraão relatada pela mãe aponta **pouca participação do pai**, que trabalha e contribui financeiramente, mas não se envolve em nenhuma tarefa doméstica ou em atividades de lazer com toda a família, preferindo ficar sozinho. Assim, o pai parece ser figura ausente tanto nas atividades do dia-a-dia quanto em momentos de lazer.

Esse dado remete ao apresentado por Gomes e Resende (2004) sobre a dificuldade que o homem encontrava, há até pouco tempo na história, para separar sua individualidade das funções paternas. O homem mantinha-se longe do diálogo com a família, principalmente com os filhos, sempre apoiado pela cultura patriarcal que lhe colocava acima da trama doméstica. No entanto, tal situação vem-se modificando de maneira lenta e progressiva, respaldada por transformações mais amplas na sociedade e na família (entrada da mulher no mercado de trabalho, ruptura da hierarquia doméstica e questionamento de sua autoridade familiar). Mas mesmo diante de mudanças, o distanciamento do homem na rede de relações afetivas permanece existindo e expressa, principalmente, a fragilidade do vínculo estabelecido entre pai e filho, principalmente quando se refere a crianças do sexo masculino. Por isso, indica-se que “penetrar este silêncio e entender a questão do pai, tendo como eixo a identidade masculina, culturalmente determinada, tem sido tarefa de estudos, que colocam em perspectiva experiências contemporâneas de paternidade” (GOMES; RESENDE, 2004, p. 119).

Além do distanciamento da figura paterna, chama atenção na família Abraão a relação de **autoridade** ser estabelecida mais com a **irmã mais velha** do que com os pais. A mãe, por trabalhar em outra cidade, sai de manhã e volta à noite, sendo percebida pelos filhos como

figura importante e bem valorizada, mas não como figura de autoridade. A irmã, que recebe a incumbência dos cuidados diários com a casa e as crianças tem apenas 14 anos e é percebida por eles como a figura familiar de dominância. Além das atribuições com a casa e com o almoço, é responsável por acordar os irmãos, chamá-los para comer e tomar banho, além de levar e buscar na escola. Esses dados remetem ao que Minuchin (1982) denominou de “filho parental” e precisa receber atenção, pois apareceu de forma marcante tanto em Victor como em Leonardo.

Em famílias grandes, naquelas monoparentais ou quando ambos os pais trabalham fora a atribuição de poder parental a um filho é comum e pode funcionar bem, desenvolvendo autonomia, responsabilidade e competência no filho parental. No entanto, quando os pais não orientam como deve ser essa autoridade de um irmão sobre os outros, e o próprio filho parental toma decisões, tem o controle e é fonte de orientação, a estrutura familiar pode enfrentar dificuldades e ainda prejudicar o desenvolvimento desse filho, já que as exigências impostas se contrapõem às suas necessidades desenvolvimentais e ultrapassam sua capacidade de enfrentamento (MINUCHIN, 1982).

Dessa forma, faz-se relevante trazer à discussão a sobrecarga que essa irmã, possivelmente, enfrenta baseado no estudo de Dellazzana e Freitas (2010) que descreveram a rotina de adolescentes que cuidam de seus irmãos. As pesquisadoras verificaram que tanto meninas como meninos cuidam dos irmãos, mas são as meninas que mais assumem além do cuidado, as tarefas domésticas. O alerta consiste na afirmação de que tais responsabilidades, que não se restringem a ajudar em atividades simples do dia-a-dia, mas também incluem tarefas que exigem esforço físico e atenção, acabam por prejudicar as atividades escolares, resultando até mesmo em um histórico de reprovações e impossibilitam que os adolescentes tenham momentos de lazer.

5.3.2 Família Borges

Diante dos dados da Família Borges, constata-se que a família vem enfrentando **pressões** que geram estresses de acomodação a novas situações (MINUCHIN, 1982), tais como divórcio dos pais, problemas emocionais da mãe, morte de um tio materno das participantes, repetência de Amanda na escola e hospitalização da avó materna. Além disso, tanto o pai como a mãe enfrentam pesada carga horária de trabalho diário, e Amanda e Carolina sentem repercutir, cada uma a seu modo, todos esses eventos que seriam, segundo Carter e McGoldrick (2008) estressores desenvolvimentais ou horizontais que mobilizam a família e promovem mudanças imprevisíveis em sua estrutura.

Minuchin (1982) afirma que a família sofre constantemente pressões internas e externas e tais eventos acentuam a natureza transicional da família. Assim, ao compreender a família como um sistema social em transformação, apenas será considerado patológico aqueles sistemas que lidam com rigidez diante dos eventos estressores, resistindo à exploração de alternativas, fixando-se em padrões transacionais e enrijecendo as barreiras.

Carolina evidencia **dificuldades nas relações**, insegurança e desejo de ser valorizada e de receber atenção, evidenciando que a relação dos pais com ela é de indiferença, não sendo reconhecida no contexto familiar. Mas apesar disso apresenta satisfatório **desenvolvimento da identidade pessoal** e bom **rendimento escolar**. Dessa forma, o presente estudo corrobora com Thorpe e Gardner (2006) ao afirmar que o estabelecimento do equilíbrio entre a identidade gêmea e a individualidade em crianças gêmeas contribui para um bom funcionamento social e maximiza a sua realização no ambiente escolar, apesar de ser menos comum pares de gêmeos monozigóticos alcançarem esse equilíbrio satisfatoriamente.

O vínculo afetivo de Carolina com o pai é idealizado, pois este é ausente; a mãe é vista por ela como a figura familiar dominante e inatingível que é mais próxima de Amanda e não

lhe direciona muita atenção; além disso, todos os irmãos são apontados como figuras com quem Carolina tem dificuldades. Nesse cenário familiar, faz-se relevante resgatar o conceito de triangulação emocional, conforme discutido por Martins, Rabinovich e Silva (2008). Na família Borges, quando o nível de desconforto e de ansiedade aumenta entre duas pessoas, por exemplo, entre Carolina e Amanda ou entre Carolina e a mãe, uma terceira pessoa é inserida na relação para aliviar a tensão. Normalmente, o pai é ativado por Carolina quando essa busca respostas na relação com a mãe ou a mãe é chamada para intermediar a relação entre Carolina e Amanda, o que sugere disfuncionalidade nessas relações.

Amanda evidencia certa imaturidade, **dificuldades escolares** e um histórico de repetência, mas expressa maior **autovalorização**, segurança e equilíbrio emocional. Demonstrou forte vinculação com a mãe; atribuiu maior proximidade entre a gêmea e o pai, percebendo a figura paterna como figura de dominação e autoridade familiar, diferente de Carolina que o percebe como a figura de afeto; além disso, revela idealização da relação conjugal entre os pais e parece não ter tantas oportunidades de interação com os dois irmãos.

Pesquisando como algumas variáveis influenciam na dinâmica do sistema familiar e no desenvolvimento infantil, Silva et al. (2008) afirmam que os recursos utilizados pela família podem funcionar como fatores protetores ao desenvolvimento escolar dos filhos, enquanto a existência de poucos recursos e de muitas adversidades podem contribuir para a vulnerabilidade infantil, dificultando o ajustamento escolar. Dessa forma, as autoras apontam como necessidade o aperfeiçoamento de recursos familiares de crianças com problemas no desenvolvimento escolar.

Assim, afirma-se que Amanda e Carolina expressam características peculiares a cada uma, mas ambas evidenciam a **fragilidade dos recursos familiares**. A hipótese levantada é de que Carolina, mesmo que mais madura e racionalmente estruturada do que a irmã sente a

falta do apoio emocional que é mais direcionado a Amanda que revela sua necessidade de atenção por meio das dificuldades escolares. A mãe não tem muito tempo para a família e talvez o mínimo de atenção e tempo dados são direcionados a Amanda para ajudar nas lições. Apesar da ausência, Amanda recebe maior atenção, tem alguma presença e preocupação da mãe e, por isso tem mais estrutura emocional, enquanto Carolina que não dá preocupações na escola tem mais limitação de atenção e evidencia a falta e a necessidade de apoio emocional.

No entanto, constata-se que mesmo em um ambiente familiar adverso, tanto Carolina como Amanda evidenciam a existência de **recursos de enfrentamento** e variáveis de **resiliência**.

Os conceitos de *coping* ou enfrentamento e resiliência apresentam algumas bases conceituais muito parecidas. Ambos se relacionam a situações de estresse, mas o *coping* se refere às estratégias utilizadas pelo indivíduo em determinados momentos de necessidade de adaptação a circunstâncias adversas ou estressantes, enquanto a resiliência seria a adaptação muito bem sucedida do sujeito diante das adversidades (TABOADA; LEGAL; MACHADO, 2006).

Dessa forma, acredita-se que mesmo o relacionamento entre Amanda e Carolina tendo sido afetado negativamente pelas inúmeras questões do contexto familiar, e no momento, encontrar-se com perfil de rivalidade acentuado, o companheirismo e a valorização recíprocos sugerem potencial de melhora na relação e a própria relação fraterna gemelar pode ser considerada importante para se estabelecer estratégias de enfrentamento às adversidades impostas e também desenvolver a resiliência nas participantes.

5.3.3 Família Correia

João e Roberto apresentaram percepções muito semelhantes sobre suas relações

familiares e sobre as dificuldades que acontecem nesse contexto. A necessidade de apoio, a identificação e a dependência familiar, principalmente entre os irmãos, ficaram evidentes. Essa construção de um **relacionamento fraterno próximo** se contrapõe aos achados de pesquisa que identificaram que gêmeos dizigóticos do mesmo sexo tendem a ver o seu cogêmeo de maneira menos favorável, com tendência de maiores conflitos em comparação com gêmeos monozigóticos ou dizigóticos de sexos opostos (DANBY; THORPE, 2006).

Evidenciou-se também a existência de certo **afastamento entre os subsistemas fraterno e parental** e, conforme apresenta Minuchin (1982), para que haja um bom funcionamento do sistema familiar, os subsistemas devem ter fronteiras nítidas, ou seja, elas devem ser bem definidas para permitir que cada membro cumpra suas funções sem interferências inconvenientes, mas devem admitir intercâmbios entre os subsistemas. Um exemplo disso é que o desenvolvimento de habilidades de negociação entre irmãos requer que não haja intervenções parentais, contudo, sempre que necessário, os pais precisam ter acesso aos filhos e vice-versa.

Quando as fronteiras entre os subsistemas são excessivamente rígidas, como apresenta a família Correia, a comunicação entre os membros de diferentes subsistemas fica difícil, prejudicando as funções protetoras da família e promovendo um desligamento do sistema. Dessa forma, apenas um estresse muito alto pode ser capaz de ativar os recursos familiares de apoio (MINUCHIN, 1982).

Tanto João quanto Roberto demonstram vinculação maior com pai do que com a mãe, figura omitida no desenho de João. Roberto parece ter racionalizado mais do que o irmão na produção gráfica, desenhando a figura materna apesar de evidentes conflitos. Tal dado se relaciona ao destacado por Fiorin, Patias e Dias (2011) sobre os novos papéis femininos que podem trazer conflitos e sentimentos ambíguos para a mulher e toda a família, pois há

competição entre os novos papéis e aqueles já tradicionais, o que gera tensão no ambiente familiar e dificuldades na forma de educar os filhos.

Sobre a relação de poder entre os membros, subsistemas ou gerações é possível afirmar que Roberto não atribui a **autoridade familiar** a ninguém, enquanto João percebe o pai nesse papel. De acordo com Wood e Talmon (1983), o reconhecimento da estrutura hierárquica relaciona-se ao bom funcionamento familiar e inclui o equilíbrio de poder entre o casal e que os pais sejam mais influentes e tenham mais poder do que os filhos, sempre com flexibilidade diante de reestruturações necessárias.

A busca por valorização e o ainda precário desenvolvimento da identidade pessoal são adequados à idade. No entanto, é possível afirmar que João evidencia maior maturidade e segurança que o irmão. Nesse sentido Bacon (2006) demonstra que desde cedo algumas crianças gêmeas podem ser ativas na construção de sua própria identidade, fazendo aos poucos a transição entre a similaridade e a diferenciação, enquanto outras crianças permanecem por muitos anos atreladas à identidade gêmea, assumindo a similaridade e tendo dificuldades na diferenciação.

Apesar do distanciamento entre os subsistemas e as dificuldades com a figura materna, a **autovalorização**, expressa por João e Roberto, associada à forte **vinculação com o cogêmeo** configuram importantes indicadores de **saúde emocional** e de **desenvolvimento**, como apresentam Rooke e Pereira-Silva (2012) em uma pesquisa que apresentou um amplo panorama sobre resiliência familiar.

Os autores afirmam que a resiliência familiar teria potencial para promover o desenvolvimento e a saúde dos membros do sistema e todas as famílias teriam pontos fortes e potenciais para o crescimento. Nesse sentido, a boa comunicação, a coesão familiar e o apoio mútuo presentes no relacionamento entre João e Roberto, o envolvimento paterno na

educação das crianças e a presença de rede de apoio são aspectos identificados em famílias resilientes (ROOKE; PEREIRA-SILVA, 2012). Entretanto, na família Correia, há pelo menos uma questão que pode ser trabalhada visando à ampliação dos fatores de proteção: um relacionamento de mais qualidade entre mãe e filhos.

Rooke e Pereira-Silva (2012) enfatizam que a maneira como a família lida com as adversidades possui influências imediatas e também a longo prazo, afetando o curso do desenvolvimento do grupo familiar. Assim, fica evidente a relação entre a resiliência familiar e o desenvolvimento humano e destaca-se o relacionamento fraterno como ponto forte e fator de proteção na família Correia. Ambos os participantes demonstram perceber o cogêmeo como um grande companheiro, figura de satisfação e afeição, pelo qual tem cuidado e com o qual faz revelações íntimas, indicando um relacionamento fraterno bastante próximo e de boa qualidade.

5.3.4 Família Dantas

Mesmo com **família grande**, ambas as participantes atribuíram lugar a cada membro, com exceção do irmão de 14 anos que foi omitido no desenho de Catarine que, em contrapartida, inseriu os dois sobrinhos na produção. As informações obtidas com a técnica gráfica apresentaram divergências com os dados do IRR, mas é possível inferir que a mãe, a cogêmea e as duas irmãs mais velhas são principais figuras familiares para Catarina e Catarine, e o irmão de 14 anos é o membro que estabelece com as gêmeas o relacionamento menos positivo. Minuchin e Fishman (2003) afirmam que em famílias numerosas a organização das fratrias costuma acontecer de acordo com o estágio de desenvolvimento, possibilitando uma variedade de subsistemas fraternos.

No caso da família Dantas, há indícios de uma **relação próxima** entre as **gêmeas** e o

irmão de 11 anos e uma **relação conflituosa** entre o **irmão de 14 anos** e as gêmeas. Além disso, há relações de **cuidado** e **provisão financeira** estabelecidas entre os três **irmãos mais velhos** e os demais. Compreendendo que um importante aspecto a ser considerado é o papel da relação fraterna no desenvolvimento infantil, Vieira (2011) aponta irmãos mais velhos de crianças gêmeas como significativos na rede de apoio familiar e afirma que a atenção e a dedicação constantes e afetuosas de irmãs, já adultas, de crianças gêmeas permitem a conservação de um “clima emocional fraterno e maternal amistoso”.

No caso do presente estudo, a irmã de 22 anos é a principal responsável pelos cuidados com a casa e com as crianças. Seu papel como figura de dominância é evidenciado, mas não parece haver um clima emocional muito positivo. Ao analisar a participação dos demais irmãos na vida cotidiana das participantes pode-se afirmar que cada um é influenciado e influencia de uma maneira particular, por vezes de maneira positiva, outras de maneira negativa, mas fazem parte e possuem um papel na dinâmica familiar. Tal como afirma Oliveira (2005), ao descrever a relação entre irmãos: “há uma multiplicidade de vínculos que se arranjam entre si em diferentes padrões de relacionamento” (p.104) e a autora ainda aponta que isso ocorre devido às diferentes trocas emocionais que uma relação fraterna compreende, indo de amigáveis a destrutivas.

Em relação aos **pais**, ambas se veem **distantes**, talvez os percebam dedicados aos afazeres e com maiores cuidados com as netas. A mãe, apesar de ter sido bem avaliada nos aspectos positivos do IRR, também foi indicada como o membro familiar com mais aspectos negativos pelas duas participantes. As barreiras, representadas pela casa por Catarine e pelas árvores por Catarina, reafirmam o contato difícil com os pais, tendo que vencer a rotina para obterem atenção. E ainda, o fato de não haver momentos de lazer em família também pode ser considerado um importante fator de distanciamento emocional entre adultos e crianças, já que

apenas as crianças brincam entre si, segundo a mãe.

Teixeira (2011), ao se referir à brincadeira entre irmãos, afirmou que essa possui significativo papel no desenvolvimento de habilidades sociais infantis. Mas a interação lúdica entre pais e filhos também se mostra como quesito importante para uma vida familiar saudável.

Poletto (2005) investigou como a brincadeira aparece no contexto diário da vida de crianças em situação de pobreza e buscou compreender a visão dos familiares sobre o brincar e como são suas interações em atividades lúdicas com seus filhos. O autor aponta que o brincar é uma necessidade fundamental para o adequado desenvolvimento da criança e ainda que estudos sobre resiliência indicam o brincar como um importante fator de proteção infantil. No entanto, dentre outros resultados, descobriu-se que os cuidadores pesquisados possuíam pouco tempo para brincar com os filhos ou acompanhá-los em suas atividades de lazer, além de baixa autoestima, depressão, cansaço e agressividade, que acarretavam prejuízos nos níveis de interação com os filhos e comprometiam as oportunidades de trocas afetivas e passagem de normas, valores e crenças.

Somado à falta de envolvimento dos pais na família Dantas, considera-se que Catarina introduziu em seu desenho uma figura externa à família (da pesquisadora), colocando-a em local de destaque. Considera-se que sua **necessidade de atenção** e **busca de apoio** foi projetada na figura da pesquisadora que acabara de conhecer evidenciando que, apesar de ter uma família grande, Catarina não apresenta forte vinculação com nenhum dos membros, ressentindo-se por não receber suficiente afeto do sistema familiar e buscando uma figura de apego que não encontra na família. Dessa forma, destaca-se nos resultados de Catarina, seu sentimento de isolamento e baixa autoestima, enquanto Catarina evidencia maior valorização do espaço familiar, delimitando melhor o seu espaço e percebendo-se mais positivamente do

que a cogêmea. Parece, ainda em comparação à irmã, que Catarine é mais madura e que lida melhor com seus sentimentos. Nesse contexto, ressalta-se que na relação entre irmãos gêmeos há grandiosa complexidade e inúmeras peculiaridades e diante da multicausalidade e da complexidade da gemelaridade, muito ainda precisa ser investigado, na perspectiva do desenvolvimento (VIEIRA, 2011).

No entanto, pode-se perceber com os resultados que a relação com os pais e demais irmãos foram apontadas de maneiras diversas, com maior ou menor valorização e houve variações entre os dados do desenho e do IRR. No entanto, as participantes foram firmes em suas opiniões sobre a **cogêmea**, deixando claro sua **importância afetiva** nos dois instrumentos e de maneiras muito similares. Expressam uma relação conflituosa, mas também baseada em aspectos positivos, tais como companheirismo, satisfação, revelação íntima, cuidado e afeição.

Baseado nos resultados obtidos com a família Dantas afirma-se que as irmãs gêmeas Catarina e Catarine vivenciam as três condições consideradas por Bank e Kahn (1997) como as mais importantes para o desenvolvimento de vínculos fraternos, quais sejam: elevado grau de acesso, necessidade de uma identificação significativa e insuficiência de cuidado parental. Dessa forma, as irmãs se mantêm próximas pela necessidade de apoio e constituem-se uma como referência da outra na busca pela identidade pessoal, influenciando-se mutuamente na formação de suas personalidades.

5.3.5 Família Esteves

Aos 12 anos, Daniela e Douglas dão indícios do início da **adolescência** em seus desenhos e em como descrevem o relacionamento familiar. Ambos expressaram adequação à realidade, satisfatório desenvolvimento da identidade pessoal, expansão vital, decisão e

autoafirmação, energia e vitalidade que são características que anunciam maturidade, assim como alguns conflitos e certa insegurança também condizentes com a entrada na adolescência. Com um irmão mais velho, já na adolescência, a família Esteves vivencia a segunda fase do ciclo vital da família descrita por Cervený e Berthoud (1997), a quarta etapa de Carter e McGoldrick (2008) ou ainda, de acordo com Minuchin e Fishman (2003), o terceiro momento do desenvolvimento familiar.

Dessa forma, afirma-se que a entrada dos filhos na adolescência provoca transformações em todos os membros da família configurando um “alinhamento de crises evolutivas” já que além da transição dos filhos da infância para adolescência, os pais caminham para a meia idade e os avós, normalmente, entram na velhice. Nesse momento, crises evolutivas propiciam grande necessidade de transformações e readaptações familiares (CERVENY; BERTHOUD, 1997).

Daniela apresenta-se mais madura e respondeu mais assertivamente ao IRR, enquanto Douglas trabalhou com a racionalização e atribuiu boas pontuações aos familiares no IRR, preocupando-se em dar pontuações semelhantes a todos os membros. No entanto, o TDF, como técnica projetiva, forneceu possibilidades de manifestação de conteúdos emocionais e inconscientes demonstrando as percepções mais genuínas de Douglas sobre o sistema familiar.

Trinca (1997) aponta que as técnicas de investigação clínica da personalidade não são submetidas à padronização presente nos testes psicológicos, mas são capazes de explorar amplamente a personalidade, destacando a dinâmica emocional dos processos inconscientes. Além disso, o QCSF forneceu dados da rotina que sugeriram caminhos de análise que se encontraram na triangulação dos dados provindos dos três instrumentos utilizados. Assim,

constata-se que a **projeção** (TDF) trouxe à tona o que a **razão**, a lógica (IRR) e a **rotina** (QCSF) não evidenciam.

Dessa forma, afirma-se que Douglas destaca a mãe como a figura mais importante e unida aos filhos, o pai é visto como figura distante emocionalmente, o irmão mais velho é percebido como parte da tríade mais valorizada. Com a irmã gêmea revela uma relação de **ambiguidade** entre conflito e companheirismo. Daniela percebe o pai como figura de dominação, destacando seu lugar como provedor familiar. Destaca seu vínculo com a mãe, indicando-a como figura de apoio e **não expressa forte vínculo** com nenhum dos irmãos.

Diante disso, destaca-se que tanto em estudos já consolidados sobre o relacionamento fraterno, como de Bank e Kahn (1997), quanto em estudos recentes com irmãos (BUIST; DEKOVIĆ; PRINZIE, 2013) e com irmãos gêmeos, a exemplo de Thorpe e Gardner (2006), a diferença de gênero é uma variável considerada significativa para a proximidade entre os irmãos, indicando que geralmente pares de irmãos do mesmo gênero desenvolvem relacionamentos de maior qualidade. Assim, Buist, Deković e Prinzie (2013) constataram que há ligação mais forte em pares de irmãos do mesmo sexo e Bank e Kahn (1997) confirmam que irmãos de sexos diferentes tendem a ter menos acesso e, portanto, menos oportunidades para desenvolver um relacionamento próximo. Esse fato relaciona-se ao apontado por Thorpe e Gardner (2006) sobre o grau de compartilhamento de amizades ser muito menor entre gêmeos de sexos diferentes.

5.4 Discutindo aspectos centrais da pesquisa

Partindo de achados de **pesquisas** sobre o tema da gemelaridade e articulando-os aos **pressupostos sistêmicos**, afirma-se que famílias que tem irmãos **gêmeos**, sejam idênticos ou não, recebem constantemente *inputs* com **expectativas e crenças** sobre a gemelaridade que

percorrem o imaginário coletivo. Além disso, o **sentido de pertencimento**, principalmente, sobre o lugar do indivíduo como gêmeo, já é desde muito cedo colocado e frequentemente enfatizado pelas famílias com padrões transacionais que unificam os papéis e que supervalorizam a integração e a afeição entre os irmãos, tornando-os **“dois em um”**. Em contrapartida, o **processo de individuação é subestimado** pela família e pela sociedade que, por vezes dificultam ou negam a capacidade dos gêmeos em serem únicos e até surpreendem-se quando percebem alguma diferença.

Apesar desses indicadores de impactos sobre o processo de desenvolvimento da identidade de crianças gêmeas, propõe-se que a relação com um irmão gêmeo pode permitir à criança **construir-se como indivíduo a partir e não apesar de a relação fraterna gemelar**.

Diversos estudos (CICIRELLI, 1995, BANK; KAHN, 1997, SILVEIRA, 2002, THORPE; GARDNER, 2006, BACON, 2006, BUIST; DEKOVIC; PRINZIE, 2013) indicaram a proximidade de idade e irmãos serem do mesmo sexo como fatores que propiciam um relacionamento fraterno mais próximo e significativo. Isso sugere que gêmeos idênticos teriam o máximo de acesso e, por isso desenvolveriam uma relação bastante importante. No entanto, sabe-se que para irmãos gêmeos a necessidade/vontade de **estarem juntos se opõe** à necessidade pela **busca do próprio espaço** físico e psicológico (DIAS; MELLO, 2013).

Diante da presente pesquisa, complementa-se que o **acesso** e o **compartilhamento** de ambientes e experiências, de fato, é grande entre gêmeos, sejam monozigóticos ou dizigóticos, o que facilita, conforme apontado por Oliveira (2000, 2005), a interação e a construção de uma história compartilhada, mas também propicia um espaço de reconhecimento gradual sobre as semelhanças e as diferenças entre os irmãos, sobre as características e particularidades de cada um e permite que os vínculos sejam personalizados.

Acrescenta-se ainda e destaca-se que o indivíduo que tem um irmão gêmeo possui um **ambiente privilegiado de desenvolvimento da autonomia e individuação**, já que a partir da relação com o outro, desde o ventre materno, compartilha vivências e desenvolve a **coesão** e o **pertencimento** que **subsidiem sua construção como ser único**. Pois, a necessidade de diferenciação e de autoexpressão de cada indivíduo funde-se com a busca pela coesão e manutenção da unidade familiar e apenas quando o indivíduo sente-se membro de um sistema suficientemente coeso, ele pode se diferenciar progressivamente em busca de sua individualidade e tornar-se cada vez mais independente (ANDOLFI, 1984). E nesse sentido, Minuchin e Fishman (2003) afirmam que a construção do sentido de separação ou individuação depende do sentido de pertencimento, e a complexidade que permeia o relacionamento fraterno desenvolve tanto o pertencimento ao grupo como o sentimento de ser separado e poder fazer escolhas individuais dentro de um sistema, fundamentais para o desenvolvimento da autonomia.

Obviamente, todas as **relações** dos subsistemas familiares e extrafamiliares repercutem nessa construção de maneiras complexas, **facilitando ou dificultando** o processo de desenvolvimento individual e familiar (MINUCHIN, 1982). Um relacionamento familiar baseado em conflitos, comparações negativas e injustiças, por exemplo, pode fazer com que os irmãos gêmeos se apoiem um no **modelo familiar** enquanto o outro assume um **antimodelo**, seguindo o pensamento proposto por Cerveny (2001). Baseado nesse pensamento, Oliveira (2000) concorda que a adoção de modelos e antimodelos propicia a compreensão de relações complementares e ambivalentes entre irmãos.

A **ambiguidade** é fator presente nas relações entre os irmãos gêmeos investigados, principalmente entre o companheirismo e os conflitos. Dias e Mello (2013) apontam que a rivalidade fraterna é considerada normal e saudável, principalmente se for associada a

tendências afetivas positivas com sentimentos de admiração, amor, investimento e valorização. Além disso, comportamentos e sentimentos opostos como admiração, apoio e cooperação e dominação, inveja e agressividade, presentes no relacionamento fraterno constituem o ser humano dentro e fora do núcleo familiar (OLIVEIRA, 2005).

Diante desses resultados, concorda-se com Dessen e Silva Neto (2000) quando destacam que a complexidade de tendências e questões da psicologia da família deve levar à busca pelas realidades familiares possíveis e existentes e não a uma forma única de realidade familiar. E ainda, que tais realidades devem ser compreendidas em suas singularidades, levando em conta a diversidade de tipos de famílias nas sociedades contemporâneas. Enfatiza-se também, a importância de se estudar a família em seu contexto histórico, social, cultural e econômico e afirma-se que estudar a rede de relações formada por indivíduos nos subsistemas familiares indica caminhos para a compreensão da dinâmica familiar.

Dessa forma, reafirma-se que o sistema familiar como contexto primário e por sua longa duração com intenso nível de inter-relação contribui para o desenvolvimento de cada indivíduo nele incluído e ainda, que a família e a cultura são contextos fundamentais para compreensão do indivíduo em sua singularidade. A rede de relações formada por indivíduos no ambiente familiar indica caminhos para a compreensão da família como um grupo inserido num contexto mais amplo e plural, que inclui o social, o cultural, econômico, temporal e outros, já que o indivíduo, a família e a cultura estão dialética e constantemente em desenvolvimento. Assim sendo, assinala-se ser imprescindível a inserção da família em estudos sobre o desenvolvimento humano, já que o ciclo de vida individual e o ciclo vital da família se inserem um no outro e se cruzam de maneiras complexas (MINUCHIN, 1985, DESSEN; SILVA NETO, 2000, ASPESI; DESSEN; CHAGAS, 2005 DESSEN; BRAZ, 2005; CARTER; MC GOLDRICK, 2008, CERVENY, 2011).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adotou-se o Pensamento Sistêmico como base para a construção deste trabalho, na área da Psicologia do Desenvolvimento Humano, que privilegiou uma análise qualitativa dos dados e permitiu conhecer características estruturais e dinâmicas de 11 famílias, além de compreender a fundo cinco sistemas familiares com crianças gêmeas. Foram investigadas as configurações familiares e o modo de vida, as redes de relação estabelecidas entre os subsistemas de cada família e a percepção das crianças sobre o seu funcionamento familiar, enfatizando as relações fraternas gemelares.

O processo de triangulação nos resultados, utilizando dados provenientes de diferentes fontes, visou adquirir as múltiplas percepções acerca de um mesmo fenômeno e assim compreender os casos em profundidade. Dessa forma, a pesquisa qualitativa é fortalecida e os resultados são validados sem a pretensão de generalizar os achados ou “rotular” qualquer relacionamento ou família.

Teve-se como meta dar mais alguns passos na construção do conhecimento sobre a temática da gemelaridade e as relações familiares. Foram focalizadas as percepções dos gêmeos sobre a rede de relações familiar, com o reconhecimento dos papéis, da coesão familiar, das fronteiras e das interações nos subsistemas. Não foi intenção deste trabalho discutir os sentidos e significados atribuídos a gemelaridade, nem tampouco foi privilegiada a investigação de crenças e expectativas que permeiam o fenômeno. No entanto, após a conclusão, reconhece-se que seria interessante, como complemento da investigação, que se tivesse utilizado uma entrevista na qual as crianças poderiam ter respondido especificamente sobre a vivência da gemelaridade. Constatou-se ainda que a Técnica do Desenho da Família poderia ter sido aplicada antes de o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar, servindo dessa forma como aquecimento para as perguntas.

Não se pretendeu também estabelecer comparações entre as famílias com mais filhos e aquelas apenas com filhos gêmeos, nem comparar relacionamentos entre irmãos gêmeos e não gêmeos, mas pensa-se como válidas investigações que busquem se há e quais são as especificidades do relacionamento fraterno gemelar, indicando se há algo próprio da relação entre gêmeos e como isso se dá. Além disso, julga-se pertinente que mais pesquisas investiguem como indivíduos gêmeos, pais e outros irmãos pensam e vivenciam a gemelaridade, quais suas repercussões para as relações e se o fato de ser gêmeo ou ter irmãos ou filhos gêmeos na família influencia e como na dinâmica das relações. Como ficam os papéis familiares? Outros irmãos não gêmeos mais velhos e mais novos sofrem pressões? Quais as repercussões para o desenvolvimento?

Apesar de ser mais comum a gravidez gemelar proveniente de técnicas de reprodução assistida, neste trabalho houve apenas um caso e essa variável não foi levada em conta. Entretanto, considera-se que em outros estudos o impacto da notícia da gravidez possa ser um dos aspectos investigados, já que se lida com o inesperado no caso da gravidez natural ou com a possibilidade de gravidez múltipla no caso do uso de procedimentos de fertilização.

A investigação das diferentes fases do desenvolvimento de gêmeos do ponto de vista psicológico e das relações familiares mostra-se relevante. Nesse sentido, aponta-se como sugestões o investimento em estudos longitudinais com famílias de gêmeos que acompanhem as diversas fases do ciclo de vida familiar, ou ainda pesquisas que comparem o desenvolvimento familiar de sistemas com filhos gêmeos e não gêmeos, caracterizando suas diversas etapas ou verificando, por exemplo, o nível de estresse aos quais os pais estão submetidos ao longo da vida.

Com o presente estudo, pretendeu-se indicar caminhos de reconhecimento de questões que possam contribuir para um desenvolvimento infantil e familiar saudável, sempre visando

a melhoria no bem estar familiar e na qualidade de vida dos indivíduos, sem esgotar possibilidades de investigação. Dessa forma acredita-se que mais estudos sobre a vida em família em sistemas com filhos gêmeos precisam ser estimulados para que se possa compreender melhor a dinâmica das relações familiares na sua diversidade e apontar as áreas de fragilidade e dúvidas que necessitam de mais orientação e apoio.

Pesquisar família requer a compreensão de múltiplas variáveis que atuam sobre o sistema, o construindo, modificando e definindo suas características e relações ao longo do ciclo de vida familiar. Considerando a escassez de estudos e publicações sobre a gemelaridade e suas interfaces com o desenvolvimento individual e familiar e afirmando tratar-se de uma temática complexa e impactante na vida dos envolvidos direta ou indiretamente, a pesquisa pretendeu contribuir analisando a questão sob o ponto de vista da Psicologia utilizando a Teoria Familiar Sistêmica.

Afirma-se, sobre o relacionamento fraterno, que esse é um fenômeno que requer atenção, dedicação e investimento emocional das famílias por ser uma importante fonte de socialização, aquisição da cultura, construção de sentimentos, estabelecimento de vínculos e formação da identidade, dentre muitos outros aspectos constituintes do ser humano. A complexidade do relacionamento fraterno gemelar é ainda maior e embora esteja se ampliando o interesse em estudos sobre a gemelaridade e as relações que a permeiam, ainda é considerável a lacuna existente em pesquisas sobre a temática e com isso, constata-se que pais, familiares e profissionais que lidam com indivíduos e famílias que vivenciam a gemelaridade sofrem com a falta de conhecimentos relevantes e confiáveis para orientar suas práticas. Com isso, julga-se necessário que profissionais, principalmente da saúde e da educação, estejam atentos às dificuldades enfrentadas pelas famílias com gêmeos para que possam criar condições de esclarecimento e suporte adequados que ampliem a rede de apoio a

essas famílias. Além disso, é importante que sejam promovidas investigações que ampliem as produções acadêmicas e subsidiem a prática, fortalecendo os pais em condutas educativas menos permeadas pelas crenças ou tradições determinantes e mais baseadas em dados empíricos de pesquisas científicas comprometidas com o bem-estar familiar.

Portanto, acredita-se que esta pesquisa contribui para a ampliação do conhecimento ainda emergente sobre a dinâmica fraterna gemelar e possibilita a abertura de novas possibilidades de investigação e pesquisas nessa área que se constitui com grande potencial científico, acadêmico e prático.

REFERÊNCIAS

- ABEP. **Critério de classificação econômica Brasil**. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Renata/Downloads/02_cceb_2013%20(1).pdf> Acesso em: 5 mar. 2014.
- ANDRADE, C.M.A.; TABORDA, W.; KLOTZEL, D. Tipos de gêmeos e fatores que influenciam a sua ocorrência. In: WAKSMAN, R.D.; SCHVARTSMAN, C. (Orgs.). **Filhos gêmeos**. São Paulo: Publifolha, 2009.
- ALEMANY, S.; GOLDBERG, X.; VAN WINKEL, R.; GASTÓ, C.; PERALTA, V.; FAÑANÁS, L. Childhood adversity and psychosis: Examining whether the association is due to genetic confounding using a monozygotic twin differences approach. **European Psychiatry**. v 28, n 4, 2013, p.207-212.
- ANDOLFI, M. **Por trás da máscara familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- ASPESI, C. C.; DESSEN, M. A.; CHAGAS, J. F. A ciência do desenvolvimento humano: Uma perspectiva interdisciplinar. In: DESSEN, M. A.; COSTA JR., A. S. L. (Eds.), **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, p.19-36, 2005.
- BACON, K. 'It's good to be different': parent and child negotiations of 'twin' identity. **Twin Res Hum Genet**. v 9, n 1, 2006, p.141-147.
- BANK, S.; KAHN, M. **The sibling bond**. United States: HarperCollins Publisher, 1997.
- BARBETTA, N. L.; PANHOCA, I.; ZANOLLI, M. L. Aspectos fonoaudiológicos e pediátricos da linguagem de gêmeos monozigóticos. **Revista Paulista Pediátrica**, v 26, n 3, p.265-270, 2008a.
- _____. Gêmeos monozigóticos – revelações do discurso familiar. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.** v 13, n 3, 2008b, p. 267-271.
- _____. Sobre o desenvolvimento da linguagem de gêmeos monozigóticos. **Revista CEFAC**, v 11, n 2, p.154-160, 2009.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. New York: Ballantine, 1972.
- _____. **Mind and nature: a necessary unity**. New York: Dutton, 1979.
- BAUMANN, S. L.; DYCHEST, T.; BRADDICK, M. Being a sibling. **Nursing Science Quarterly**, v 18, n 1, January 2005, p. 51-58.
- BELMONTE; M.K.; CARPER R. A. Monozygotic twins with Asperger syndrome: differences in behaviour reflect variations in brain structure and function. **Brain and**

Cognition, v 61, 2006, p.110–121.

BERTALANFFY, K. L. von. **General system theory**. New York: Braziller, 1968.

BEIGUELMAN, B. **O Estudo de Gêmeos**. Ribeirão Preto: SBG, 2008.

BEIGUELMAN, B., FRANCHI-PINTO, C. Perinatal mortality among twins and singletons in a city in southeastern Brazil, 1984-1996. **Genetic Mol Biol**, v 23, n 1, 2000.

BEIGUELMAN, B., COLLETO, G.M.D.D., FRANCHI-PINTO, C., KRIEGER, H. Birth weight of twins: Fetal genetic effect on birth weight. **Genetic Mol Biol**, v 21, n 1, 1998.

BEAVER, K.M.; VAUGHN, M.G.; DELISI, M. Nonshared environmental effects on adulthood psychopathic personality traits: Results from a monozygotic twin difference scores analysis. **Psychiatric Quarterly**. v 84, n 3, 2013, p. 381-393

BÖING, E.; CREPALDI, M. A.; MORÉ, C. L. O. O. Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. **Paidéia**, v 18, n 40, 2008, p. 251-266.

BRADT, J. O. Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 206 – 222.

BRASIL. **Manual de vigilância do óbito infantil e fetal e do Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Fetal** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. 2 ed. Brasília : Ministério da Saúde, 2009.

BUCHER, J.S.N.F.. O casal e a família sob novas formas de interação. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 1999, p.82-95.

BUIST, K.L.; DEKOVIC, M.; PRINZIE, P. Sibling relationship quality and psychopathology of children and adolescents: A meta-analysis. **Clinical Psychology Review**, Utrecht - NL, v 33, 2013, p. 97–106.

BURT, S.A.; KLUMP, K.L. Etiological distinctions between aggressive and non-aggressive antisocial behavior: Results from a nuclear twin family model. **Journal of Abnormal Child Psychology**. v 40, n 7, 2012, p. 1059-1071.

CANO, D. S.; MORÉ, C. L. O. O. A família como protagonista: desafios atuais. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v 39, n 2, abr-jun 2008, p. 255-257.

CAPRA, F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 2006 (original: 1982).

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar - uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.) **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 7

– 28. (original: 1995)

CERVENY, C. N. O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia.** São Paulo: Livro Pleno, 2001.

CERVENY, C. N. O. Pensando a família sistemicamente. In: CERVENY, C. N. O.; BERTHOUD, C.M.E. (Org.) **Visitando a família ao longo do ciclo vital.** 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

CERVENY, C. N. O.; BERTHOUD, C.M.E. (Org.) **Visitando a família ao longo do ciclo vital.** 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

CFM. **Resolução CFM nº 2.013/13.** Disponível em: <
<http://www.sbra.com.br/images/ResolucaoCFM2013.pdf>> Acesso em: 2 jul. 2013.

CHAVES, U.H. Família e parentalidade. In: CERVENY, C. N. O. (Org.) **Família e...narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social.** 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 47-62.

CICIRELLI, V. **Sibling relationships across the life span.** New York: Plenum Press, 1995.

COSTA, L.F. A Perspectiva Sistêmica para a Clínica da Família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** v 26, n especial, 2010, p. 95-104.

CORMAN, L. **O Teste do Desenho da Família.** São Paulo: Mestre Jou, 1979.

COZBY, P.C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento.** São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003.

DALLOS, R; DRAPER, R. **An introduction to family therapy: systemic theory and practice.** 3 ed., New York: Open University Press, 2010.

DAMASCENO, J.E. **Os duplos em Dostoiévski e Saramago.** 2010. Dissertação (Mestrado) - Santa Cruz do Sul: Programa de Pós-graduação em Letras, UNISC.

DANBY, S.; THORPE, K. Compatibility and conflict: negotiation of relationships by dizygotic same-sex twin girls. **Twin Research and Human Genetics**, v 9, n1, February 2006, p.103-112.

DAVID, D.L; AZEVEDO, E.C.; RUSSI, E.M.S. BERTHOUD, C.M.E. OLIVEIRA, A.L. Triáde de contato íntimo: apego entre mãe e filhos gêmeos. **Rev. Biociênc.**Taubaté, v 6, n 1, jan.-jul.2000, p.57-63.

DEL PRETTE, A; DEL PRETTE, Z.A.P. **Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DELLAZZANA, L. L.; FREITAS, L. B. L. Um dia na vida de irmãos que cuidam de irmãos.

Psicologia: Teoria e Pesquisa. v 26, n 4, out-dez 2010, p. 595-603.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006, p. 15-41.

DESSEN, M. A. Questionário de caracterização do sistema familiar. In: WEBER, L.; DESSEN, M. A. (Orgs.) **Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados.** Curitiba: Juruá, 2011, p. 115 – 131.

DESSEN, M.A.; BRAZ, M. P. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M.A.; COSTA JUNIOR, A.L. e cols. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

DESSEN, M.A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** v 16, n 3, set-dez 2000, p. 221-231.

DESSEN, M. A.; SILVA NETO, N. A. Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** v 16, 2000, p. 191-192.

DESSEN, M.A; LEWIS, C. Como estudar a família e o pai. **Paideia.** v 8, 1998, p. 105-122.

DIAS, C.M.S.B.; FONSÊCA C.M.S.M.S. **Gêmeos: o que dizem os pais, irmãos e eles próprios?** Curitiba: CRV, 2013.

DIAS, C.M.S.B.; MELO, K.A.L. Teoria sistêmica aplicada à família com filhos gêmeos. In: DIAS, C.M.S.B.; FONSÊCA C.M.S.M.S. **Gêmeos: o que dizem os pais, irmãos e eles próprios?** Curitiba: CRV, 2013, p. 21-30.

DILALLA, L.F.; MULLINEAUX, P.Y. The effect of classroom environment on problem behaviors: a twin study. **J Sch Psychol.** v 46, n 2, 2008, p.107-128.

DOMSCHKE, K. Clinical and molecular genetics of psychotic depression. **Schizophrenia Bulletin.** v 39, n 4, 2013, p. 766-775.

ESTADÃO. **Nascimento de gêmeos aumenta 17% no país em menos de uma década.** 2011. Disponível em: < <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,nascimento-de-gemeos-aumenta-17-no-pais-em-menos-de-uma-decada,815026,0.htm>> Acesso em: 11 abr. 2012.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Família: diagnóstico e terapia.** Petrópolis: Vozes, 1996a.

_____. O papel da família na promoção da saúde mental. **Rev. de Psicologia Hospitalar.** v 6, n 2, 1996, p.4-9.

FIORIN, P. C.; PATIAS, N. D.; DIAS, A. C. G. Reflexões sobre a mulher contemporânea e a educação dos filhos. **Sociais e Humanas,** Santa Maria, v 24, n 2, jul-dez 2011, p. 121-132.

FRANCHI-PINTO, C., COLLETO, G.M.D.D., KRIEGER, H., BEIGUELMAN, B. Genetic

effect on apgar score. **Genetic Mol Biol**, v 22, n 1, 1999.

FREITAS, N. K; CUNHA, J. A. Desenho da Família. In: CUNHA, J. A. e cols. **Psicodiagnóstico V**, Porto Alegre: Artmed, 5 ed, 2008, p.513-518.

FONSÊCA, C.M.S.M.S.; CRESPO, R.M.; DIAS, C.M.S.B. Ser pais de gêmeos: prazeres e desafios. In: DIAS, C.M.S.B.; FONSÊCA C.M.S.M.S. **Gêmeos: o que dizem os pais, irmãos e eles próprios?** Curitiba: CRV, 2013, p.33-64.

FONSÊCA, C.M.S.M.S.; TORRES, K.A.; DIAS, C.M.S.B. Ser irmão (ã) de gêmeos. In: DIAS, C.M.S.B.; FONSÊCA C.M.S.M.S. **Gêmeos: o que dizem os pais, irmãos e eles próprios?** Curitiba: CRV, 2013, p.65-90.

GALTON, F. **The history of twins, as a criterion of the relative powers of nature and nurture.** 1875, p.566-577. Disponível em:
<http://galton.org/bib/JournalItem.aspx_action=view_id=66> Acesso em: 25 mar. 2012.

GARCIA-SERPA, F.A. **Investigando diferentes indicadores de empatia em meninos e sua relação com a empatia e ações educativas dos pais.** 2001. Dissertação (Mestrado) – Ribeirão Preto: Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

GEORGAS, J. Families and family change. In: GEORGAS, J.; BERRY, J. W.; VIJVER, F. J. R. V. D.; KAGITÇIBASI, Ç.; POORTINGA, Y. H. (Eds.) **Families Across Cultures: a 30 Nation Psychological Study.** Cambridge University Press, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRANDESSO, M. A. **Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2 ed., 2011.

GOETZ, E.R.; VIEIRA, M.L. Diferenças nas percepções de crianças sobre cuidado parental real e ideal quando pais vivem juntos ou separados. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** v 21, n1, 2008, p. 83-90.

GOLAFSHANI, N. Understanding Reliability and Validity in Qualitative Research. **The Qualitative Report**, v 8, n 4, dez 2003, p. 597-607.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** v 20, n 2, mai-ago 2004, p. 119-125.

G1. **Em quase 10 anos, casos de gêmeos no Vale do Paraíba crescem 33%. 2013.**
Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2013/03/em-quase-10-anos-casos-de-gemeos-no-vale-do-paraiba-crescem-33.html>> Acesso em: 18 mar. 2013.

HINDE, R. A. **Relationships: a dialectical perspective.** Hove - UK: Psychology Press, 1997.

HOFFMAN, L. O ciclo de vida familiar e a mudança descontínua. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (orgs). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a**

terapia familiar. Porto Alegre: Artmet, 2008, p. 84 – 96.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 17 Jul. 2012.

IBGE. **Pesquisa Mensal de Emprego**. Mar 2014. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/2014/> Acesso em: 25 mai. 2014.

ITO, P.C.P.; GUZZO, R.S.L. Temperamento: Características e Determinação Genética. **Psicologia: Reflexão e Crítica** v 15, n 2, 2002, p. 425-436.

JOSEPH, J. The use of the classical twin method in the social and behavioral sciences: The fallacy continues. **Journal of Mind and Behavior**. v 34, n 1, December 2013, p. 1-40.

KELLE, U. Sociological explanations between micro and macro and the integration of qualitative and quantitative methods. **Forum: Qualitative social research**, v 2, n 1, feb 2001.

KLEPSCH, M.; LOGIE, L. **Crianças desenham e comunicam-se**: uma introdução aos usos projetivos dos desenhos infantis da figura humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

LIMA, I.V.M.; SOUGEY, E.B.; VALLADA FILHO, H.P. Genética dos transtornos afetivos. **Rev. Psiq. Clín.** v 31, n 1, 2004, p.34-39.

LINKER, J.; GILLESPIE, N.A.; MAES, H.; EAVES, L.; SILBERG, J.L. Suicidal ideation, depression, and conduct disorder in a sample of adolescent and young adult twins. **Suicide and Life-Threatening Behavior**. v 42, n 4, 2012, p. 426-436.

LUDEKE, S.G.; KRUEGER, R.F. Authoritarianism as a personality trait: Evidence from a longitudinal behavior genetic study. **Personality and Individual Differences**. v 55, n 5, 2013, p. 480-484.

LYTTON, H.; SINGH, J.,K.; GALLAGHER, L. Parenting twins. In: Bornstein, M. N. J. (Ed.). **Handbook of parenting**: children and parenting. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995, v.1, p. 185-208.

MACEDO, R. M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Cad. Pesq. São Paulo**, n 91, nov 1994, p. 62-68.

MALMSTROM, P.M.; POLAND, J. **Criando filhos gêmeos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA, 2004.

MARTINS, E. M. A., RABINOVICH, E. P., SILVA, C. N. Família e processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. **Psicologia USP**, São Paulo, abr-jun 2008, v 19, n 2, p. 181-197.

MARQUEZ, I.S.M.A.B. Gêmeos: semelhança revelada. **Pulsional: Revista de Psicanálise**. Ano XIX, n 185, março/2006, p. 26-34.

MAZETTO, M. D. C. **Concepções maternas e paternas sobre desenvolvimento infantil e relações afetivas.** 2009. 218f. Dissertação (Mestrado). Bauru: Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - UNESP.

MELLO, D.F.; VIERA, C.S.; SIMPIONATO, E., BIASOLI-ALVES, Z. M. M.
NASCIMENTO, L.C. Genograma e ecomapa: possibilidades de utilização na estratégia de saúde da família. **Rev Bras Cresc Desenv Hum.** v 15, n 1, 2005, p.79-89.

MELCHIORI, L.E.; BIASOLI-ALVES, Z.M.M.; SOUZA, D.C. BUGLIANI, M.A.P. Família e creche: crenças a respeito de temperamento e desempenho de bebês. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** v 23, n 3, 2007, p. 245-252.

MINUCHIN, S. Famílias: **Funcionamento e Tratamento.** Porto Alegre: Artmed, 1982.

MINUCHIN, S. FISHMAN, H. C. **Técnicas de terapia familiar.** Porto Alegre: Artmed, 2003 (original: 1990).

MINUCHIN, P. Families and individual development: provocations from the field of family therapy. **Child Development,** v. 56, p. 289-92, 1985.

MOORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N. **Embriologia Básica.** 7 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MONTEIRO, L.C.; CAMARGO C.H.P.; TONIOLO, M. Um estudo comparativo sobre o grau de comprometimento nos testes psicológicos de dois irmãos gêmeos univitelinos com esquizofrenia. **PSIC.** v 3, n1, 2002, p.110-123.

NASCIMENTO, A.M. **População e família brasileira:** ontem e hoje. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP – Caxambú – MG, 2006.

NEDER, G. **Ajustando o foco das lentes:** um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: Kaloustian, S. M. (Org.). **Família Brasileira a base de tudo.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 26-46.

NEGREIROS, T. C. G; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia,** Rio de Janeiro, n 1, 1º semestre 2004.

NES, R.B.; CZAJKOWSKI, N.; TAMBS, K. Family Matters: Happiness in Nuclear Families and Twins. **Behavior Genetics.** v 40, 2010, p.577-590.

NUNES, C.C.; SILVA, N.C.B.; AIELLO, A.L.R. As contribuições do papel do pai e do irmão do indivíduo com necessidades especiais na visão sistêmica da família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa,** Brasília, v 24, n 1. p. 37-44, 2008.

OLIVEIRA, A. L. **Irmãos ao longo da vida:** construindo uma memória compartilhada – compartilhando uma memória construída. 2000. 297f. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC-SP.

_____. **“Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos”**: a dinâmica das relações fraternas no recasamento. 2005. 333f. Tese (Doutorado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC.

OLIVEIRA, F.G. **Um novo conceito, uma nova forma de acompanhar gestações múltiplas**. 2007. Disponível em: http://www.clinicafgo.com.br/gestacao_multiferal.html
Acesso em: 2 set. 2013.

OLIVEIRA, D. S.; LOPES, R. C. S. Regressão e crescimento do primogênito no processo de tornar-se irmão. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v 29, n 1, 2013, p.107-116.

OLIVEIRA, A. R.V. VIANNA, L. G. CÁRDENAS, C. J. Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v 13, n 3, 2010, p. 461-474.

ORTEGA, A. C. **O desenho da família como técnica de investigação psicológica**: influências da idade, sexo e ordem de nascimento. 1985. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Centro de Pós Graduação em Psicologia, FGV.

OSORIO, L.C. **Casais e famílias**: uma visão contemporânea. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OWENS, S.F.; PICCHIONI, M.M.; ETTINGER, U.; MCDONALD, C.; WALSH, M.; SCHMECHTIG, A.; MURRAY, R.M.; RIJSDIJK, F.; TOULOPOULOU, T. Prefrontal deviations in function but not volume are putative endophenotypes for schizophrenia. **Brain**. v 135, n 7, 2012, p. 2231-2244.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D.; OLDS, S.W. **Desenvolvimento Humano**. 10 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

PEREIRA, C. R. R.; PICCININI, C. A. Gestação do segundo filho: percepções maternas sobre a reação do primogênito. **Estudos de Psicologia**, v. 28, n 1, 2011,p.65-77.

PETZOLD, M. The psychological definition of “the family”. In: CUSINATO, M (Org.), **Research on family**: Resources and needs across the world. Milão: LED – Edizioni Universitarie, p. 25-44, 1996.

PEÇANHA, D.L. **A reciprocidade de desenvolvimento entre a criança com asma e sua família**. São Paulo, 1997. 155p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

PIKE, A.; COLDWELL, J.; DUNN, J. F. Sibling Relationships in Early/Middle Childhood: Links With Individual Adjustment. **Journal of Family Psychology**, v 19,n 4, 2005, p.523–532.

PISZEZMAN, M.L.R.M. Família e estrutura: a abordagem estrutural e a terapia de família. In: CERVENY, C. N. O. (Org.) **Família e...narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p.149-195.

POLETTI, R. C. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v 10, n 1, jan-abr 2005, p. 67-75.

PONCIANO, E. L. T. **História da Terapia de Família: De Palo Alto ao Rio de Janeiro**. 1999. 256p. Dissertação (Mestrado) - Rio de Janeiro: Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC-RJ.

POROT, M. Le dessin de la famille: exploration par le dessin de la situation affective de l'enfant dans sa famille. **Pédiatrie**, n 103. 1952, p. 359-381.

REIS, V.L. **Adolescentes desenhando e falando sobre ser mãe nessa fase do ciclo vital**. Monografia de Pós-graduação *Lactu Sensu*. UNESP, Bauru: Psicologia da Saúde: Práticas Clínicas e Hospitalares.

ROOKE, M. I.; PEREIRA-SILVA, N. L. Resiliência Familiar e Desenvolvimento Humano: Análise da Produção Científica. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora –MG, UFJF, v 6, n 2, jul-dez 2012, p. 179-186.

SCHLINDWEIN-ZANINI, R. Maturidade mental em gêmeos univitelinos. **Rev Neurocienc**, v 17,n 1, 2009, p.84-88.

SCHWERTZ, A. **Tomada de perspectiva na relação pais-filhos adolescentes**. 1994. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC-RS.

SILVA, N. C. B.; NUNES, C. C.; BETTI, M. C. M. RIOS, K. S. A. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas em Psicologia**. v 16, n 2, 2008, p. 215 – 229.

SILVEIRA, M.L.O.B. O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In: WAGNER, A (Coord.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 93-112.

STAKE, R. E. Qualitative case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **The sage handbook of qualitative research**. United States: Sage Publications, 2005, p. 443-465.

STRATTON, P. Contemporary families as contexts for development. In: VALSINER, J.; CONNOLLY, K. (Orgs.). **Handbook of developmental psychology**. London: Sage, 2003, p.333-357.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. Amostragem teórica. In: STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Bookman, 2008, p. 195-208.

STUBBE, J. H.; POSTHUMA, D.; BOOMSMA, D. I.; DE GEUS, E. J. C. Heritability of life satisfaction in adults: a twin-family study. **Psychological Medicine**, v 35, 2005, p.1581–1588.

Taboada, N. G.; Legal, E. J.; Machado, N. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum.** v 16, n 3, 2006, p. 104-113.

TEIXEIRA, R.B.D. **Habilidades Sociais na Infância:** um estudo sobre o relacionamento fraterno e as práticas educativas parentais. Trabalho de Conclusão de Curso. Taubaté: Departamento de Psicologia, UNITAU, 2011.

TEIXEIRA, R.B.D.; ARAUJO, E.A.S. RIBEIRO, M.J.F.X.; TADEUCCI, M.S.R. **As habilidades sociais de irmãos e as práticas educativas parentais.** In: XVI Encontro de Iniciação Científica, 2011, Taubaté. Anais XVI ENIC, XII MPG, VI SEMEX, III SEDUNI, 2011.

THORPE, K.; GARDNER, K. Twins and their friendship: differences between monozygotic, dizygotic same sex and dizygotic mixed-sex pairs. **Twin Research and Human Genetics**, v 9, n1, February 2006, p.155-164.

TRINCA, W. **Formas de investigação clínica em Psicologia:** procedimentos de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 1997.

VASCONCELLOS, M.J.E. **Pensamento sistêmico:** O novo paradigma da ciência. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

VALLE, T.G.M. **Reciprocidade Sócio-Afetiva da Criança com Fissura Lábio-Palatal e sua Família.** 2000. 170f. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

VASKE, J.; BOISVERT, D.; WRIGHT, J.P. Genetic and Environmental Contributions to the Relationship Between Violent Victimization and Criminal Behavior. **Journal of Interpersonal Violence.** v 27, n 16, 2012, p. 3213-3235.

VECINA, R.M. **Múltiplas possibilidades:** a internalização de práticas discursivo-sociais por dois pares de irmãos gêmeos. 2011. 220f. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação, USP.

VIEIRA, A.O.M. **Idênticos e diferentes:** crenças, práticas e interações na socialização de crianças gêmeas. 2011. 236f. Tese (Doutorado). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – Universidade de Brasília.

VIEIRA, A. O. M.; BRANCO, A. U. Cultura, crenças e práticas de socialização de gêmeos monozigóticos. **Psicologia em Revista.** Belo Horizonte, v. 16, n 3, dez 2010, p. 575-575.

VOGEL, A. **Um breve histórico da Terapia Familiar Sistêmica.** *Revista IGT na Rede*, v 8, n 14, 2011, p.116-129. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/ojs/>> ISSN 1807-2526 Acesso em: 20 jul. 2012.

WAGNER, A.; PREDEBON, J, MOSMANN, C, VERZA, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psic. Teor. e Pesq.**, Brasília, mai-ago 2005, v 21 n 2, p. 181-186.

WOOD, B. Proximity and hierarchy: orthogonal dimensions of family interconnectedness. **Family Process**, 1985, v 24, p. 497-507.

WOOD, B.; TALMON, M. Family boundaries in transition: a search for alternatives. **Family Process**, 1983, v 24, p. 347-357.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANEXO A - Questionário de Caracterização do Sistema Familiar – QCSF
(Adaptado de DESSEN, 2011)

Aplicador: _____ Data: ____/____/____
Início: ____ h ____ min. Término: ____ h ____ min

I IDENTIFICAÇÃO

1. Família n° _____
2. Iniciais das crianças: _____ e _____ Iniciais da mãe: _____ Iniciais do pai: _____
3. Questionário respondido por: mãe pai
4. Data de nascimento das crianças: ____/____/____
5. Tipo de gemelaridade: _____
6. Utilizou alguma técnica de fertilização? não sim Qual? _____
7. Genograma:

II DADOS DEMOGRÁFICOS

8. Situação conjugal dos pais:
 - a) casados vivem juntos separado/divorciado viúvo
 - b) 1° companheiro 2° companheiro 3° companheiro 4° companheiro ou +
 - c) Há quanto tempo você vive com o seu marido ou esposa/companheiro (a) atual?

 - d) Há quanto tempo você se separou do pai ou mãe biológico (a) da criança?

 - e) Quantos filhos teve com cada companheiro (a)?
1° _____ 2° _____ 3° _____ 4° companheiro ou + _____

9. Escolaridade:

a) Mãe:

Completo: Fundamental Médio Superior

Incompleto: Fundamental Médio Superior

Outros _____

b) Pai: _____

Completo: Fundamental Médio Superior

Incompleto: Fundamental Médio Superior

Outros _____

10. Religião

a) Qual a religião predominante em sua família? Católica Evangélica Espírita Outras

b) Quem frequenta? Casal e filhos somente o casal somente os filhos Outras

Observações: _____

c) Frequência a cultos: semanalmente quinzenalmente mensalmente esporadicamente (pelo menos uma vez por ano) não frequentam

11. Ocupação atual:

a) Mãe:

Categorias:

Serviços básicos:

Administrativos

Técnicos em geral

Serviços de comércio e venda

Operacionais gerais

Serviços de beleza

Profissionais liberais

Profissionais da educação

Trabalho remunerado em casa

Outros (especificar)

Desempregados

Aposentados

Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____

Quantos dias na semana: 2ª à 6ª 2ª a sábado 2ª a domingo trabalho por escala

b) Pai:

Categorias:

Serviços básicos:

Administrativos

Técnicos em geral

Serviços de comércio e venda

Operacionais gerais

Serviços de beleza

Profissionais liberais

Profissionais da educação

Trabalho remunerado em casa

- Outros (especificar)
- Desempregados
- Aposentados

Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____
 Quantos dias na semana: 2ª à 6ª 2ª a sábado 2ª a domingo trabalho por escala

12. Renda Familiar:

- a) Quem contribui? Pai Mãe
 Outros _____
- b) Total por mês (em faixa salarial):
- de R\$500,00 a R\$1.000,00 de R\$1.000,00 a R\$2.000,00
 - de R\$2.000,00 a R\$3.000,00 de R\$3.000,00 a R\$5.000,00
 - de R\$5.000,00 a R\$10.000,00 mais de R\$10.000,00

13. Moradia:

- a) Área urbana Área rural
- b) Tipo de moradia: Casa Apartamento Barraco Sem teto
- c) Situação da moradia: Própria Alugada Invasão Cedida Outros

14. Constelação familiar:

- a) Número de pessoas que moram na casa: _____
- b) Quem mora na casa? (parentes do pai/ parentes da mãe/não familiares - especificar)
- _____
- _____
- _____

15. Escola dos filhos:

- a) Atualmente onde os filhos estudam e em que período?

Filhos	Série	Instituição (1) Pública (2) Privada	Período (1) Integral (2) Parcial	Idade	Gênero (F) (M)
Primogênito					
Segundo					
Terceiro					
Quarto					
Outros					

- b) Há, na família, alguma criança que não esteja frequentando creche ou instituição escolar?

(especificar motivo) _____

- c) Há alguma criança morando com parentes ou amigos?

(especificar motivo) _____

III CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR

16. Quanto às atividades de lazer da família:

16.1 Exemplos de atividades

LOCAL	ATIVIDADES
Dentro de casa	
Na vizinhança	
Residência de parentes/amigos	
Locais Públicos	

16.2. Tipo de atividades?

ATIVIDADES SOCIAIS	FREQUÊNCIA				
	Nunca	Menos que uma vez por mês	1 a 3 vezes ao mês	1 vez por semana	Diariamente
Religiosas					
Grupos de estudo / assistência à comunidade					
Missas / cultos em geral					
Eventos sociais / festas					
Encontros sociais com familiares / amigos					
Visitas					
Comemorações em geral					
Encontros em locais públicos / alimentação					
Culturais					
Festas típicas					
Cinema, teatro					
Visitas a centros culturais					
Não participa de atividades de lazer					

16.3. Com quem a família compartilha as atividades de lazer?

- Todos os membros da família
 Apenas mãe e filhos
 Apenas pai e filhos
 Toda família com amigos
 Toda família com parentes em geral
 Apenas crianças

16.4. Quando as atividades de lazer são realizadas?

- Durante os Finais de Semana
 Durante a Semana

16.5. Qual a importância das atividades de lazer para a sua família?

17. Rotina da família:

17.1. Divisão de tarefas domésticas: Atribuições. Que pessoas fazem as atividades abaixo:

17.1.1. Quanto aos cuidados dispensados aos filhos:

	Mãe	Pai	Irmãos	Avós	Empregada	Vizinhos	Sozinho	Outros
a) Quem chama para comer/banho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
b) Levar à escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
c) Ler/contar estórias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
d) Levar a atividades de lazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
e) Manda as crianças para dormir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
f) Outros (especificar)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____

17.1.2. Cuidados dispensados com os afazeres domésticos:

	Mãe	Pai	Irmãos	Avós	Empregada	Vizinhos	Sozinho	Outros
a) Limpar a casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
b) Cozinhar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
c) Lavar/passar roupas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
d) Comprar comida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
e) Orientar a empregada nas tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____
f) Outras (especificar)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____

17.1.3. Quanto aos cuidados dispensados aos filhos:

Quem cuida dos filhos quando não estão na escola?

- pai mãe irmãos avô avó
 babá vizinhos outros _____

Em que local?

- Na própria casa da criança Na casa de quem cuida
 outros _____

17.2. Características da rede social de apoio da família.

MEMBROS FAMILIARES

Por parte da mãe:

- avô avó tio tia

outros: _____

Por parte do pai:

- avô avó tio tia

- outros: _____
- REDE SOCIAL NÃO FAMILIAR
- amigos vizinhos babá
- outros _____
- INSTITUIÇÕES
- escola centro de saúde cursos
(especificar) _____
- outros _____
- PROFISSIONAIS
- médico professor psicólogo
- outros _____

17.3. Sobre os principais eventos ocorridos com as crianças e com a família: Quais eventos aconteceram na vida das crianças alvo e quando eles aconteceram?

17.3.1. Diretamente relacionados às crianças-alvo:

EVENTO	Nos últimos 6 meses	De 6 a 12 meses	Há mais de um ano (especifique)	Nunca aconteceu
Mudança de escola				
Repetência na escola				
Suspensão da escola				
Nascimento de um irmão				
Agressão por parte de: a) mãe ou pai b) madrasta ou padrasto c) irmão ou irmã d) avós e) crianças da vizinhança f) professores da pré-escola g) outros _____				
Outras experiências que tiveram impacto na vida da criança? Liste-as: a) _____ b) _____ e assim por diante.				

17.3.2. Eventos relacionados ao grupo familiar:

EVENTO	Nos últimos 6 meses	De 6 a 12 meses	Há mais de um ano (especifique)	Nunca aconteceu
Mudança de cidade				
A mãe começou a trabalhar fora de casa				

Perda de emprego de um dos genitores (especificar).				
Problemas financeiros				
Hospitalização ou enfermidade na família: a) criança b) pais c) irmãos d) outros				
Morte na família: a) mãe ou pai b) madrasta ou padrasto c) irmãos d) avós e) amigos íntimos g) outros (especifique)				
Separação ou divórcio dos pais. Motivo: _____				
Conflitos/Brigas entre os pais a) sem agressões físicas b) com agressões físicas				
Problemas de saúde a) do pai: <input type="checkbox"/> físico <input type="checkbox"/> mental b) da mãe: <input type="checkbox"/> físico <input type="checkbox"/> mental				
Consumo de álcool Quem? _____				
Consumo de drogas ilegais Quem? _____				
Violação de leis: a) Quem? _____ b) Quais? _____				
Outras experiências que tiveram impacto na vida da família? Liste-as: a) _____ b) _____ e assim por diante.				

ANEXO B - Inventário de Rede de Relações – IRR

(Adaptado de SCHWERTZ, 1994)

Nº de identificação da família: _____

Nome da criança respondente: _____

Nome do gêmeo: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Configuração familiar: (com grau de parentesco, idades e sexos)

Aplicador: _____ Data: ____/____/____

Início: ____ h ____ min. Término: ____ h ____ min

Eu vou ler algumas frases que vão falar sobre a relação entre você e as pessoas da sua família. Para cada frase você tem cinco opções de respostas que vai de pouco ou nenhum a máximo (ex: pouco ou nenhum, algum, muito, muitíssimo e o máximo) e eu gostaria que você respondesse pensando em cada uma das pessoas da sua família (seu pai, sua mãe, seu irmão gêmeo – ou irmã gêmea - e cada um dos outros irmãos, se houver). Algumas vezes as respostas podem ser as mesmas para as diferentes pessoas, mas na maioria das vezes as respostas são diferentes para cada um.

1) Quanto tempo livre você passa com essa pessoa?

1= pouco ou nenhum

2= algum tempo

3= muito tempo

4= muitíssimo tempo

5= máximo tempo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

2) Quanto você e essa pessoa ficam chateados ou bravos um com o outro?

1= pouco ou nunca

2= algumas vezes

3= seguidamente

4= muitas vezes

5= muitíssimas vezes

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

3) Qual o nível de satisfação que você tem com essa pessoa?

	mãe
	pai

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa satisfeito
 3= bastante satisfeito
 4= muito satisfeito
 5= satisfetíssimo

	irmão gêmeo
--	-------------

	irmão (a) 3
--	-------------

4) Quanto você conta para essa pessoa as suas coisas mais pessoais?

- 1= pouco ou nada
 2= algumas coisas
 3= bastantes coisas
 4= muitas coisas
 5= muitíssimas coisas

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

5) Quanto você ajuda essa pessoa a fazer coisas que ele/a não consegue fazer sozinho/a?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= bastante coisa
 4= muitas coisas
 5= muitíssimas coisas

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

6) Quanto você acha que essa pessoa gosta ou te ama?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= bastante
 4= muito
 5= muitíssimo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

7) Quanto essa pessoa te pune?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= bastante
 4= muito
 5= muitíssimo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

8) Quanto você se diverte com essa pessoa?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= bastante
 4= muitas vezes
 5= muitíssimas vezes

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

9) Quanto você e essa pessoa tem desacordos e brigas?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= bastante
 4= muitas vezes
 5= muitíssimas vezes

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

10) Quão contente você se sente com o seu relacionamento com essa pessoa?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= bastante
 4= muito
 5= muitíssimo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

11) Quanto você conta de segredos e sentimentos para essa pessoa?

- 1= pouco ou nada

- 2= alguma coisa
 3= muitas vezes
 4= muitíssimas vezes
 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

12) Quanto você protege essa pessoa e olha para que as coisas corram bem com ela?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= muitas vezes
 4= muitíssimas vezes
 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

13) O quanto você acha que essa pessoa realmente se importa com você?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= muitas vezes
 4= muitíssimas vezes
 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

14) O quanto essa pessoa te disciplina quando você a desobedece?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= muitas vezes
 4= muitíssimas vezes
 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

15) Quantas vezes vocês saem ou fazem coisas juntos que são divertidas?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= muitas vezes
 4= muitíssimas vezes
 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

16) Quanto você e essa pessoa discutem?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= muitas vezes
 4= muitíssimas vezes
 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

17) Quanto sua relação com essa pessoa é boa?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= muito boa
 4= muitíssimo boa
 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

18) Quanto você fala com essa pessoa sobre coisas que você não quer que os outros saibam?

- 1= pouco ou nada
 2= alguma coisa
 3= muitas coisas
 4= muitíssimas coisas
 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

19) Quanto você cuida dessa pessoa?

- 1= pouco ou nada
- 2= alguma coisa
- 3= muitas vezes
- 4= muitíssimas vezes
- 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

20) Quanto você acha que essa pessoa tem um sentimento forte de afeição (amor ou carinho) por você?

- 1= pouco ou nada
- 2= alguma coisa
- 3= muitas vezes
- 4= muitíssimas vezes
- 5= o máximo

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

21) Quão seguido essa pessoa te critica por fazer coisas que não deveria fazer?

- 1= pouco ou nada
- 2= algumas vezes
- 3= muitas vezes
- 4= muitíssimas vezes
- 5= sempre

	mãe
	pai
	irmão gêmeo

	irmão (a) 1
	irmão (a) 2
	irmão (a) 3

ANEXO C – Parecer Consubstanciado do CEP

"FACULDADE DE CIÊNCIAS
CAMPUS DE BAURU/ UNESP -
"JÚLIO DE MESQUITA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FAMÍLIAS COM GÊMEOS: um estudo sobre as características e relações familiares

Pesquisador: Renata Baleiro Diniz Teixeira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 03987712.2.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 237.710

Data da Relatoria: 04/04/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado no qual serão estudadas as relações que se constituem em famílias com crianças gêmeas. O projeto está claro, bem escrito e objetivo. Tem relevância científica e social. Aspectos metodológicos estão suficientemente descritos e as referências bibliográficas são atuais e pertinentes.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa tem como objetivo realizar um levantamento sociodemográficas, atividades e os principais eventos da vida em família com crianças gêmeas e investigar como se estabelecem as relações entre os subsistemas frateros e entre o subsistema parental e o subsistema filial sob a perspectiva de cada um dos gêmeos. Participarão da pesquisa 30 pessoas sendo o par de gêmeos e um responsável legal. Será aplicado o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar e o Network Relationship Inventory. O método proposto é o de estudo descritivo e a proposta de análise de dados é qualitativa, sendo pertinentes aos objetivos propostos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não prevê riscos aparentes. Como benefícios, pode-se produzir conhecimento de se existem e quais são as relações típicas de irmãos gêmeos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Está bem escrita, sua proposição é pertinente a área de conhecimento, agregará conhecimento

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrão Coube, nº 14-01

Bairro: CEP: 17.033-360

UF: SP **Município:** BAURU

Telefone: (143)103-6087 **Fax:** (143)103-6087 **E-mail:** arimaia@fc.unesp.br

"FACULDADE DE CIÊNCIAS
CAMPUS DE BAURU/ UNESP -
"JÚLIO DE MESQUITA



científico e tem muita relevância social em diferentes contextos sócio-econômicos. O cronograma é de agosto de 2012 a Fevereiro 2014, quando está prevista a defesa da dissertação; é exequível. O projeto contará com recursos próprios para a execução.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos para análise: Folha de rosto para pesquisa com seres humanos (CONEP); Projeto de Pesquisa; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer de considerações éticas favorável à aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado aprovado por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado.

BAURU, 04 de Abril de 2013

Assinador por:
Ari Fernando Maia
(Coordenador)

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (143)103-6087 Fax: (143)103-6087 E-mail: arimaia@fc.unesp.br

ANEXO D - Quadro Referencial para Análise do TDF

(Baseado em VALLE, 2000 e FREITAS; CUNHA, 2008)

Categorias	Especificações	Exemplos de Interpretação
1. Impressão global do ambiente gráfico	Qualidade do ambiente gráfico.	Desenho “limpo” - ambiente bom; adequado.
		Desenho “sujo”, rasurado - Ambiente confuso; conflituoso.
2. Localização do desenho na folha	Utilização do espaço.	Quadrante direito - representa o futuro; extroversão; socialização. O movimento do traçado da direita para a esquerda possui um sentido regressivo.
		Quadrante esquerdo - representa o passado; introversão; inibição. O movimento do traçado da esquerda para a direita possui um sentido progressivo.
		Quadrante superior - expressão de fantasias; sentimento de poder.
		Quadrante inferior - falta de fantasia ou de energia; depressão; insegurança; sentimento de inferioridade.
		Central - valorização da pessoa representada; segurança; equilíbrio.
		Colocação estranha (ex: no verso) - tensão, conflito, sentimento de inadequação.
3. Tamanho das figuras	Tamanho de cada membro e o tamanho de alguns membros em relação aos outros.	Tamanhos proporcionais aos reais - adequação a realidade.
		Maior (uma ou mais figuras em relação às demais) - dominância e/ou valorização das maiores em relação às outras (ex: uma grande figura materna sugere uma mãe dominante ou de maior importância para o Ego).
		Menor (uma ou mais figuras em relação às demais) - desvalorização; baixa-autoestima; sentimento de inferioridade (ex: um pai pequeno, pode sugerir menor importância desta figura para o Ego).

		Igual - competição, identificação.
4. Ordem no desenhar as figuras	Quem foi a primeira até a última figura desenhada.	Primeira figura - valorização da figura representada; desejo de ser o primeiro.
		Última figura - desvalorização ou conflito
5. Sequencia de figuras	Distribuição das figuras e grupos que representam afinidades e identificações dentro da família.	Ego ocupando o lugar de outro membro familiar - identificação com a figura trocada.
		Ego representou a si mesmo em outra forma (ex: bebe ou animal) - conflito; regressão; inadequação de si mesmo.
		Ego em primeiro lugar (fora da situação real) - liderança, sentimento de superioridade, desejo de ser valorizado.
		Ego em último lugar (fora da situação real) - sentimento de inferioridade, baixa autoestima.
		Invertida (iniciando pela criança de menor idade até alcançar as figuras dos pais) - desejo de ser valorizado e de ser centro de atenção.
6. Posição das figuras entre si	Distancia/proximidade entre as figuras.	Distancia entre as figuras – desunião; dificuldade de comunicação; distanciamento emocional. Pode configurar um sistema familiar desunido, sem a evidência de trocas emocionais e afetivas entre elas.
		Distancia do Ego em relação aos outros – sentimento de exclusão; rejeição; discriminação.
		Figuras próximas - necessidade de apoio; identificação; dependência.
		Figuras ligadas (ex: dando as mãos) - interdependência; falta de liberdade individual; isolamento grupal.
7. Elaboração das figuras	Estrutura física das figuras.	Estrutura semelhante entre as figuras (no todo ou em função do gênero) - dificuldade na identidade pessoal; precária

		individualidade.	
		Estrutura diferente entre as figuras - identidade pessoal.	
		Estrutura semelhante entre subsistemas (pai igual a mãe e irmãos iguais) - distanciamento entre os subsistemas parentais e fraternos.	
8. Qualidade do grafismo / Amplitude do traçado	Retrata a inibição ou expansão vital do Ego. Representa a força dos impulsos, com liberação ou inibição dos instintos. Esses aspectos podem ser considerados em relação ao desenho total ou podem ser usados para enfatizar um personagem (ex: um personagem desenhado com mais força no lápis do que os demais)	Pressão do traço	Forte - Expansão vital; impulsos expressivos.
			Débil - Inibição da expressão vital.
		Tipo do traço	Contínuo - decisão e autoafirmação.
			Com avanços e recuos - ansiedade; insegurança; emotividade.
			Consistente - energia e vitalidade.
			Tremulo - medo e insegurança.
		Tipo de linha	Normal - energia adequada
			Grossa - energia; autoconfiança ou agressividade e hostilidade ao meio
Fina - Insegurança; timidez; falta de autoconfiança			
9. Ênfases especiais	Detalhes do desenho, tais como destaques, descuido e expressão facial.	Destaques na decoração ou nos detalhes de alguma figura – valorização.	

		<p>Destaque da figura do Ego - autosuficiência; egocentrismo; desejo de ser valorizado.</p> <p>Desenho descuidado de determinadas figuras - desvalorização da figura mal desenhada.</p> <p>Expressão facial - expressa os sentimentos do Ego para com cada figura retratada, podendo apresentar um ar afetivo, bondoso ou agressivo, proibitivo.</p>
10. Omissões	De figuras essenciais (pais e irmãos).	Podem sugerir sentimentos de rivalidade, ciúmes ou de conflitos para com a pessoa omitida.
	Do Ego.	Omissão do próprio Ego pode representar que ele não se sente incluído na família, rejeitado, não tendo a sua participação ou ainda por não receber afeto do sistema familiar; exclusão da figura do ego – sentimento de isolamento; rejeição e ou inadequação.
	De partes do corpo (do Ego ou dos outros).	Conflito em relação à parte omitida (fig. E ou nas de outros), ou dificuldade de relacionamentos.
11. Barreiras	Figuras circunscritas ou separadas por algo.	<p>Pode se relacionar com o valor afetivo que o Ego tem para com a pessoa retratada, tanto positivamente como negativamente (ex: a circunscrição de um membro da família num círculo pode significar o isolamento ou proteção desta pessoa seja por razões afetivas ou situações circunstanciais como a vivência de uma doença). Bloqueios; afastamento ou isolamento.</p> <p>O distanciamento afetivo pode também ser representado pela colocação de elementos entre os membros da família, separando-os uns dos outros de modo a revelar interferência na</p>

		comunicação ou na troca afetiva.
12. Inclusão de outros elementos	Animais, brinquedos, paisagens, casas e etc.	Interpretação referidas às condições do Ego e da situação familiar - vem como adornos do desenho, representando um bom ambiente familiar; representa dinâmica familiar; vem como queixa, com excesso de informação?
	Linha de apoio na base das figuras.	Insegurança.
13. Sombreados, rasuras e rabiscos	Em determinadas figuras ou partes do corpo (do Ego ou dos outros).	Conflito ou desejo de afastamento das pessoas representadas ou parte(s) do corpo.

APENDICE A - Carta de Solicitação

Esta pesquisa está sendo realizada por meio do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - UNESP, conduzida pela pesquisadora Renata Balieiro Diniz Teixeira, sob orientação da Prof^a Dr^a Tânia Gracy M. do Valle.

Busca-se caracterizar o sistema familiar de crianças gêmeas e analisar as interações que se estabelecem nessas famílias. Para tanto, um dos pais responderá a um questionário que visa à caracterização da família e as crianças responderão a um inventário sobre as redes de relações familiares e realizarão um desenho da família.

Este estudo se desenvolve obedecendo a todos os preceitos éticos e a identificação dos participantes será absolutamente sigilosa, não constando nome ou qualquer outro dado que possa identificá-los no relatório final ou em qualquer publicação posterior sobre a pesquisa. A participação na pesquisa não acarretará nenhum dano previsível, não serão cobradas taxas pela participação, nem haverá o pagamento de qualquer vantagem.

Deste modo, viemos, através desta carta, solicitar a autorização para a realização da pesquisa, no que diz respeito à indicação de possíveis participantes e coleta de dados no espaço fornecido pela escola em horários previamente combinados.

Atenciosamente,

Renata Balieiro Diniz Teixeira
CRP 05/43004
e-mail: renata.bdt@hotmail.com

Autorizo a realização da pesquisa.

Assinatura do diretor ou responsável pela escola

Data: ____/____/____

APENDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa está sendo realizada por meio do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - UNESP, conduzida pela pesquisadora Renata Balieiro Diniz Teixeira, sob orientação da Prof^a Dr^a Tânia Gracy M. do Valle.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que a identificação dos participantes será absolutamente sigilosa, não constando nome ou qualquer outro dado que possa identificá-los no relatório final ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa.

Pela natureza da pesquisa, sua participação não acarretará quaisquer danos previsíveis, não serão cobradas taxas pela participação, nem haverá o pagamento de qualquer vantagem.

A seguir, damos as informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que qualquer informação desejada poderá ser fornecida a qualquer momento pela pesquisadora.

Título da pesquisa (provisório): Famílias com gêmeos: um estudo sobre as características e relações familiares.

Objetivo: Caracterizar o sistema familiar de crianças gêmeas e analisar as interações que se estabelecem nessas famílias.

Procedimento: Um dos pais responderá a um questionário que visa à caracterização da família e as crianças responderão a um inventário sobre as relações familiares e realizarão um desenho da família.

Após a conclusão da pesquisa os interessados em conhecer suas conclusões, poderão entrar em contato com a pesquisadora requisitando o acesso ao relatório final que estará à disposição. Uma cópia da dissertação também estará disponível para consulta na Divisão Técnica de Biblioteca e Documentação da UNESP - Campus de Bauru.

A sua participação, assim como a das crianças é totalmente livre, você pode se recusar a autorizar, assim como retirar seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo.

Agradecemos sua colaboração, enfatizando que a mesma em muito contribuirá para a construção de um conhecimento atual e aplicável à prática.

Renata Balieiro Diniz Teixeira
CRP 05/43004
e-mail: renata.bdt@hotmail.com

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento, eu _____,
portador do R.G. n° _____, concordo em participar da pesquisa e também,
autorizo meus filhos _____
e _____ a participarem dessa, na condição
de avaliados.

Data: ____/____/____

Assinatura do responsável